

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

NÚCLEO DE FAMÍLIA E COMUNIDADE

PAULA MENDES VERAS FIRME

**PERCEPÇÕES DE PAIS E MÃES ACERCA DAS INFLUÊNCIAS
INTERGERACIONAIS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS E
VALORES FAMILIARES**

São Paulo

2021

PAULA MENDES VERAS FIRME

**PERCEPÇÕES DE PAIS E MÃES ACERCA DAS INFLUÊNCIAS
INTERGERACIONAIS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS E
VALORES FAMILIARES**

Trabalho de monografia de conclusão do Curso de Especialização em Terapia Familiar e de Casal do NUFAC da PUC-SP da aluna PAULA MENDES VERAS FIRME, sob a orientação do Prof Dr. JOÃO LAURENTINO SANTOS.

São Paulo

2021

DEDICATÓRIA

Acima de tudo, dedico este trabalho à família de onde vim e onde aprendi o valor e a potência do modelo. Dedico à minha mãe, Márcia, por me ensinar (sem saber), sobre práticas educativas democráticas ao longo da minha infância e adolescência, priorizando o diálogo e a revisão das próprias formas de educar sempre que algo saia do eixo. Por confiar em seu materno solo e consistente e me deixar experimentar a vida e escolher meus caminhos a partir dos guias e orientações que me forneceu consistentemente.

Dedico também ao meu psicoterapeuta que, ao longo de muitas sessões, vem me acompanhando no descobrimento e ressignificação de experiências familiares que me marcaram e me marcam profundamente, no intuito de não perpetuar aquilo que vive em mim e não me serve. Este processo foi uma importante âncora ao longo de toda a pesquisa e leitura que fiz, que muitas vezes me trouxeram questionamentos pessoais dolorosos ao remeter a experiências pessoais.

Por fim, dedico este trabalho à minha filha Lis e a qualquer outro filho (a) que possa vir depois dela. Tornar-me mãe foi a transformação mais avassaladora e complexa pela qual passei e sigo passando. Foi o nascimento dela que me fez mergulhar de corpo, alma e coração na Terapia Familiar e de Casal e, não fosse por isso, fatalmente meu caminho na clínica seria outro e as questões que hoje brilham meus olhos, completamente diferentes. Um bocado dos questionamentos que basearam esta pesquisa surgiu em mim em momentos de dúvida e insegurança diante dela e da nossa relação. Dedico a ela o fruto de alguma elaboração possível para a relação que temos e tecemos diariamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu parceiro por assumir com maestria seu papel de pai e cuidador da casa em muitos dias e finais de semana para que eu pudesse sentar e me dedicar a escrever. Também por tolerar a minha ausência em momentos delicados e meus discursos monotemáticos ao longo de jantares a fio. Agradeço à minha filha pela (nem sempre fácil) compreensão da minha ausência nos finais de semana que antes eram dedicados a ela. Agradeço à família que construí com os dois, que me motivou e me admirou ao longo de todo o processo, acreditando no meu potencial e aliviando a culpa por estar ausente.

Agradeço a todos os clientes que já passaram por meu consultório e que, de alguma forma, expuseram padrões, dúvidas e questionamentos a respeito da forma como educam seus filhos, possibilitando reflexões acerca da forma como aprenderam a agir de determinadas formas e dos valores a elas atrelados. Foi com eles que, repetidamente, pude observar as correlações e repetições que motivaram a questão central do trabalho.

Agradeço a confiança dos participantes que responderam ao questionário e , especialmente, aos que forneceram um tempo do seu dia para responder às perguntas da entrevista, expondo-se ao lembrar de coisas nem sempre tão agradáveis diante de uma pessoa completamente desconhecida.

Por fim, agradeço ao meu orientador, João Laurentino, que me acolheu no tema que escolhi, respeitando minha forma de compreender os fenômenos e me apontando caminhos possíveis para estabelecer diálogos potentes. Também por me incentivar ao longo do processo e validar os meus esforços que muitas vezes pareciam sem sentido. Por provocar que eu me posicionasse onde eu achava que minha voz não tinha significado e, portanto, permitir que eu experimentasse uma posição de pesquisadora diferente daquela que eu conhecia até então.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema as práticas parentais, valores familiares e a transmissão intergeracional destes. Buscou-se uma melhor compreensão acerca da percepção de pais em fase de aquisição a respeito de suas práticas parentais e como estas se relacionam com as práticas educativas que receberam de seus pais. Além disso, outro objetivo foi investigar o papel dos valores familiares da família de origem e atual nas práticas educativas utilizadas com maior frequência. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa-quantitativa por compreender que um fenômeno de tamanha complexidade não poderia ser abarcado com apenas uma das ferramentas. A pesquisa quantitativa realizada via *Google Forms*, foi complementada com 4 entrevistas realizadas com 4 pessoas que haviam respondido o formulário e se disponibilizado a participar de uma segunda fase – a entrevista. Como fundamentação teórica, a autora utilizou a Teoria Geral dos Sistemas, fazendo correlações com a Teoria do Apego e também com os oito conceitos propostos por Bowen. Como resultado, notou-se que a percepção da reprodução de práticas e valores parentais parece ter sido suscitada pela pesquisa, tanto o questionário quanto as entrevistas. Ainda assim, os participantes relataram perceber diferenças entre a forma como foram educados e a forma como educam seus filhos, especialmente quando se trata de utilizar práticas educativas punitivas. Os valores familiares que desejam passar adiante e que norteiam as práticas mais utilizadas, no entanto, parecem se manter através das gerações, o que suscita questionamentos a respeito de como os participantes apreenderam os valores familiares e como fazem para ensiná-los através das práticas que utilizam. É de extrema importância considerar a vasta gama de informações sobre parentalidade e criação de filhos que circula na Internet, fator este que contribui grandemente para alterar as práticas, as atitudes. No entanto, os valores parecem não ser atingidos da mesma forma por estas informações.

Palavras-chave: intergeracionalidade, práticas educativas, práticas parentais, valores familiares, parentalidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS	13
2.1. Objetivo Geral	13
2.2 .Objetivos Específicos	13
3 MÉTODO	14
3.1. Procedimento	14
3.2. Participantes	15
3.3. Instrumentos	16
4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	17
5 PENSAMENTO SISTÊMICO E INTERGERACIONALIDADE	18
6 TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA FAMÍLIA	21
6.1. PRÁTICAS EDUCATIVAS E RELAÇÕES DE APEGO NA FAMÍLIA	21
6.2. PRÁTICAS EDUCATIVAS E VALORES	25
7 CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA INTERGERACIONAL DE BOWEN	29
8 RESULTADOS QUANTITAVOS	34
9 ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS	45
10 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	57
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	74
ANEXO I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	76
ANEXO II – Questionário	78
ANEXO III – Roteiro de Entrevista	85

ANEXO IV – Transcrição de Entrevistas	86
Entrevista 1	86
Entrevista 2	97
Entrevista 3	113
Entrevista 4	132

1 INTRODUÇÃO

Muitos estudiosos vêm se debruçando sobre o tema das práticas parentais, seus efeitos a curto e longo prazo nas crianças e nas relações destas com o mundo. Segundo Macarini et al (2010), as práticas podem ser designadas com os seguintes termos nas publicações existentes: estilos parentais, práticas educativas ou cuidados parentais. Os autores fizeram uma revisão bibliográfica das pesquisas que giram em torno deste tema e encontraram uma variedade de trabalhos que articulam o estilo parental dos pais e o comportamento dos filhos. Há referências à forma como tais práticas podem afetar o comportamento das crianças (Bortolini e Andretta, 2017; Mondin, 2017), bem como possíveis impactos de determinadas práticas para a aprendizagem, sociabilidade (Prado Martins et al, 2017), agressividade (Bortolini e Andretta, 2017) e alimentação das crianças (Huçalo e Ivatiuk, 2017), o que demonstra a importância de se pensar a respeito desta variável na relação de pais e filhos, visto que esta tem potencial de transformar as relações com os outros, com o mundo e consigo mesmo.

O estudo de Mondin (2017), lança luz sobre o relacionamento entre pais e filhos como preditor de problemas de comportamento a partir de diferentes pesquisas que correlacionam práticas parentais à comportamento inadequado das crianças. O estudo aponta, ainda, a importância de observar o contexto socio-econômico-cultural das famílias para compreender o fenômeno da parentalidade de maneira mais ampla e complexa e , inclui portanto, a família de origem dos genitores nesta análise. Já Martins et al (2017) investigou a correlação entre três dimensões chamadas pelos autores de controle psicológico/ afeto/controle comportamental, e o nível acadêmico dos genitores, o gênero das crianças e seu desempenho acadêmico e social. Como resultado, concluiu-se que crianças com mais habilidades sociais parecem ter cuidadores que não fazem uso da dimensão que foi chamada de controle psicológico. Por outro lado, filhos que tem melhor desempenho acadêmico, parecem estar sob cuidado de pais mais afetuosos e responsivos, que usam com pertinência ferramentas para controle comportamental.

Nos que concerne às práticas punitivas, Bortolini e Andretta (2017) buscaram compreender ao efeitos das práticas deste tipo no comportamento que os pais desejavam alterar nos filhos, bem como o efeito de um treinamento de pais que visava transformar a forma como essas famílias se relacionavam. Como resultados, percebeu-se que a

adesão dos pais às sessões com os pesquisadores e às ferramentas e instruções que lhes eram passadas foi fator determinante para obtenção de mudança nas relações familiares, o que evidencia um contexto complexo por trás da manutenção de práticas parentais coercitivas, além da reprodução de padrões comportamentais sem a consciência dos mesmos. Mudanças aconteceram ao longo de 27 sessões com apenas uma família que aderiu mais às intervenções. Portanto, pode-se considerar o caráter multifatorial que permeia o comportamento de uma criança, bem como os relacionamentos intra e extra familiares.

Para exemplificar a variedade de áreas nas quais o comportamento parental pode afetar/influenciar/alterar o comportamento das crianças, o estudo de Huçalo e Ivatiuk (2017) investiga a correlação entre práticas parentais e o comportamento alimentar dos filhos. Como resultados, encontraram correlação entre punição inconsistente, negligência e o comportamento alimentar disfuncional das crianças, pois não propiciam um ambiente favorável à uma boa relação com a comida e com a hora de se alimentar.

A prática clínica ao longo dos últimos anos, evidenciou, através do uso do genograma (Wendt e Crepaldi, 2008) a falta de percepção que os jovens pais tem da correlação, ou não, entre as práticas parentais de seus genitores e as práticas que utilizam com seus filhos. Esta investigação levou-me a questionar se é possível que existam correlações intergeracionais entre a forma como os pais foram educados e a forma como educam seus filhos atualmente. Há repetição de padrões? Os valores que embasam as práticas, se repetem? São condizentes com o que se diz querer ensinar?

Embora eu me depare com *evidências* na clínica que correlacionam as práticas na família de origem e as práticas na família atual, percebe-se, com frequência as seguintes questões: repetição de padrões sem que haja, necessariamente, a percepção e dos mesmos; desejo por passar adiante os valores da família de origem através de práticas educativas diametralmente opostas à estes. Além disso, repetidas vezes acompanho casais em conflito devido à divergências entre o que consideram práticas educativas parentais adequadas e valores e crenças à que foram expostos na família de origem e desejam passar adiante.

Ao longo da pesquisa por referências, encontrei artigos que se aprofundam na intergeracionalidade das práticas parentais como, por exemplo, a publicação de Marin et

al (2013), que apresenta evidências empíricas da transmissão intergeracional de práticas parentais, e sugere que essa transmissão não é heterogênea, mas sim multifatorial e, portanto, mais complexa do que a simples repetição de padrões. Por vezes ela acontece e por vezes não, o que também leva a considerar que as práticas parentais são parte de um processo relacional entre pais e criança e não apenas fruto da história do genitor com sua família de origem. No entanto, não há resultados que aprofundem a explanação a respeito de outras variáveis envolvidas na forma como jovens pais escolhem educar seus filhos, nem tampouco da percepção que têm sobre os valores que norteiam suas práticas.

Gheorghiu, Gruson e Vari (2008), por sua vez, avaliaram a relação entre classe social e as práticas parentais de famílias de classe média de Paris e concluiu que há uma educação de classe, ou seja, uma forma de educar que se relaciona diretamente com a classe social na qual a família está inserida. Essa interferência se mostra presente especialmente na diferenciação entre estudo/trabalho e educação escolar/educação familiar. Para o estudo, isso explicaria descontinuidades entre a educação que os pais receberam dos próprios pais e as que dão para os filhos, já que as famílias entrevistadas ocupavam, no quando da entrevista, uma classe social mais privilegiada do que aquela na qual nasceram e cresceram. Ou seja, é possível que o acesso à informação e à cultura, de maneira geral, tal qual se tem nas classes mais privilegiadas, altere a percepção que o indivíduo tem sobre si e sobre sua criação, possibilitando ressignificações e, então, escolhas diferentes.

O estudo também detecta mudança nos estilos parentais e o declínio de comportamentos autoritários, que se transformaram em obrigações morais, o que denota uma possível relação entre autoritarismo e classes sociais mais baixas enquanto famílias de classes sociais abastadas poderiam estar associadas a um estilo mais responsivo e democrático de criação.

Um segunda forma de se pensar sobre práticas educativas parentais é conectá-las à teoria do apego tal qual proposta por Bowlby (1969/1990), buscando correlacionar a forma como uma pessoa educa um filho ao tipo de vinculação com os próprios pais. Segundo o autor, a criança pode desenvolver ao longo dos primeiros anos de vida, um tipo de apego (vinculação) com a figura de referência em seus cuidados que servirá de '*script*' para todas as suas relações íntimas ao longo da vida. Existem, classicamente, 4 tipos de apego: o seguro, o evitativo, o inseguro e o desorganizado, sendo apenas o

primeiro considerado saudável e desejável. O apego seguro se caracteriza pela relação do bebê com cuidadores que estejam a maior parte do tempo sensíveis às suas necessidades de exploração, bem como às necessidades de acolhimento, proteção e segurança, fornecendo a ele uma base segura para conhecer e se relacionar com o mundo e com as pessoas. Por outro lado, figuras de apego que consistentemente encontram maior dificuldade em perceber os sinais de que o bebê/criança precisa de mais segurança ou de mais autonomia, constituem com ela uma relação de apego inseguro, evitativo ou desorganizado, a depender da forma como reagem ao comportamento da criança (ou seja, a depender das práticas utilizadas). Correlacionando as práticas parentais ao conceito de apego seguro (Bowlby, 1969/1990), é possível encontrar convergências entre as práticas ditas como democráticas e/ou positivas e o conceito de apego seguro, já que um cuidador atento e disponível é capaz de manejar melhor o comportamento da criança, inclusive os desafiantes. Uma relação de apego seguro só pode ser estabelecer com base no respeito à criança, à escuta dos anseios e medos e na disciplina consistente e carinhosa. Por outro lado, práticas autoritárias, negligentes ou permissivas relacionam-se aos outros tipos de apego - evitativo, desorganizado, inseguro. Isto se dá pois cuidadores pouco responsivos, autoritários, violentos ou negligentes não conseguem perceber os sinais que o bebê/criança dá de que precisa de mais/menos autonomia ou mais/menos acolhimento. Uma relação com base em muitas interpretações equivocadas destes sinais pode levar aos tipos de apego descritos a seguir. O apego inseguro caracteriza-se pela não confiança da criança no adulto responsável pelo seu cuidado. Não há consistência na relação e a criança passa a não saber quando pode recorrer a ele ou não e torna-se extremamente apegada, o que reduz sua possibilidade e interesse de exploração do mundo. A criança com apego evitativo aprendeu que não pode confiar em seus cuidadores com consistência e, por isso, passa a realizar suas descobertas sozinha, bem como aprende a lidar com sentimentos de insegurança e medo sem a ajuda do cuidador. Desta forma, na ausência dele, ela se sente tranquila e segura, relacionando-se bem com o desconhecido. Por fim, o apego desorganizado é característico das relações onde houve violência ou abuso e é o mais grave de todos, levando a dificuldades grandes de relacionamento futuro.

Neste sentido, o estudo de Bortolini e Piccinini (2015), encontrou correlações fortes entre o padrão de apego (seguro) de duas mães de crianças com aproximadamente 24 meses para com seus filhos e para com seus genitores. Os autores utilizaram diversos

testes, escalas e métodos para avaliar, quantificar e analisar as correlações e o resultado aponta para uma repetição do tipo de apego, o que pode sugerir práticas parentais semelhantes às utilizadas por seus genitores, bem como valores e crenças que apontam na mesma direção. Num estudo qualitativo, Bortolini e Piccinini (2017) também encontraram correlações entre o apego inseguro de crianças e a representação de apego materna, que se mostrou também ser de base insegura.

Ainda que existam muitos estudos que abordem o tema da intergeracionalidade das práticas parentais, dos valores e das crenças, não foi possível encontrar pesquisas que evidenciem a percepção dos pais a respeito de como isso está sendo reproduzido (ou não) de geração em geração. Entende-se que a forma pela qual educamos nossos filhos (práticas parentais), traduzem valores familiares que desejamos manter ou instituir. Este processo pode ser ativo e consciente, como pode não ser e esse é um dos campos que contribui para a busca de famílias por atendimentos de orientação de pais como o realizado em meu consultório. Para explorar se e como valores e crenças passam a ser associados a práticas parentais coerentes com os mesmos, o presente estudo teve como objetivo verificar se os genitores fazem alguma distinção relevante entre os valores que lhes foram transmitidos enquanto filhos e os valores que desejam transmitir aos seus. Ainda, foi necessário compreender se, nas famílias participantes, existem práticas parentais sendo utilizadas sem a compreensão do valor expresso por elas e vice-versa. No dia-a-dia do consultório, me deparo com famílias que, por exemplo, prezam pela obediência dos filhos acima de tudo, mas desejam transmitir o valor da pró-atividade, autonomia e pensamento crítico, o que mostra-se contraditório ao que vem tentando fazer para terem filhos mais obedientes. Esta vivência mostra a pertinência de compreender mais profundamente a conexão entre valores da família de origem, atual e como se relacionam na hora de educar uma criança. Como objetivos secundários, foram investigados fatores que podem influenciar estas percepções tais como: classe social, escolaridade, idade dos filhos, engajamento em processo terapêutico prévio, entre outros.

2 OBJETIVOS

Este estudo teve por objetivos:

2.1. Objetivo Geral

Buscar uma melhor compreensão acerca da percepção de pais em fase de aquisição a respeito de suas práticas parentais e como estas se relacionam com as práticas educativas de seus pais. Investigar o papel dos valores familiares de sua família de origem e atual nas práticas educativas utilizadas com maior frequência.

2.2 .Objetivos Específicos

Aferir, segundo a compreensão dos pais, quais são as práticas educativas que eles repetem em função dos padrões e modelos da educação que receberam, e os valores que transmitem.

Verificar quais as expectativas dos pais em relação ao papel parental que estão exercendo.

Saber se percebem e como percebem a educação que tiveram e as práticas educativas que realizam, e se fazem distinção entre ambas.

Saber quais valores os pais consideram mais importantes ao educar.

3 MÉTODO

Foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos e teses nas seguintes fontes: Google Acadêmico, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) e na Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia (BVS-Psi). Foram utilizadas como base de pesquisa as publicações que apresentavam em suas palavras-chave ao menos uma das seguintes: parentalidade, estilos parentais, intergeracionalidade, valores familiares, práticas educativas, práticas parentais.

Considerando o que se pretendeu investigar, foi conduzida uma pesquisa quanti-qualitativa para mapeamento das famílias em termos socio demográficos e aferição da compreensão dos pais em relação à educação que receberam e que realizam. O aspecto qualitativo deveu-se ao conteúdo das perguntas da entrevista que foi conduzida pela pesquisadora na segunda etapa do trabalho. Neste contexto, compreendeu-se que a pesquisa qualitativa se fez relevante para acessar informações e experiências familiares que a pesquisa quantitativa não abarca em toda sua complexidade tais como: sentimentos que surgem na conversa com a pesquisadora, histórias compartilhadas, expressões faciais e corporais, dentre outros. Tais fatores, considerando a família de origem como temática a ser evocada, tornaram-se de extrema valia para a pesquisa.

3.1. Procedimento

A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira consistiu na elaboração, testagem e liberação de um questionário *on-line* que foi enviado em grupos previamente selecionados da rede social *Facebook* e em grupos de *Whatsapp*. A pesquisadora disponibilizou o *link* do questionário para ser respondido livremente por famílias com crianças em idade pré-escolar, ou seja, até 5 anos e 11 meses. O questionário era constituído de perguntas fechadas e teve como objetivo construir uma descrição das características das famílias, mapear dados sociodemográficos e aferir percepções acerca da educação que os pais receberam e as práticas parentais que utilizam com seus filhos.

Numa segunda fase, após a categorização e análise dos dados obtidos no questionário, foram convidados 4 participantes que responderam ao questionário e demonstraram interesse em participar de uma entrevista em profundidade via videoconferência. Nesta, a autora aprofundou a compreensão de categorias emergentes do questionário, visando acessar práticas parentais, valores e crenças que acreditam

terem sido norteadoras ao longo de sua criação e da criação que desejam proporcionar para seus filhos.

Para as quatro entrevistas, o participante recebeu, antecipadamente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I) criado e disponibilizado em plataforma online (*Google Forms*).

A entrevista foi composta de perguntas de cunho exploratório, buscando a compreensão das experiências familiares dos participantes, bem como a clarificação de conceitos aferidos no questionário online.

Foi realizada uma única entrevista com cada um, via o aplicativo “*Skype*”, versão padrão, pela Internet através de conexões de voz e vídeo via computador, *tablet* ou *smartphones*. O *Skype* foi escolhido como ferramenta de videoconferência para atender às recomendações do isolamento social em função do COVID-19 que enfrentamos no momento e para viabilizar a gravação da entrevista pela pesquisadora.

Devido a metodologia da pesquisa ser realizada por meio virtual, a pesquisadora se comprometeu a seguir as orientações éticas desse meio notificada pela *Association of Internet Researchers*¹, que orienta a informar de maneira clara e objetiva a finalidade da pesquisa aos participantes do estudo, garantir a confidencialidade dentro dos limites estabelecidos para uma pesquisa e a obter delas seu consentimento formal.

3.2. Participantes

Foram enviados formulários para que pais de crianças de até 5 anos e 11 meses respondessem, não havendo limitação de idade, local de residência ou qualquer outra característica dos mesmos. Ao todo, foram enviadas 112 respostas ao questionário. Estas retratam um perfil de respondentes majoritariamente feminino (92,9%), com idade entre 31 e 40 anos (72,3%). A amostra foi composta por uma maioria de participantes com graduação completa, grande parte deles na área da saúde (médicos, psicólogos, fonoaudiólogos etc), pertencentes às classe C e B, de acordo com as rendas familiares. Além disso, os participantes residem majoritariamente na região Sudeste do Brasil (mais

¹ *Association of Internet Researchers* é uma associação acadêmica internacional dedicada à promoção de pesquisas críticas e acadêmicas na Internet.

especificamente, o Estado de São Paulo).

Para a entrevista, foram selecionados 4 participantes de maneira aleatória, com base na disponibilidade para entrevista com a pesquisadora. Todos eles possuíam no mínimo graduação completa, ainda que não estivessem atuando na área (como foi o caso de duas pessoas). Dentre os quatro, apenas um era homem e apenas uma possuía mais de um filho. A faixa etária dos filhos dos entrevistados variou entre 1 e 4 anos e a faixa etária dos participantes variou entre 32 e 38 anos, na época em que as entrevistas ocorreram.

3.3. Instrumentos

Como instrumento dessa pesquisa foi utilizado, na primeira etapa, um questionário a ser preenchido via *Google Forms*, composto majoritariamente por perguntas de múltipla escolha, todas obrigatórias à exceção do nome e das duas últimas (dados para contato e comentários livres). O questionário continha 3 sessões. A primeira visava coletar os dados sociodemográficos dos respondentes, tais quais: idade, profissão, grau de escolaridade, gênero, classe social e local de residência (estado e cidade). A sessão dois teve como objetivo averiguar a relação dos respondentes com seus filhos e era composta por perguntas focadas nas práticas parentais aprendidas e reproduzidas, bem como aquelas que escolheram não reproduzir enquanto pais. Além disso, nesta sessão também estavam as perguntas sobre os valores mais importantes ao educar e a percepção dos pais acerca da intergeracionalidade das práticas educativas. A terceira e última sessão tratava daqueles que desejavam dar continuidade à pesquisa e comentários gerais.

Na segunda etapa, foi realizado um roteiro de entrevista, com perguntas semiestruturadas, conduzido pela pesquisadora via plataforma *online*, de forma a conseguir ouvir e explorar com cada um deles os objetivos específicos descritos acima. Os quatro participantes foram escolhidos aleatoriamente a partir da disponibilidade para participar desta segunda etapa, declarada no momento do preenchimento do questionário.

4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O presente projeto seguiu todos os pré-requisitos para a pesquisa envolvendo seres humanos, de acordo com a resolução nº 196/96 do Ministério da Saúde. O projeto obteve a aprovação do Comitê de Ética da PUCSP e da Plataforma Brasil.

Todos os participantes assinaram e concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I) via questionário eletrônico (*Google Forms*). Desta forma, fica garantido sigilo total de suas identidades, bem como a interrupção de sua participação quando e se desejassem. Nenhum dos participantes sentiu necessidade de conversar com a pesquisadora após as entrevistas, ainda que isso lhes tenha sido oferecido caso sentissem necessidade de elaborar melhor as experiências e vivências evocadas ao longo da conversa.

5 PENSAMENTO SISTÊMICO E INTERGERACIONALIDADE

De maneira sucinta e objetiva, pode-se dizer que a Teoria Sistêmica, base para a Psicologia Sistêmica, compreende o universo como um grande organismo vivo e, portanto, os fenômenos que nele ocorrem não podem ser compreendidos isoladamente como se pressupõe no pensamento cartesiano, mas sim como partes de algo maior (Gomes, Bolzi, Bueno e Crepaldi, 2014). Neste sentido, a Psicologia Sistêmica compreende os indivíduos não como seres a serem estudados por si só, mas sim compreendidos dentro de uma teia de relações e relacionamentos interconectados e interdependentes: a família. Existem diversos conceitos importantes para se compreender a Teoria Sistêmica, no entanto, há três conceitos relevantes para compreender o presente trabalho: *feedback* e *retroalimentação*, *hierarquia* e *comunicação*.

É através dos conceitos de *feedback* e *retroalimentação* que se passa a compreender a forma como a informação circula dentro e entre os membros do sistema. A *retroalimentação* pode ser positiva ou negativa. Quando negativa, mantém a homeostase do sistema, ou seja, não gera mudanças. Quando positiva, se dá a morfogênese, ou seja, a mudança do sistema (Gomes, Bolzi, Bueno e Crepaldi, 2014). Tal mudança pode vir a destruir o sistema ou, caso a estrutura dele permita, produzir transformação, gerando uma nova forma de funcionar. É através deste processo que se pode, por exemplo, compreender e explicar como se dá, ou não, a mudança de práticas educativas parentais ao longo de gerações familiares. Quando se percebe mudanças, pode-se dizer que o sistema sofreu morfogênese e foi capaz de se reorganizar em torno de um novo funcionamento. Ao mesmo tempo, as vezes é necessário que rompimentos abruptos sejam feitos entre a família de origem e a atual para que haja espaço para novas escolhas, o que poderia culminar na destruição do sistema familiar de origem. Há também que se compreender que a força da *retroalimentação negativa* também incide em casos nos quais há perpetuação de padrões, com ou sem a percepção dos membros do sistema. Isso indica que a reprodução das práticas parentais e dos valores que as baseiam pode se dar também pelo processo de *feedback negativo*.

Gregory Bateson (apud. Gomes et al, 2014) formulou a teoria da comunicação, partindo do pressuposto de que ela é complexa e envolve sempre três fatores: sintaxe

– transmissão da informação; semântica – significado dos símbolos e pragmática – aspectos comportamentais envolvidos na comunicação. De acordo com Gomes et al. (2014), quando há interação constante entre duas pessoas, há estimulação concomitante do que está sendo dito ou feito. Assim, nota-se que a importância da comunicação não reside apenas na intenção de passar uma mensagem adiante, mas também à influência que esta pode ter sobre as atitudes e os comportamentos da dupla que interage.

Quando trazemos o conceito de comunicação, tal qual proposto por Bateson, como ferramenta de análise do que se propõe a estudar nesta pesquisa, podemos compreender de maneira mais criteriosa por quais meios se dá a transmissão de práticas educativas parentais e dos valores nelas compreendidos. Algo que se sabe sobre valores universais é que estes não se apreendem através da linguagem falada, e sim de exemplos e daquilo que se apresenta de maneira implícita nas interações e conversações. Portanto, seja a reprodução de padrões reconhecida ou não, há de se considerar que ela ocorre, em parte, pelo princípio da comunicação dentro do sistema, influenciando e reforçando determinados padrões de comportamento e comunicação, e preterindo outros.

Ainda de acordo com Gomes et al. (2014), a *hierarquia* é a principal característica da organização de organismos vivos. É por ela e através dela que se formam os sistemas dentro dos sistemas (subsistemas) e, partindo de tal conceito, pode-se compreender como se dá a hierarquia dentro da família atual em relação à família de origem e/ou as gerações anteriores. Há independência da família atual em relação à de origem, ao mesmo tempo em que há dependência. Neste sentido, pode-se pressupor uma constante balança entre pertencer e se diferenciar quando tratamos da forma como um membro do sistema original deseja conduzir as práticas educativas dentro de sua própria família. Diferenciar-se completamente pode tensionar as relações e levar a rompimentos, pertencer por inteiro leva a uma não diferenciação prejudicial ao indivíduo e também ao parceiro (a) com quem constrói a família atual e precisa negociar as práticas educativas que serão utilizadas na criação dos filhos. Existe grande complexidade na forma como essa interação acontece, o que pode predispor conflitos e confusões no quando da chegada dos primeiros filhos de um casal, considerando que cada membro do casal conjugal pertence a um sistema hierárquico que pode ou não ser semelhante em valores e crenças

Os conceitos acima apresentados mostram-se de grande relevância para

compreender e analisar os dados da pesquisa, dado que a intergeracionalidade de práticas parentais é um tema que pode ser amplamente estudado a partir dos pressupostos da Teoria Geral dos Sistemas e , em consequência, da Psicologia Sistêmica.

6 TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA FAMÍLIA

6.1. PRÁTICAS EDUCATIVAS E RELAÇÕES DE APEGO NA FAMÍLIA

Conforme dito anteriormente, segundo Bowlby (1969/1990), a criança desenvolve, ao longo dos primeiros anos de vida, um tipo de apego com a figura de referência em seus cuidados que servirá de *'script'* para todas as suas relações íntimas ao longo da vida. Pessoas com apego seguro terão mais facilidade em desenvolver relacionamentos afetivos saudáveis e respeitosos, ao passo que os outros tipos de apego predis põem relacionamentos tendendo à desorganização. Pensando nisso, é possível questionar como essas relações de apego podem interferir nas relações entre pais e filhos ao longo das gerações de uma mesma família, considerando que se trata de um *'script'* que funciona como base para todas as relações de afeto, inclusive aquelas entre pais e filhos. Com certa frequência, percebo-me questionando a respeito dos modelos parentais que meus clientes tiveram e como isso os afeta, de maneira direta ou indireta, até hoje. Seja em casais que me procuram para orientações sobre as diferentes fases do desenvolvimento e como lidar com os entraves e desafios, seja em clientes na clínica tradicional, nas sessões individuais. Em todos os atendimentos, este questionamento me leva a querer saber mais sobre como esta pessoa, hoje adulta, percebe, nomeia e elabora a sua própria infância e a relação que teve com seus genitores. Por vezes, é interessante perceber que, mesmo quando a relação com os pais não se constituiu como uma fonte de apego seguro, os clientes desenvolveram repertório de enfrentamento de adversidades a partir de outros modelos ou relações consistentes que constituíram ao longo da vida. Além destes fatores, a psicoterapia também aparece como influência positiva na elaboração de vivências familiares desorganizadas.

Diante disto, questiono-me como se pode aferir uma característica intrínseca, subjetiva e não mensurável. Nas pesquisas bibliográficas encontra-se com frequência a avaliação, por meio de escalas padronizadas e entrevistas, de como se deu a relação de apego, entendendo-se quais as práticas educativas eram utilizadas com maior frequência e a percepção que os filhos têm a respeito da relação com seus genitores. Conforme citado anteriormente, determinadas práticas parecem se correlacionar mais frequentemente com determinados tipos de apego. Correlacionando as práticas parentais ao conceito de apego seguro (Bowlby, 1969/1990), é possível encontrar convergências

entre as práticas ditas como democráticas, positivas e o conceito de apego seguro, já que um cuidador atento e disponível é capaz de manejar melhor o comportamento da criança, inclusive os desafiadores. Uma relação de apego seguro só pode ser estabelecer com base no respeito à criança, à escuta dos anseios e medos e também na disciplina consistente e carinhosa. Por outro lado, práticas autoritárias, negligentes ou permissivas relacionam-se aos outros tipos de apego - evitativo, desorganizado, inseguro pelos mesmos motivos citados acima. Cuidadores pouco responsivos, autoritários, violentos ou negligentes não conseguem perceber os sinais que o bebê/criança dá de que precisa de mais/menos autonomia ou mais/menos acolhimento e uma relação com base em muitas interpretações equivocadas destes sinais pode levar aos tipos de apego descritos a seguir. O apego inseguro caracteriza-se pela não confiança da criança no adulto responsável pelo seu cuidado. Não há consistência na relação e a criança passa a não saber quando pode recorrer a ele ou não, e torna-se extremamente apegada o que reduz muito sua possibilidade de exploração do mundo. A criança com apego evitativo aprendeu que não pode confiar em seus cuidadores com consistência e, por isso, passa a realizar suas descobertas sozinha, bem como aprende a lidar com sentimentos de insegurança e medo sem a ajuda do cuidador. Desta forma, na ausência dele, ela se sente tranquila e segura, relacionando-se bem com o desconhecido. Por fim, o apego desorganizado é característico das relações onde houve violência ou abuso e é o mais grave de todos, levando a dificuldades grandes de relacionamento futuro.

Buscando compreender a intergeracionalidade das relações de apego, os estudos de Bortolini e Piccinini (2015/2017) se empenharam em estabelecer correlações entre estas e as práticas educativas que se perpetuam ao longo das gerações de uma mesma família. De acordo com os achados dos autores há reprodução de determinadas práticas que culminam em relações de apego do mesmo tipo. Ou seja, parece que práticas parentais mais responsivas, coerentes e afetuosas se relacionam majoritariamente a relações de apego seguro, enquanto práticas educativas negligentes e autoritárias (permissividade, agressividade, castigos, gritos, entre outros) se associam a tipos de apego inseguro. Tais práticas parecem tender a ser reproduzidas de uma geração à outra, como melhor descrito a seguir.

Bortolini e Piccinini (2017), investigaram a correlação entre relação de apego com a figura principal de cuidado na infância, os comportamentos parentais futuros, a relação cuidador-filho e as relações de apego dos filhos. Houve, no estudo, a intenção de

investigar, portanto, se a relação de apego do genitor com seus pais afetaria de alguma forma a capacidade deste de estabelecer uma relação de apego diferente com seus próprios filhos. Num estudo semelhante, voltado a investigar a intergeracionalidade do apego seguro, Bortolini e Piccinini (2015), investigaram a relação entre o apego seguro, as práticas parentais que levariam a ele e a prevalência das mesmas ao longo de três gerações. Descobriu-se que existe um padrão de transmissão das relações de apego que denotam maior probabilidade destes cuidadores (aqueles com apego seguro) oferecerem e se tornarem base segura para o desenvolvimento de seus filhos. Aparentemente, estes cuidadores desenvolvem um repertório mais aguçado de enfrentamento das adversidades que favorece melhor performance diante delas quando há o nascimento dos filhos.

Ao mesmo tempo existem estudos que apontam na direção oposta e, ao não encontrarem as mesmas relações, fazem a análise de que é possível mudar, ao longo da vida a depender de algumas contingências externas como, por exemplo, psicoterapia e estabelecimento de relacionamentos saudáveis e seguros na vida adulta. Tais achados são significativos no sentido de que apontam para o caráter não determinista da intergeracionalidade de práticas parentais, o que sugere que há mais a ser estudado do que a simples reprodução de práticas específicas em contextos similares. Aqui se constitui a importância dos outros capítulos do presente estudo, que abordam temas circunscritos na Psicologia Sistêmica e busca compreender a intergeracionalidade por outros vieses para além das relações de apego. É sabido também, que o acesso a determinados contextos que favoreçam a construção de outros tipos de relacionamento quando se tem uma base familiar desorganizada é intimamente relacionado ao poder aquisitivo da família e/ou do indivíduo em questão. Infelizmente, o serviço prestado pelos psicólogos ainda é voltado majoritariamente para a elite intelectual e econômica no nosso país, não apenas por se constituir, muitas vezes, na única fonte de renda do profissional de psicologia mas também por não ter encontrado formas de adentrar as camadas menos abastadas de forma homogênea e consistente, visto que faltam políticas públicas realmente efetivas neste sentido. Portanto, é possível se pensar que quando há a constituição de uma relação de apego inseguro, desorganizado ou evitativo, há maiores chances de mudar o *script* da infância quando o indivíduo é, ou passa a ser (Gheorghiu, Gruson e Vari, 2008), parte da elite intelectual e econômica, ao menos quando se considera a realidade brasileira.

No mesmo sentido, o estudo de Weber (2006) buscou analisar três gerações familiares e as práticas parentais que utilizavam para compreender se e quais destas eram reproduzidas nas gerações seguintes. As práticas analisadas foram medidas através das Escalas de Qualidade na Interação Familiar – EQIF (Weber, Viezzer e Brandenburg, 2003), que buscam avaliar a interação familiar e o relacionamento pais e filhos através de 72 questões que se apresentam divididas em 12 categorias: relacionamento afetivo, envolvimento, regras, reforçamento, comunicação positiva dos pais, comunicação positiva dos filhos, comunicação negativa, punição inadequada, modelo, sentimento dos filhos, clima conjugal positivo, clima conjugal negativo. Como resultado, percebeu-se que a maioria das práticas foram perpetuadas nas três gerações analisadas, exceto em três categorias de análise – relacionamento afetivo em relação à mãe; envolvimento em relação à mãe e comunicação positiva dos filhos em relação à mãe. Nas últimas décadas, o olhar para a infância e para o desenvolvimento nos ajuda a compreender estes dados na medida em que observamos o realce, por parte dos estudos, na importância da comunicação e do afeto para o desenvolvimento infantil saudável. Passou-se então, do entendimento de que filhos deveriam obedecer sem contestar para o contexto no qual eles possuem espaço para argumentar e, a depender da situação, ter a palavra final. Os dados encontrados pela autora vão de encontro à esta reestruturação da percepção de infância, pois lança luz sobre a importância de investimento afetivo dos pais na comunicação para com os filhos. Outro dado importante de ser ressaltado é o destaque para a mãe nas três categorias que sofreram alteração, o que conta sobre o papel ainda majoritário das mulheres em conduzir e pensar a respeito da criação dos filhos. Estas mesmas categorias permanecem praticamente inalteradas em relação aos pais - homens, o que significa que as práticas parentais deles permanecem muito similares hoje ao que eram três gerações atrás.

Em suma, pode-se dizer que as práticas educativas parentais são preditoras da relação de apego dos filhos, dos netos e bisnetos apenas na medida em que as pessoas desta família permanecem em uma estrutura social, econômica e relacional semelhante à de seus antepassados. Isso porque existem estudos que denotam a possibilidade de mudança devido à fatores externos como mudanças nas práticas e crenças culturais e mudanças econômicas nas famílias em relação à suas famílias de origem (Gheorghiu, Gruson e Vari, 2008). Pode existir, portanto, de maneira consistente, intergeracionalidade de relações de apego, mas estas podem sofrer alterações a depender de outros fatores.

Nos capítulos a seguir, falarei um pouco sobre outros dois aspectos importantíssimos a serem considerados quando se fala de intergeracionalidade. Em relação à este tema, o estudo de Pontes et. al (2007) traz reflexões importantes a respeito do olhar sistêmico para a teoria do apego tal qual ela vem sendo estudada. Dentre as críticas, fala-se sobre a consideração sistêmica de que é na família que as relações de apego se formam. As pesquisas e análises se debruçam sobre uma díade muito específica – cuidador/bebê, desconsiderando por completo o contexto relacional complexo no qual esta relação diádica se estabelece. Cabe ressaltar aqui os conceitos trazidos no capítulo I, que fazem referência, dentre outras coisas, ao fato de que existem relações hierárquicas estabelecidas dentro de um sistema que constituem a diferenciação entre: o sistema familiar e a díade cuidador- bebê; entre o bebê e o sistema conjugal; entre o triângulo formado por pais e bebê e as famílias de origem e assim por diante. O que foi discutido até aqui é resumido de maneira bastante didática por Pontes et al (2007) na seguinte transcrição:

“...um construto que descreva os padrões de interação de uma díade provê informações úteis e únicas para a compreensão do todo, mas, por outro lado, não permite capturar os padrões de interação na família. Portanto, é necessário compreender não apenas as propriedades únicas da díade e da família, mas também as relações entre estes dois níveis de complexidade.” (Pontes et al, 2007, p. 74)

6.2. PRÁTICAS EDUCATIVAS E VALORES

Nem sempre fica claro o que um psicólogo busca quando questiona seus clientes a respeito de seus valores. Nota-se que existe, em grande parte, dificuldade em percebê-los, identificá-los e, principalmente, nomeá-los como tais. Não porque não gostem dos valores que carregam, mas porque, por definição, valores não são passados como bastões. São aprendidos no dia a dia, nas pequenas coisas e gestos, muitas vezes não precisando ser nomeados.

Segundo o dicionário, dentre os muitos significados possíveis, a palavra ‘valores’ refere-se à reunião das normas, preceitos morais e/ou regras sociais, que são passadas de uma pessoa, sociedade, grupo ou cultura para outra(s). O que segue a mesma linha de uma das definições que Santos (2006) faz sobre como se pode compreender a ideia de valor:

“Devem ser compreendidos como um conjunto de qualidades de preceitos (ou práticas) que dá

sentido à existência, trazendo benefícios, significado ou satisfação à vida que a pessoa está levando ou aspira ter; sendo uma dimensão existencial da vida humana que faz parte da identidade das pessoas como seres que se auto-avaliam, auto-interpretam, auto-refletem e 'se fazem existir.'" (Santos, 2006, p. 258)

Santos (2006) salienta ainda que:

"No contexto das práticas educativas, os valores serão compreendidos como aqueles princípios que se constituirão como referenciais de vida para que os pais possam fazer a avaliação da realidade, em seu cotidiano, tendo em vista o que desejam que seus filhos se tornem." (Santos, 2006, p.234)

Há de se considerar que existe um afunilamento de como os valores se apresentam. Do macro, sendo este a sociedade como um todo; para o micro: a família, e em última instância, o indivíduo. Partindo destas definições, pressupõe-se que, dentro de cada família exista um ou alguns valores passados de geração em geração, através das práticas cotidianas que se apresentam no dia a dia. Na clínica com pais, percebe-se a relevância deste tema quando se traz à tona aquilo que eles desejam reproduzir e o que desejam abandonar quando pensam na educação que receberam e na forma como isso impacta a educação que oferecem. É na parentalidade que eles são, frequentemente, levados a questionar por que fazem como fazem ou porque decidem que determinadas experiências ou condutas são inegociáveis. Quando se fala do que passar adiante e o que deixar para trás, fala-se, em última instância, sobre o que os pais acreditam que deve basear as escolhas futuras de seus filhos, portanto, quais valores estão ou estarão subentendidos nas práticas parentais utilizadas.

Neste sentido, Santos (2006), faz uma diferenciação importante entre atitudes e valores. Segundo ele, atitudes fazem referência direta às práticas, à ação. Os valores, por sua vez, remetem ao que dá sustentação para a escolha de determinada atitude frente a uma situação educativa. De maneira geral, aquilo que temos acesso imediato, que é visível e palpável, é a atitude. Não apenas o membro da família que educa, mas também o profissional da psicologia que o escuta sabe inicialmente, a partir de seu relato, apenas sobre a aquilo que ele faz ao educar seus filhos. É frequente que no diálogo terapêutico se possa questionar os valores que norteiam tais práticas, tecendo paralelos, quando possível, com a família de origem. Questionar, aqui, ocupa duas compreensões distintas. A primeira é o questionamento referente ao conhecer, à interrogação, ao não saber que se apresenta quando estamos conhecendo algo pela primeira vez. O segundo no sentido de revisão, de pensar criticamente a respeito daquilo que se faz e se perguntar se é este o caminho que imaginava seguir. Curiosamente, nota-se muitas vezes que existem valores norteando as ações de pais sem que estes percebam que isso acontece

e sem se darem conta de que são reproduções pautadas naquilo que aprenderam ao longo dos anos de convívio com seus próprios genitores. Há a reprodução tal qual aprenderam e também há a ação pelo ‘contraexemplo’, no sentido de valorizar tudo aquilo que não era valorizado por seus próprios pais. Quando se fazem capazes de nomear aquilo que pauta suas atitudes, acompanha-se um processo de beleza ímpar no qual passa a ser possível escolher o que levar e o que deixar, o que reproduzir e o que mudar. No âmbito da clínica com pais, é um momento no qual eles passam a não reproduzir ou fugir mecanicamente daquilo que viveram, mas sim apropriar-se daquilo que desejam e das atitudes que os levarão a isso.

No que concerne à intergeracionalidade, Weber (2006) postula que práticas educativas intergeracionais podem estar atreladas à valores, como se lê no seguinte trecho:

“Ao serem indagados sobre o que aprenderam nas experiências da infância e o que desejam que seus filhos aprendam na relação com os pais, em geral, as famílias apresentaram, entre as diferentes gerações, respostas semelhantes. Isto pode indicar que existem certos aspectos positivos – valores – que passam de pais para filhos e que norteiam o modo como estes criam seus próprios filhos, ou seja, modelos familiares a serem seguidos.” (Weber, 2006, p. 411)

Isto nos indica que, para além da mera reprodução de práticas, pode haver também a reprodução dos valores que as norteiam e abre margem para questionamentos acerca do que efetivamente se passa de uma geração à outra: são os valores, são as práticas ou ambos? É possível encontrar práticas distintas entre uma geração e outra, transformadas apenas pelas novas descobertas acerca da parentalidade, mas ainda assim pautadas nos mesmos valores das gerações que antecederam.

De acordo com o estudo de Siqueira et al. (2017), que buscou investigar os valores que os pais e mães de crianças e jovens entre 9 e 16 anos buscavam transmitir estavam honesto, responsável e determinado, ao passo que os menos importantes de serem aprendidos foram ambicioso, líder e seguir regra dos pais. Neste estudo (Siqueira et al. 2017), colocou-se em perspectiva o papel da sociedade no que diz respeito à quais valores famílias de classe média gostariam de ensinar aos filhos, sem considerar a história de vida dos pais com seus próprios progenitores. O estudo leva em consideração o fato de que os pais passam determinados valores almejando maiores chances de prover um futuro de sucesso à seus filhos, de acordo com aquilo que eles consideram que é ter sucesso na vida. Neste sentido, denota-se a importância de investigar mais profundamente as relações entre valores, intergeracionalidade, práticas parentais e

sociedade.

Em suma, explicita-se a interrelação entre as práticas parentais e valores quando se clarifica aquilo que um indivíduo considera como ensinamentos importantes de serem passados adiante para os filhos. Fica clara a importância de averiguar ambos os conceitos de maneira conjugada, já que se apresentam um como a forma materializada do outro. Práticas parentais agem em função de valores e valores norteiam as práticas. No entanto, há de se questionar a respeito da intergeracionalidade de ambos. Não parece correto dizer que quando há a passagem de geração em geração de um, há a do outro também. Por vezes, percebe-se a reprodução de práticas aprendidas na família de origem, mas conectadas a valores outros. Da mesma forma, pode-se passar adiante os mesmos valores, através de práticas diferentes.

7 CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA INTERGERACIONAL DE BOWEN

Murray Bowen (1913-1990) foi um psiquiatra, voltado aos estudos da família e do comportamento humano. O foco de seu trabalho foi compreender de maneira sistêmica o funcionamento das famílias e, em última instância, da sociedade. Portanto, seus conceitos não são aplicáveis apenas ao sistema familiar, mas sim à todo e qualquer sistema humano, seja ele corporativo, familiar ou social, de maneira ampla. Em sua teoria, formulou oito conceitos básicos, a partir dos quais busca explicar e compreender as relações humanas.

A seguir, uma breve explicação a respeito dos oito conceitos formulados por ele, com ênfase nas relações familiares.

O conceito de 'triângulo' tal qual proposto por ele é considerado a menor molécula relacional possível, pois entende que a relação entre duas pessoas é sempre instável, dada a maior tensão que se deposita nesta relação dual. Ao contrário disto, a relação triangular tende a ser estável pois os conflitos podem oscilar em torno das díades possíveis. Para ele, se a tensão em um triângulo é excessiva, pode se estender para triângulos em interlocução com aquele. Embora isso dilua o conflito imediato, não resolve o problema original. Ainda que ele considere que relações triangulares são mais estáveis em comparação as díades, a organização do triângulo pressupõe sempre uma pessoa 'excluída' e a possibilidade de ser o excluído gera ansiedade nos membros daquele sistema, já que um dos maiores desejos do ser humano é pertencer e, portanto, perceber-se 'de fora' é um potente gerador de angústia existencial.

Um segundo conceito importante é o de '*diferenciação de self*'. Segundo a teoria de Bowen, o grau de diferenciação de *self* de um indivíduo se percebe, entre outras coisas, ao observá-lo em suas relações. Se ele é excessivamente influenciado por outros e, ao mesmo tempo, busca controlá-los (passiva ou ativamente), diz-se de um baixo grau de diferenciação. Ainda que o *self* seja, em grande parte, inato, a relação familiar na infância e adolescência tem grande impacto no grau de diferenciação de um indivíduo em relação ao núcleo familiar. Este grau, uma vez estabelecido, dificilmente irá se alterar, a não ser que seja feito um longo e grande esforço para tal. Por outro lado, um alto grau de diferenciação de *self* pressupõe relações menos dependentes e mais autossuficientes, ainda que haja uma conformidade a respeito da interdependência humana. Uma pessoa

com seu '*self*' bem construído consegue racionalizar e considerar emoções de maneira a escolher os melhores caminhos em situação de conflito e aumenta coerência entre o que a pessoa decide, diz e, efetivamente, faz.

O 'processo emocional da família nuclear' é o que define o terceiro conceito boweniano. Ele descrever quatro padrões de relacionamento que podem indicar possíveis núcleos conflitivos na família.

- Conflito marital: com o aumento da tensão familiar, nos cônjuges podem voltar o conflito para a relação conjugal de forma a focarem no que há de errado no outro, buscando controlá-lo e esquivando de tentativas de controle por parte do parceiro(a).

- Cônjuge disfuncional: diz sobre a relação conjugal na qual um é, de alguma forma, subordinado à outro, considerado controlador. Até certo ponto, a relação pode permanecer harmoniosa, mas caso aconteça um aumento de tensão na família, o que se submete precisa exercer um grau tão alto de autocontrole que sua ansiedade aumenta a níveis muito grandes, podendo predispor, inclusive, a doenças psiquiátricas ou desajuste social.

- Dano à um ou mais filhos: os parceiros focam suas ansiedades em um ou mais filhos. Geralmente há uma visão negativa ou uma idealização excessiva em relação àquela criança. A criança tende a ser mais reativa aos pais do que os outros irmãos e fica vulnerável a ser o receptáculo da ansiedade familiar ou se tornar o 'paciente identificado', personificando os sintomas da família. Tal processo é também preditor de um processo pobre de diferenciação de *self*.

- Distanciamento emocional: conectado aos outros fatores, este aparece como uma forma de diminuir a tensão e o conflito através do distanciamento entre os membros do sistema. No entanto, alguém pode acabar se isolando em demasia.

Estes padrões de relacionamento estão correlacionados ao funcionamento da família e tendem a mostrar em quem ou onde se depositam as ansiedades daquele sistema. Quanto mais uma pessoa ou uma parte do sistema absorve de ansiedade, melhor é o funcionamento das outras partes ou demais membros. Assim, pode-se entender que a família se mantém 'às custas' uns dos outros.

O quarto conceito que sustenta a teoria de Murray Bowen é o de processo de projeção familiar, que diz respeito à forma como os pais transferem suas questões emocionais a seus filhos. Este processo segue, primordialmente, os seguintes passos:

identificar o que há de 'errado' em um dos filhos; ao observa-lo procurando confirmações do que identificou, encontra-se algo que o justifique e, por fim, age com a criança como se, de fato, houvesse algo errado com ela. Este conceito exemplifica, de certa forma, a profecia auto realizadora, já que identifica algo que não há e, por identificá-lo, passar a favorecer sua existência.

O conceito de 'transmissão multigeracional', particularmente interessante para o presente estudo, diz sobre o quanto pequenas diferenças nos níveis de diferenciação podem se tornar marcantes ao longo das gerações subsequentes. Isto se dá por múltiplos mecanismos tanto perceptíveis e conscientes de transmissão de crenças, valores e comportamentos quanto por mecanismos de programação inconsciente de reações emocionais e comportamentais. Para Bowen, a prole tende a desenvolver o *self* o mesmo tanto que seus genitores (e estes tendem, antes, a se envolver com pessoas que também tenham o mesmo nível de diferenciação de *self*) por conta da relação intensa que se dá no núcleo familiar por muitos anos, considerando o tempo de dependência da espécie humana de seus pais. A troca, o convívio e os modelos tendem a favorecer que os *selves* dos membros da família se desenvolvam, de alguma forma, até o mesmo ponto. No entanto, parece haver sempre um dos irmãos que desenvolve um pouco mais de *self* que os pais e um que desenvolve um pouco menos. Assim, ele explica as mudanças que ocorrem nos níveis de diferenciação de *self* ao longo da mesma família. Ainda que haja tendência a se manter o mesmo funcionamento dos pais, aquele que se desenvolve além e aquele que se desenvolve aquém, dão início a famílias diferentes daquela de origem em termos de *self* e isso, portanto, explicaria as mudanças e a permanência de padrão comportamental de uma geração à outra. Este conceito pressupõe, portanto, que a chave para a compreensão de dificuldades humanas severas, bem como capacidades adaptativas acima da média, encontra-se entranhada na profundidade das gerações familiares.

O conceito de 'corte emocional' aparece como a forma utilizada pelas pessoas para buscar resolver seus conflitos familiares, seja cortando relações, seja diminuindo o contato e a troca emocional. Desta forma, os conflitos aparentes parecem sumir, mas o problema em si continua sem resolução, apenas adormecido. A problemática que resulta das pessoas que cortam relações com a família tende a se expressar nas relações afetivas que permeiam ou permanecem em suas vidas, pois elas podem passar a demandar destas relações tudo o que necessitam e não obtiveram do sistema familiar,

o que pode ocasionar conflitos.

O sétimo conceito fala sobre a diferença que se evidencia no comportamento do indivíduo de acordo com a ordem de nascimento deste dentro da família. Na teoria, que Bowen embasou partindo dos achados sólidos de um psicólogo chamado Walter Toman, existem características de comportamento marcantes e comuns entre pessoas que ocupam a mesma posição de nascimento entre os irmãos. Não há diferenciação qualitativa entre as posições, mas sim complementaridade. Enquanto os irmãos mais velhos tendem a ser líderes melhores, os mais novos tendem a serem bons seguidores de regras. Isto não significa que as posições dos irmãos são as únicas que ditam os comportamentos. Quando um irmão mais velho não ocupa a posição de liderança, pode ser que o mais novo assuma este papel e passe a funcionar naquele sistema como o 'novo mais velho'. O oposto também é verdadeiro. Para os irmãos do meio, considera-se que eles ocupam dois papéis. O de mais novo em relação ao mais velho e o de mais velho em relação ao mais novo, compondo um repertório de ambos os papéis do sistema. Faz-se importante ressaltar que não se trata de determinismo e sim de observação de padrões comuns, mas que também apresentam mudanças entre si de acordo com cada sistema familiar.

O último e mais amplo conceito de Bowen se refere ao processo emocional na sociedade. Seus conceitos se aplicam em todas as relações, inclusive as não familiares. Portanto, este último trata de como os sistemas emocionais operam em sociedades como um todo. Para ele, de tempos em tempos, a sociedade entra nos chamados períodos de regressão. Ele descreve tais períodos como marcados pelo aumento da criminalidade, do uso de drogas, divórcios e tensões sociais. Ainda, resalta que as emoções ganham destaque e o que entra em voga é a necessidade de pertencer

De maneira mais ou menos direta, os conceitos do autor dialogam com o objetivo deste trabalho na medida em que oferece recursos teóricos para a compreensão aprofundada do fenômeno da intergeracionalidade de práticas parentais, bem como para a percepção dos pais a respeito do quão diferente eles agem com os filhos em relação aos seus próprios genitores. Utilizando o conceito boweniano de transmissão multigeracional, pode-se pensar que os filhos que buscam reproduzir o que viveram com os pais podem apresentar baixo nível de diferenciação de self, na medida em que não se mostram tão capazes de escolher conscientemente os caminhos mais condizentes com a família que ele ou ela deseja formar e sim naquilo que aprendeu como certo na família

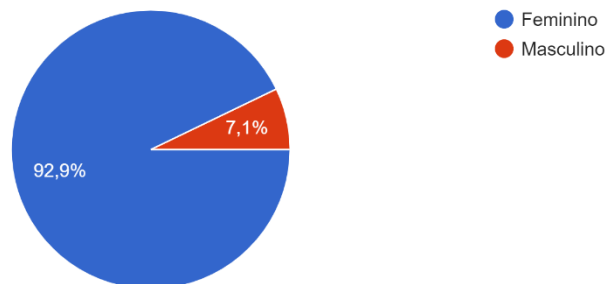
de origem. Por outro lado, a capacidade de analisar criticamente o que viveu e , ainda assim, escolher alguns caminhos semelhantes, aponta para um nível de diferenciação de self mais elevado. Em tempo ressalta-se, novamente a partir da teoria , a importância de se olhar para as gerações passadas para compreender melhor as atuais, já que a concepção de tudo que julgamos como dado hoje, teve como berço os nosso antepassados.

8 RESULTADOS QUANTITAVOS

Os dados apresentados abaixo foram coletados através de um formulário *Google*, enviado aos participantes de forma deliberada por grupos de *whatsapp* e grupos de *Facebook* que envolvessem o tema ‘filhos’ ou ‘parentalidade’. A amostra é composta por 100% de participantes com graduação completa, em sua grande maioria, na área da saúde. Além disso, os participantes residem majoritariamente na região Sudeste do Brasil (mais especificamente, o Estado de São Paulo).

Figura I – Sexo dos participantes

Sexo:
112 respostas

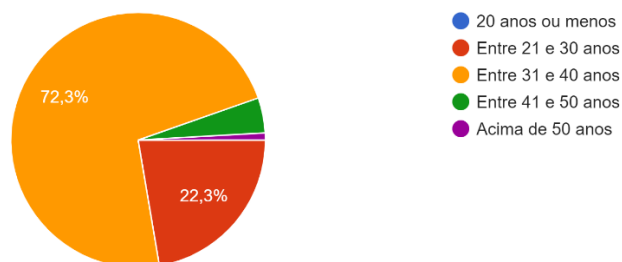


Analisando a *Figura I*, percebe-se um percentual consideravelmente maior de mulheres respondendo à um questionário sobre práticas parentais (92,9%) em comparação aos homens (7,1%). Tal dado pode fazer referência ao lugar que as mulheres mães ainda ocupam na sociedade, no qual são as principais condutoras da criação dos filhos e, portanto, as maiores detentoras de informações sobre as práticas mais utilizadas. Há também de se supor um maior interesse deste público pelo tema, porém faz-se necessário questionar se este interesse é intrínseco à um número tão expressivamente maior de mulheres do que homens ou se é um interesse também

aprendido ao longo da vida na nossa cultura com tantos traços patriarcais.

Figura II – Faixa etária

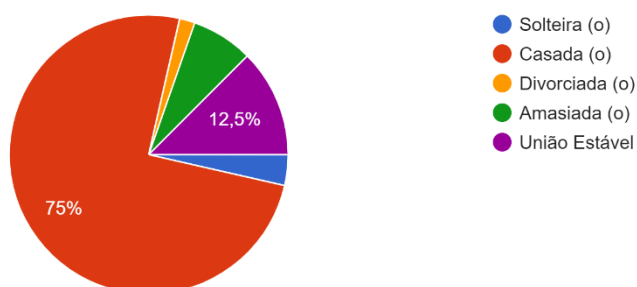
Idade
112 respostas



Os dados acima demonstram um grupo majoritariamente formado por pais e mães entre 31 e 40 anos (72,3%), seguido da faixa etária entre 21 e 30 anos (22,3%). A faixa etária abaixo de 20 anos não apareceu no presente estudo e as faixas etárias entre 41 e 50 anos e Acima de 50 anos representam, respectivamente, 4,5% e 0,9% das respostas ao questionário. Tais dados quantitativos podem correlacionar-se à classe social predominante no estudo (A e B, como será apresentado adiante), já que são pais e mães, em sua maioria, de primeira viagem e com filhos pequenos. Isto indica que optaram por ter filhos mais tarde, possivelmente esperando a estabilidade na carreira ou um momento mais oportuno de constituir família. Isto também pode ser corroborado pela ausência de participantes que sejam muito jovens ou adolescentes.

Figura III - Estado Civil

Estado civil
112 respostas

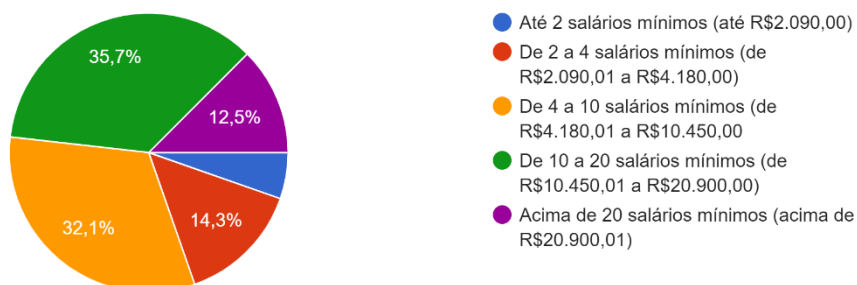


Como pode ser visto no gráfico da página anterior, 75% dos participantes são casados, 12% estão em uma união estável, 7,1% se dizem amasiados (as), 3,6% é solteiro e 1,8%, divorciado (a). Tal dado, assim como a faixa etária, sugere que a ausência de dificuldades financeiras pode ser um dos fatores preditores de casamentos duradouros entre os jovens de hoje em dia.

Figura IV - Renda Familiar

Qual sua renda familiar atualmente?

112 respostas



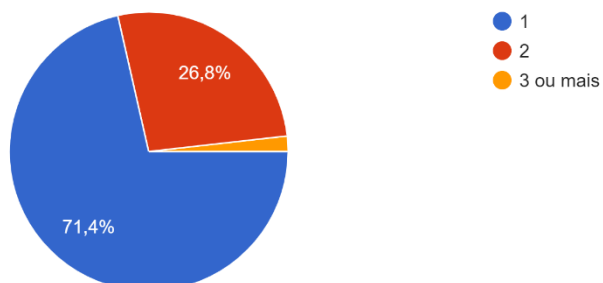
A *Figura IV* mostra a pouca diversidade de classes sociais dentre os participantes que responderam ao questionário. A maioria pertence às classes B (com renda familiar entre 10 e 20 salários mínimos) e C (com renda familiar entre 4 e 10 salários mínimos) com percentuais de 35,7% e 32,1%, respectivamente. Na classe D, com renda entre 2 e 4 salários mínimos, vê-se a expressão de 14,3% dos participantes. Tal dado é bem próximo aos participantes que pertencem à classe A (com renda familiar acima de 20 salários mínimos), que representam 12,5% do total de participantes. E, por fim, os participantes com renda de até 2 salários mínimos representam 5,4%.

Os dados sobre renda familiar podem apontar análises importantes a respeito do público que respondeu ao questionário, composto, majoritariamente, por elites econômicas e intelectuais (vide profissões). Tal público, na nossa sociedade ainda possui, infelizmente, mais acesso à informação e à contextos provocadores de experiências reflexivas, o que pode favorecer pensamentos críticos em relação à forma como foram criados e à forma como desejam criar seus filhos.

Figura V - Quantidade de filhos

Quantos filhos você tem?

112 respostas

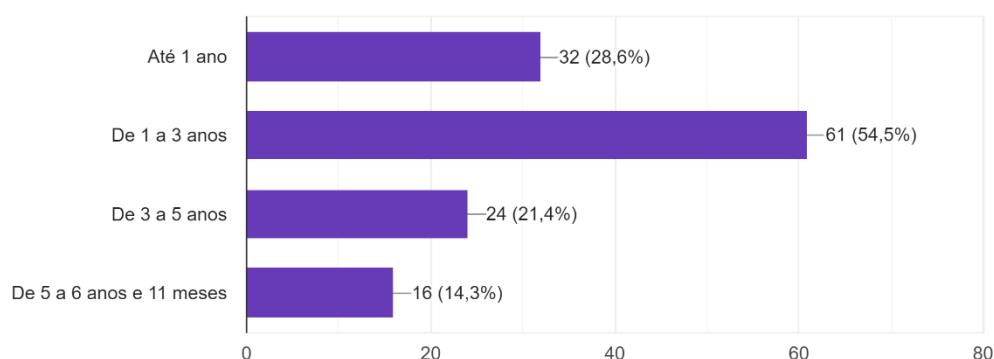


A figura acima traz dados acerca da quantidade de filhos por família. 71,4% dos participantes possuem apenas 1 filho, enquanto 26,8% possuem 2 e apenas 1,8% possuem 3 ou mais filhos. Tais dados podem pressupor que a maioria das pessoas que respondeu ao questionário encontra-se na primeira experiência de parentalidade, com filhos ainda na primeiríssima infância e que podem estar se havendo com os desafios de educar um filho pela primeira vez no quando do preenchimento do formulário.

Figura VI - Faixa etária dos filhos

Qual a faixa etária de seus filhos? (marque quantas precisar)

112 respostas



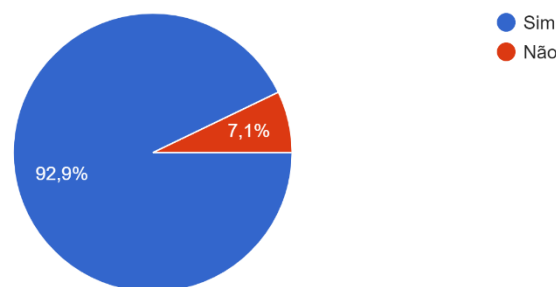
A Figura VI apresenta a faixa etária dos filhos dos participantes que, em sua maioria (54,5%), encontram-se entre 1 e 3 anos de vida (a considerada primeiríssima infância). Com percentual menos expressivo (28,6%), encontram-se as famílias com filhos de até um ano, seguidas das famílias com filhos entre 3 e 5 anos (21,4%) e, por fim, famílias com filhos entre 5 anos e 6 anos e 11 meses, representando 14,3% dos participantes. Normalmente, por volta dos 18/24 meses de idade, a utilização de práticas

parentais começa a se fazer mais necessária, já que a criança passa a desejar a socialização e, para isso, passa a requerer aprendizados sobre como funciona o convívio em grupo e fora da família de origem. Além disso, percebe-se como um ser separado da mãe e com desejos e busca satisfazer-se através de posicionamentos nem sempre agradáveis aos olhos dos pais. Tais situações passam a exigir dos pais posicionamentos mais enfáticos a respeito de determinadas regras sociais e é então que estes podem passar a questionar a forma como desejam criar seus filhos no que concerne às práticas parentais.

Figura VII - Diferenças entre gerações

Você percebe diferenças entre a educação que recebeu e a educação que pratica com seus filhos?

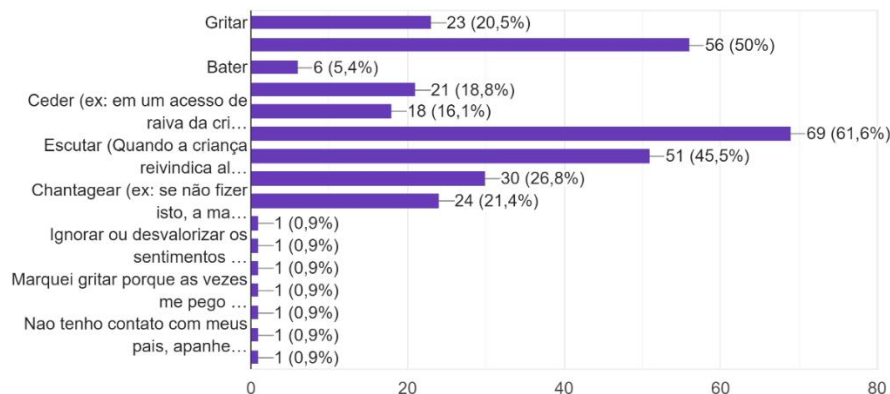
112 respostas



Na *Figura VII*, é possível ver que 92,9% relata perceber diferenças entre a educação que recebeu e a educação que pratica com os filhos, ao passo que 7,1% não nota diferenças. Tais diferenças percebidas podem estar correlacionadas com práticas que os pais aprovam nos seus genitores e não conseguem reproduzir e/ou práticas que desaprovam e não reproduzem. Da mesma forma, a 'não diferença' entre as práticas, pode fazer referência à intergeracionalidade de práticas positivas e negativas, ou seja, reprodução de práticas amorosas, respeitosas e empáticas ou reprodução de práticas punitivas e violentas.

Figura VIII - Práticas educativas mais utilizadas

Considerando momentos nos quais se vê requisitada(o) a educar seu(s) filho(s), quais praticas abaixo você acha que utiliza porque aprendeu com ...ais que são as formas mais eficientes de educar :
112 respostas

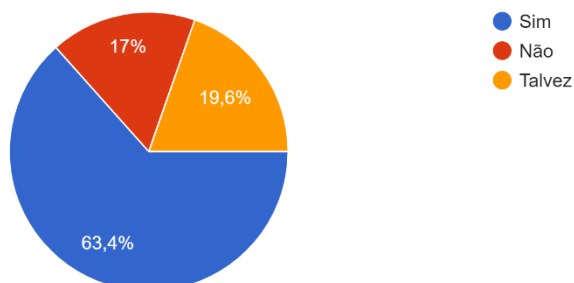


A pergunta acima dizia respeito às práticas parentais que os participantes utilizam com os filhos porque aprenderam com seus pais que estas funcionavam para ensinar algo. 61,6% dos participantes apontam a conversa como uma prática que repetem por terem aprendido em casa, com seus pais, que funciona. 50% responderam que negociam (descrito pela autora como “fazer combinados e cumpri-los, considerando as necessidades da criança e as suas. Ex: Sair para passear depois que arrumarem o quarto ou Tomar um sorvete e depois voltarem para casa para que você trabalhe.”), 45,5% escuta e 26,8% legitimam. Em contrapartida, as práticas parentais tidas como negativas aparecem com menor frequência e são elas: chantagear (21,4%), gritar (20,5%), castigar (18,8%) e ceder (16,1%). Uma possível hipótese para o porquê das práticas negativas terem aparecido em menor frequência é a moralidade que aponta para tais como práticas dignas de repúdio, o que pode gerar vergonha em quem a pratica e/ou sentimento de incapacidade de educar de maneira socialmente aprovada.

Figura IX – Repetição dos padrões

Você se percebe repetindo o que foi feito com você, mesmo sem querer?

112 respostas



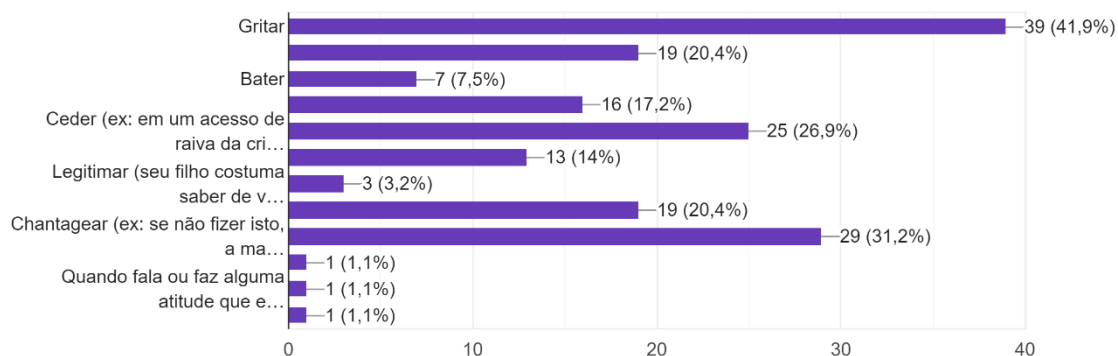
O gráfico acima representa a porcentagem de participantes que se percebe reproduzindo o que viveu com seus genitores com seus filhos atualmente. 63,4% deles relata que sim, há repetição, mesmo quando não quer reproduzir. Tal dado corrobora com a hipótese dos estudos apontados anteriormente de que há intergeracionalidade de práticas parentais, ainda que este processo não seja consciente. 19,6% disseram que 'Talvez', o que faz pensar a respeito do quanto é possível refletir sobre a própria infância quando alguém se torna pai/mãe, ou seja, será que não há espaço, convite ou contexto social para isso?

17% relata não reproduzir e, uma das hipóteses para isso que corrobora com os estudos acima, são as experiências, por parte dos participantes, de práticas excessivamente e majoritariamente punitivas. Estas, por serem, em sua maioria, violentas e desrespeitosas marcam o sujeito de tal forma que ele se observa ativamente para não as reproduzir. Outra possível explicação seriam as ferramentas que os sujeitos utilizam para processar as experiências com as práticas punitivas como, por exemplo, a psicoterapia. Ao se perceberem transformados pelas práticas utilizadas por seus pais, escolhem conscientemente, não reproduzi-las.

Figura X – Práticas repetidas

Se marcou 'Sim' ou 'Talvez' na anterior, diga quais:

93 respostas



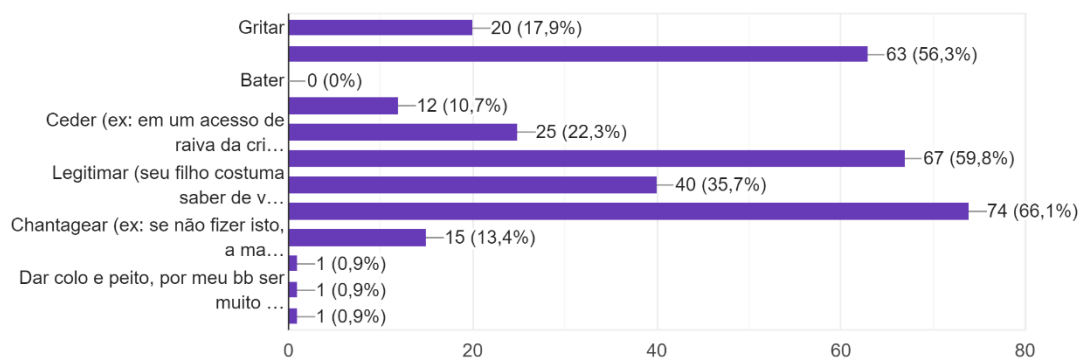
Pode-se notar, segundo a *Figura X*, que as práticas mais utilizadas sem perceber são as ditas práticas negativas. Em ordem percentual decrescente de práticas reproduzidas aparece 'gritar' (41,9%), 'chantagear' (31,2%), 'ceder' (26,9%), 'castigar' (17,2%) e 'bater' (7,5%). As práticas positivas reproduzidas aparecem da seguinte forma: 'conversar' e 'negociar' com 20,4% cada; 'escutar' com 14% e 'legitimar' com 3,2%. Pode-se pensar que a reprodução das práticas negativas ou punitivas é mais chamativa para quem as utiliza e mais facilmente reconhecida dentre as outras, o que explica o maior percentual. Por outro lado, pode-se pensar que é mais difícil compreender as práticas positivas como algo que aprendemos ao longo da nossa vida com nossa família de origem, mas sim como fruto de nossa personalidade doce, respeitosa e gentil.

Por fim, nota-se também que há a intergeracionalidade de ambos os aspectos da criação de filhos: positivos e negativos, quer haja consciência a respeito deles, quer não.

Figura XI – Últimos episódios X práticas utilizadas.

Considerando os 10 últimos episódios em que você se viu solicitado à educar seu filho (a), quais são as práticas que você mais utilizou (marque as 3 mais recorrentes):

112 respostas

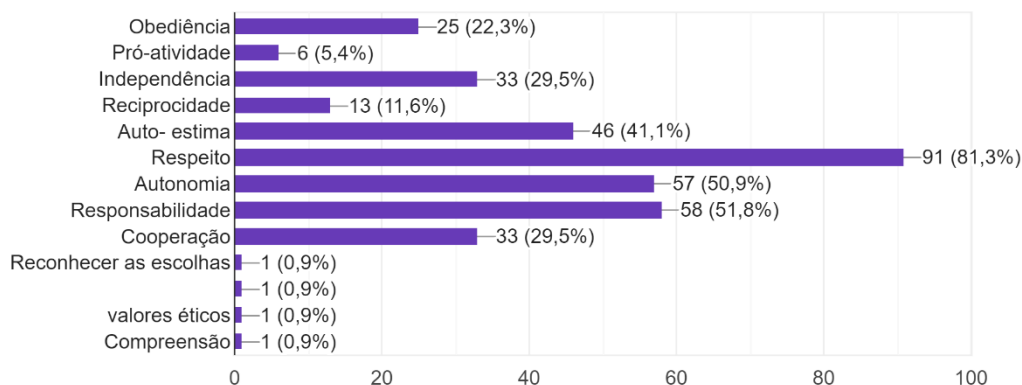


A Figura XI pede aos participantes que pensem a respeito das 10 últimas situações que os solicitou a educar seus filhos e marque as mais utilizadas. Em maior porcentagem, aparece 'conversar' (66,1%), seguida de 'escutar' (59,8%) e 'negociar' (56,3%). Em seguida, aparecem as práticas 'legitimar' (35,7%), 'ceder' (22,3%), 'gritar' (17,9%), 'chantagear' (13,4%) e 'castigar' (10,7%). A prática 'bater' não foi marcada por nenhum participante. Entre os participantes que marcaram 'Outras', um relatou oferecer o seio como forma de acalmar (já que seu filho(a) é ainda um bebê), outro não descreveu o que faz e outro apontou 'ignorar' como uma prática utilizada. Novamente, os dados nos sugerem que há uma transformação acontecendo no que concerne a forma de educar crianças. Nota-se predileção por práticas que validem e respeitem a criança enquanto indivíduo, o que reflete a mudança de paradigma em relação ao papel da infância e da criança na sociedade. Tal dado pode estar correlacionado ao acesso que os participantes podem ter à contextos que favoreçam e incitem a reflexão acerca do desenvolvimento socioemocional de seus filhos e as possíveis consequências para o futuro.

Figura XII - Valores

Quais dos valores abaixo você considera mais importantes ao educar seu filho (marque até 3) :

112 respostas

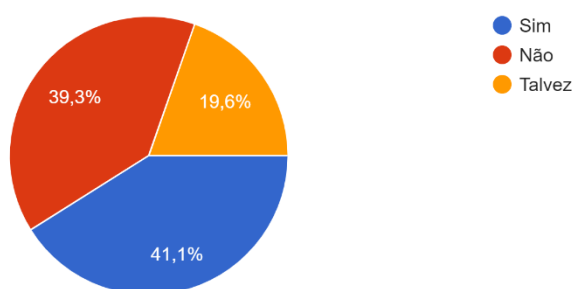


Acima, apresentam-se os valores tidos como primordiais pelos participantes ao educar seus filhos. Em ordem de decrescente de escolha temos: 'respeito' (81,3%), 'responsabilidade' (51,8%), 'autonomia' (50,9%), 'autoestima' (41,1%), 'independência' e 'cooperação' (29,5%), 'obediência' (22,3%), 'reciprocidade' (11,6%) e 'pró atividade' (5,4%). Com 0,9% temos as seguintes respostas: 'reconhecer as escolhas', 'valores éticos' e 'compreensão'.

Figura XIII – Interesse em dar continuidade à pesquisa

Você teria interesse e estaria disponível para aprofundar este tema em uma entrevista online (aproximadamente 1h -1h30) com a pesquisadora?

112 respostas



Os dados acima foram plotados na presente pesquisa por suscitarem interesse da pesquisadora em discuti-los do ponto de vista reflexivo. 41,1% dos participantes demonstraram interesse em ser entrevistado na segunda etapa da pesquisa, 19,6% disse que 'talvez' estivesse disponível e 39,3% marcou que não teria interesse em dar

continuidade à pesquisa. Tais dados são relevantes na medida em que denotam um tema a respeito do qual as pessoas parecem querer falar. Das 112 respostas ao questionário, 69 deixaram o contato para que a pesquisadora entrasse em contato, demonstrando interesse em ter um espaço e momento para falar sobre a criação de seus filhos e a forma como foram criados. Hipoteticamente, pode-se intuir que falar sobre isso tem efeito terapêutico para quem fala e pode, portanto, ajudar no processamento de determinadas experiências vividas na infância e no efeito que elas tem sobre a atualidade. Pode-se também pressupor que é um tema que desperta interesse dos pais das gerações entre 20 e 40 anos. Este interesse, se transformado em prática, pode significar, no futuro, adultos mais conscientes de suas experiências e expostos à menos práticas parentais violentas, ao menos nas classes sociais representadas por este estudo.

Em suma, os resultados acima apresentados denotam que pais tem se debruçado sobre reflexões acerca da parentalidade e seus efeitos no futuro da criança. Nota-se a intergeracionalidade das práticas, mesmo quando não há consciência de estar repetindo padrões e há também a escolha de reproduzir aquilo que viveram com seus genitores e que julgaram ter sido útil para seu desenvolvimento ao longo da vida. Tais práticas (escutar, negociar, conversar), parecem estar relacionadas à valores específicos que os pais desejam transmitir como, por exemplo, respeito, responsabilidade e autonomia.

Nota-se também, a intenção consciente (embora nem sempre efetiva), de não reproduzir aquilo que não foi bom em sua trajetória, ou seja, as práticas punitivas, além da dificuldade em escapar dos padrões estabelecidos pela família de origem (dado que pode ser observado na *Figura X* e *Figura XI*), já que as práticas repetidas sem perceber se diferenciam bastante das práticas que utilizaram nas últimas vezes em que se viram requisitados a educar os filhos.

Por fim, faz-se necessário esclarecer que o questionário traz um recorte específico da sociedade, constituído majoritariamente por pessoas das classes B e C. A autora compreende que tais reflexões podem ser insignificantes, impossíveis ou inviáveis, do ponto de vista das famílias em contextos de vulnerabilidade e risco social, já que os valores necessários à sobrevivência exigem posturas bastante diferentes. Isto denota a importância de uma pesquisa semelhante que seja mais abrangente em termos sócio econômico demográficos.

9 ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS

Tabela I – Valores importantes ao educar

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	SIGNIFICADOS
VALORES	AUTONOMIA	L. (2) - “e de autonomia, talvez uma questão de a gente passar para ele e ele poder fazer aquilo sozinho, por exemplo, o que eu falei do copo, tomou água e então você sabe que tem que levar o copo...”
VALORES	INDEPENDÊNCIA	C. (1) - “Acho que a independência acho que foi intenso demais.... eu parar de trabalhar para cuidar do O., me faz depende do meu marido financeiramente e foi um pouco difícil de aceitar no começo, porque, por causa da independência, e na verdade está tudo certo, nós somos uma família, nós somos um grupo que cada um está fazendo a sua parte, ele está na parte do financeiro e eu estou na parte do cuidado e a gente se completa e está tudo bem, mas para chegar nesse raciocínio eu levei um bom esforço, um bom trabalho para chegar lá por conta desse valor.” L. (2) - “...uma questão de independência também assim, por mais que a minha mãe estivesse sempre em cima, eu acho que eu cresci uma criança até independente, sabendo fazer bastante coisa, era sempre também de, oh, você tirou do lugar você põe, e aí conforme você vai crescendo, até chegar o ponto de você ser adolescente e “oh, você precisa saber fazer comida, você precisa saber se virar”, que ela brincava, a gente falava, “mãe, eu tô com fome”, ela falava, “pô, eu não trouxe as panelas no meio das pernas né, se vira”, então de estimular essa independência, então aqui a gente também.” L. L. (2) - “de independência da questão, não sei, de criar, de ele mesmo descobrir, de ele mesmo poder fazer tudo sozinho.” G. (3) - “Eu quero que ele seja uma pessoa independente, segura, né, acho que é isso assim, esses primeiros anos de vida eles são primordiais para isso né, que tudo bem ter medo, para entender o limite do outro, isso tudo é treino, treino de relação, você tem que, a gente não se expõe a isso você nunca vai saber, ou você vai saber a duras penas.” F. (4) - “No início eu pensava assim queria ser um espelho para elas, e hoje eu quero que elas sejam, elas são tão incríveis e de formas tão diferentes, que eu não quero que elas olhem para mim e falem “eu quero ser como a minha mãe”, eu quero que elas sejam elas, e eu quero ajudar no processo dessa descoberta, quero ajudar no processo dessa construção da forma como eu puder.”

VALORES	RESPEITO	C. (1) - "...meu pai sempre foi muito respeitoso sabe, por exemplo, enquanto eu era criança, se eu queria ficar quieta ele respeitava, ele respeitava que eu quisesse conversar depois, incentivava..." C. (1) - "... o respeito, também acho que foi uma coisa que foi bem forte, de respeitar o outro, cada um com as suas coisas né, respeitar o espaço do outro, não invadir o espaço de outra pessoa..." C (1) – "...realmente o respeito é uma coisa que é muito importante, porque ter o respeito pela pessoa como ela é, acho que até contribui para um mundo melhor, entendeu, porque acho que sabe, você previne o preconceito, previne agressão, previne acho que a maioria dos crimes, enfim, acho que realmente é muito importante, permitir que o outro seja como ele é e se permitir porque não é só o respeito com o outro, é o respeito consigo próprio, ele também ter respeito com ele, acho que é importante. E isso eu não aprendi com os meus pais assim, eles sempre falaram como eu deveria ser, como eu deveria tratar as outras pessoas e como eu deveria aceitar que os outros deveriam me tratar, mas esse controle não está comigo. Não está na minha mão e isso me dificultou bastante alguns relacionamentos." L (2) - "...uma questão de respeitar os outros, de modo geral, de tudo assim, desde familiares e tal. Porque eu acho que isso é decorrência de evitar conflitos, você evitar problemas para você, para os outros, para aqueles que estão perto. Então acho que um valor essencial assim que eu acho que veio muito do meu pai e da minha mãe foi isso assim, de respeitar." L (2) - "É, aí as vezes ele quer ficar, está injuriado, quer ficar sozinho, tá, fica sozinho no seu canto, fica aí, a gente vai ficar aqui, se quiser conversar estamos aqui, sabe, de não ficar também em cima, deixa ele com o tempo dele, quando ele quiser, então tem muito disso, de deixar ele, a gente falou, se incomodou, está bom, fica pensando aí a respeito, sempre volta já mais, ah papai, e sempre entende assim, pelo menos com ele a gente não tem esse tipo de problema." G. (3) - "...a gente lidava com pessoas de muitos tipos assim, então essa questão de respeitar as diferenças, sabe, do outro" F. (4) - "...que elas continuem sendo respeitadas, que elas continuem defendendo aquilo que elas acreditam" L. (2) - "...a gente sempre fala para ele, da questão do corpo dos outros, sabe, respeita o corpo dos outros de todas as maneiras, você não precisa falar, você não precisa tocar se a pessoa não permitir, não precisa agredir" F. (4) - "Dos mais importantes a gente preza muito pelo respeito porque são, é um valor que vai para além do círculo familiar que pode ser estendido para o lado de fora"
---------	----------	--

VALORES	OBEDIÊNCIA	C. (1) - “Ah, sempre foi muito impositivo, se eu queria, assim, não tinha muito espaço para o que eu queria, os meus pais era o que eles queriam né, eles queriam controlar e enfim, acho que ela, os meus pais levaram muito pela educação e pela obediência e eu sou contra, não concordo com essa forma e tento fazer diferente.” G. (3) - “...a minha opinião né, enquanto pessoa, vamos falar assim, ela não era muito levada em consideração, tinha o que tinha que ser feito e acabou. Entendeu? Acho que basicamente assim, falando especificamente da minha mãe, que é a pessoa que tocou na nossa vida aí né, vamos embora, a vida era assim, quem determinava as regras era ela e acabou, não importa se eu estava gostando ou se eu não estava, aquela frase clássica, você está embaixo do meu teto, sou eu quem mando e acabou, você não tem o que querer, e era isso”
VALORES	AUTOCONFIANÇA	C. (1) - “Então eu acho que ele ter essa independência emocional dele, ter essa, estar certo do que ele é, sabe, se conhecer e levar a vida por ele, entendeu, pelas decisões dele e não pelas decisões que os outros tomarem por ele, dentro do possível né...”
VALORES	INTEGRIDADE	C. (1) - “Integridade né, ser integra, de ter, de fazer as coisas corretas, sempre pensar se não vai prejudicar ninguém” G. (3) - “Eu acho que primeiro a questão da integridade assim, sabe, de você fazer sempre o certo, o que é seu, é seu, o que não é, não é.”
VALORES	TRABALHO	L. (2) - “...tem muita coisa semelhante e tem muita coisa diferente né, minha mãe, por exemplo, minha mãe trabalhava muito, minha mãe é advogada criminal numa época que tinha que penar ali, sabe, então ela sempre trabalhou muito.” L. (2) - “...tinha essa questão do trabalho sabe, tipo, minha mãe começou a trabalhar muito cedo também, tipo, começou com 15 anos, meu avô sempre muito troncão, pôs os filhos tudo para trabalhar cedo, então aquela coisa do trabalho, se você trabalha você já é uma pessoa mais correta né, e não é uma verdade.”
VALORES	EDUCAÇÃO FORMAL	L. (2) - “...a turminha da rua sempre foi aquela turminha não muito interessada em estudos e coisas do tipo e tal, e isso ela sempre pesou muito na minha, então a questão de estudo ela sempre foi em cima.” G. (3) - “ Olha, uma das coisas que eu acho que foram primordiais foi, até por conta da própria profissão dela né, foi de entender o papel, o papel do aprender dentro da vida assim, sabe, de buscar o aprendizado, de valorizar quem ensina, tanto que eu dou um puta valor para a escola assim, e buscar, tanto que muitas coisas hoje o F. me pergunta e

		eu falo aí filho isso eu não sei, preciso estudar para te falar, e eu falo muito essa palavra para ele.” F. (4) - “É, eu tive pais que eram rígidos no sentido de cobrar, por exemplo, notas na escola ou relacionar estudo com uma vida plena e bem sucedida, relacionando o sucesso financeiro com uma vida feliz.” F. (4) - “...então eu procuro validar aquilo que elas fazem, então se eu fizesse um desenho que não estava perfeitamente bem pintado eu era corrigida, então de uma forma, não tinha nenhum tipo de, não era uma cobrança assim agressiva ou que eu tivesse medo de apanhar, mas eu tinha aquela sensação de falha.”
VALORES	EDUCAÇÃO/SIMPATIA	L. (2) - “...então sempre teve muito essa questão de educação, de ser boa praça eu acho. Então eu acho que isso veio muito dele...” L. (2) - “...tanto que o pessoal, quando eu era criança falava para minha mãe “adoro o L. porque ele cumprimenta todo mundo e não sei o que”, então eu chegava e já cumprimentava a família inteira, chegava na festa, desde criança de cumprimentar todo mundo, e eu via isso muito relacionado com o respeito também né e isso acabou ficando comigo, então na verdade eu até brinco, as vezes chego na festa e até parar para cumprimentar todo mundo que eu conheço demora, então eu vejo isso como uma coisa que ficou mesmo assim.”
VALORES	RELIGIOSIDADE	L. (2) - “...minha mãe nunca foi religiosa, mas ela meio que prezava por esse lado, o lado, não sei se por uma questão moral, então eu fiz catequese, crisma, estudei em escola de freira até, acho que até a primeira série, depois fui para o colégio adventista e aí ela falava, e eu entendo o lado dela, e ela falava que eu era muito arreiro e que eu precisava de freios mais fortes assim...” L. (2) - “...ela achava muito positivo a educação religiosa, eu já, se fosse uma coisa que eu jamais colocaria o meu filho seria numa escola religiosa, nada contra assim né, aprendi muita coisa lá, mas é algo que eu, se eu posso fazer, eu não faria então né..”
VALORES	FAMÍLIA	L. (2) - “...acho que uma questão família também assim, de estar sempre perto da família e acho que até nisso, talvez por isso seja tão, aqui em casa seja uma coisa até bem, sabe, a gente sempre faz coisa junto e tal, que por mais que cresceu eu, minha mãe e minha irmã, ela sempre que possível, por exemplo, vamos jantar, vamos jantar aqui nós três na mesa, a minha mãe, por exemplo, é a única filha que até hoje vai duas vezes por semana ver meus avós, meus avós moram num sitiozinho aqui na grande São Paulo e minha mãe é a única filha, isso já há vinte anos, desde que eles mudaram para lá, minha mãe é a única filha que mesmo com os problemas com o meu avô ela sempre está lá, então, de estar presente, sabe, é família e tem que estar assim.”

VALORES	RESPONSABILIDADE	L. (2) - "...ele já inclusive se a gente sai ele fica brincando com a gente, põe a máscara e não sei o que, fica em cima. Então você já vê como certas coisas de responsabilidade, entrando na questão da responsabilidade, e eu acho que isso vem dessa educação, daquilo que a gente entende como ser o correto nesse momento." G. (3) - "...a responsabilidade para o lado dele também né, ele entender que assim, tudo o que ele faz vai ter uma consequência normal, assim, que não necessariamente está relacionado a outro, entendeu, pode estar relacionado a ele mesmo, por exemplo, não lavar a mão, se ele não lavar a mão dele, é ele que vai ficar doente, entendeu."
VALORES	SOLIDARIEDADE	G. (3) - "...o que hoje não serve mais para você pode servir para outra criança, por exemplo, que nunca teve um brinquedo, quando ela ver esse brinquedo que hoje para você não é mais tão legal ela vai achar aquilo maravilhoso, entendeu, e estou trabalhando essas coisas com ele, porque são coisas que eu também aprendi, e a gente vai exercitando."
VALORES	CONFIANÇA	F. (4) - "Alguém com quem elas possam contar quando as coisas ficarem difíceis ou quando elas tiverem dúvidas. Eu acho, acredito que a maternidade seja isso." F. (4) - "Ah, eu quero ser aquela pessoa que ele sabe que ele pode contar, entendeu? Independente do que aconteça, das escolhas dele, quero que ele seja, que eu seja aquela pessoa que ele fale pô meu, eu posso contar com essa pessoa, sabe, aquela pessoa para se divertir, para criar memórias boas, acho que ficou um vácuo na minha infância, e eu quero que esse vácuo não fique vácuo para ele, quero preencher isso."
VALORES	EMPATIA	F. (4) - "...eu acho que o maior presente que eles me deram foi o de olhar para o outro, esse valor de ser empático, de ser aberto a olhar para as outras pessoas, de ser respeitosa com a situação do outro e de conseguir enxergar o todo, de conseguir enxergar que eu faço parte do todo e que eu preciso fazer a minha parte para esse todo funcionar."
VALORES	HONESTIDADE	F. (4) - "...eu não posso fazer algo escondido, eu não posso ter um grande segredo, ou não numa questão de privacidade, mas naquelas questões mais importantes, ah eu vou fazer aqui escondidinho porque é uma coisa que não é tão certa, porque é uma coisa que meus pais acham que não é certo e então vou fazer escondido, que possa colocá-las numa situação de risco, físico ou psicológico mais para a frente." F. (4) - "No sentido que se a gente não pratica com elas a honestidade dentro de casa, e a serem honestas conosco, pode chegar um momento, por exemplo, em que a vovó fala assim, toma aqui um pirulito e esse é um segredinho só

		nosso e isso pode evoluir depois para um abuso que fica só no segredinho entre a gente, ou num consumo de drogas que fica só num segredinho entre a gente e assim por diante. São preocupações bastante presentes para nós, principalmente com a L. que está dentro do espectro autista.”
VALORES	SAÚDE	F. (4) - “...e esse cuidado diário apesar de ser bastante maçante, ele é muito necessário dentro dessa predisposição que a gente já tem, dentro dessa realidade que a gente vive aqui né, como família, essas questões elas são questões importantes, então assim, ter acesso a tudo, mas com a limitação de saber que se passar daquela quantidade ou não tiver o mínimo de controle, existe a possibilidade depois de ter que cortar aquilo no zero.” F. (4) - “...eu tenho asma desde os três anos de idade, por exemplo, e sou alérgica a várias coisas, então é um cuidado que está presente e uma insistência a respeito desses limites que vem desde berço quase.

Tabela II – Percepção acerca das práticas que realizam e das práticas que receberam

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	FALAS
PRÁTICAS EDUCATIVAS	EXPRESSAR AFETO Práticas que praticam	C. (1) - "Acho que justamente pelo desconforto (de não receber afeto), não quero que ele, eu quero sempre o melhor para ele, então esse desconforto eu não gostaria que ele sentisse, porque existem momentos na vida que a gente precisa do porto seguro, já precisei várias vezes, e graças a Deus eu encontrei no meu pai, mas eu não encontrei na minha mãe e isso me faz falta, eu sinto falta." L. (2) - "...essa questão desse afeto que ele é cuidado aqui em casa, então esse ponto afetivo, acho que eu achei a palavra que eu estava pensando, essa questão do afeto dele eu acho uma coisa muito boa."
	Práticas que receberam	C. (1) - "...se eu perguntar se eu acho que o meu pai me ama mais que a minha mãe, eu acho que meu pai me ama mais que a minha mãe. Como que é essa percepção? Pela expressão do afeto, mas não por, eu não tenho certeza sobre isso, não é um fato." G. (3) - "...a minha mãe assim, ela era, ela é uma pessoa, ela está viva ainda graças a Deus, uma pessoa bem dura assim sabe, ela não era aquela mãe de carinho, de colo, eu não tenho essa memória com ela." G. (3) - "...até hoje tá, tipo de dar um abraço, sabe, eu vejo hoje na própria relação com o meu filho, ela tem essa dificuldade assim, sabe, de se aproximar, então em que momento que a gente se abraçava, no dia do aniversário, tipo ah, parabéns viu. Sabe assim? Aham. E as vezes quando estava doente, que eu também ficava muito doente e aí tinha um pouco mais de colo, mas fora isso, no dia do ano novo, quando a gente passava junto, no dia do natal, era mais naqueles dias que eram meio que obrigatório assim."
	ESCUTAR Práticas que praticam	C. (1) - "Quando ele manifesta as emoções dele ou as vontades, eu acho que abro mais a escuta para ele, não sinto, não senti isso da minha mãe, dos meus pais." G. (3) - "...o respeito assim, o respeito e a individualidade no sentido de não só de autonomia, mas assim, de individualidade mesmo, de como aquela pessoa pensa, de como a pessoa é, que ela tem o direito, vamos supor, de ter medo, de ela ter o direito de querer chorar, ela ter o direito, entendeu?" L. (2) - "...nesse tempo de pandemia voltaram as aulas agora, ele pediu para voltar para a escola e tipo a gente

		“você quer?” e ele falou “quero, quero brincar com meus amigos”, também de entender isso daí, seria muito fácil assim a gente falar “não, está em pandemia, e eu estou em casa, você vai ficar com o seu pai e ponto”, de entender também o lado dele.” L. (2) - “...ouvir, acho que sim, acho que a gente busca muito isso e eu acho que faz bem até para a gente mesmo assim, de entender certas coisas, de achar também, de limitar até o nosso também, o nosso exercício né, de ele falar eu não quero tal coisa, quero tal coisa, de ele limitar o que a gente está fazendo também dentro sempre daquela, da margem do possível, de ele limitar o que a gente faz também ou deixa de fazer.”
	MONITORIA EXCESSIVA Práticas que receberam	C. (1) - "A minha mãe, minha mãe ela... deixa ver, acho que minha mãe eu acho que ela é um pouco carente, sabe, aí ela exigia um pouco de atenção minha, queria me controlar o tempo inteiro, o que eu pensava, o que eu fazia, com quem eu me relacionava."
	ACOLHER Práticas que praticam	C. (1) - "E como você acha que sendo porto seguro você ajuda o O. a ser independente? Pela confiança em si, sabe, porque sendo porto seguro, ele consegue ter confiança em si, é o que eu acredito. Então, você entende que ele podendo recorrer a você e se sentir seguro com você, ele vai poder construir a própria confiança, é isso? Isso, isso."
	CHANTAGEAR Práticas que praticam	C. (1) – "...lógico que chantagear eu não estou educando, isso sai sem querer, aliás eu me policio, eu me preocupo bastante em não fazer isso, as vezes acontece, mas eu percebo na hora e eu tento não fazer."
	Práticas que receberam	C. (1) - "...por exemplo, ah isso é feio, se você fizer isso eu não gosto, ah eu não te amo, sabe? Essas condicionais, então eu acho que hoje até entrei um pouco, toda vez que ela entra em conflito comigo, eu fico com medo da rejeição, e é até hoje. Então, por menor que seja ou que eu fale até hoje, ela fala que eu desrespeitei e que fiz tudo errado e que ela não quer nem vir mais na minha casa, entendeu? Ou seja, ela sempre põe uma rejeição e eu ainda acredito até hoje."
	CONVERSAR Práticas que praticam	L. (2) - "Acho que a primeira coisa é o diálogo, a base do diálogo assim, né, tanto que o C., hoje em dia ele brinca “você estão com cara de bravo”, então acho que as vezes só na fisionomia ele já sabe como que é, e de conversar, sabe, de mostrar as vezes o que está errado.” L. (2) - “...de ele entender que as coisas podem se resolver conversando e as coisas podem se resolver né..”

		G. (3) - "...eu já falei isso várias vezes para ele, você não está enganando a mamãe, você vai ficar com a sua mãozinha suja e o bichinho vai para o seu corpinho, não vai para o meu. Então quero que você pense que a mentira não é para mim, é uma mentira para você."
	Práticas que receberam	C. (1) - "...quando eu era criança ele não conversava tanto, mas quando eu fui adolescente a gente conversava muito, ele expunha muito a opinião dele, me perguntava como foi meu dia." L. (2) - "...sempre foi uma coisa muito aberta, então sobre bebida, sobre drogas, sobre sexualidade assim ela sempre falou abertamente e sempre de puxando a orelha ali, olha como você está fazendo, olha o jeito correto."
	GRITAR Práticas que praticam	C. (1) - "...não é uma coisa que eu goste de fazer, mas acontece e para mim está tudo bem quando acontece porque eu entendo que ele vai perceber, de novo, o respeito, que cada um tem o seu limite, as pessoas chegam no seu limite e ele precisa entender qual é esse momento, que isso é normal, as coisas acontecem, ele não é limitado, ele pode fazer o comportamento dele pode ser ok, limitado, que não é, as pessoas tem suas reações." F. (4) - "...eu ainda não consigo controlar essa coisa do grito, essa coisa do perder a paciência, de, nem sempre consigo me colocar no lugar de ser a criança, e entender que aquele momento, por mais errado que seja ele não é necessariamente uma provocação."
	ESTAR DISPONÍVEL / PRESENTE Práticas que praticam	L. (2) - "...eu estou ficando direto com ele, então isso eu acho de estar nesse lado assim, esse tipo de acompanhamento eu acho que fico muito mais em cima de ver ele crescer do que a minha mãe ficou de mim....Então eu acho que ainda bem, eu tenho um tempo mais disponível de vê-lo crescer." L. (2) - "...eu prezo muito por isso assim, do C. lembrar, de ele estar escovando o dente comigo, de ele estar tomando água comigo, de ele ir dormir comigo, sabe, então eu prezo muito por isso dessa questão, então eu acho que isso é algo que eu não tive, não tenho muito assim dessas referências na memória." G. (3) - "...aqui a gente se organizou para ter o F. e eu saí do meu trabalho, na verdade eu ia sair até um pouco depois, ia esperar um pouquinho, mas quando eu voltei na verdade eu acabei sendo desligada, mas já era o plano de sair porque a gente queria ficar com ele realmente até um ano em casa, estou até hoje em casa pra você ter uma ideia."

	Práticas que receberam	G. (3) - "...uma coisa que eu quis muito fazer diferente assim, foi no sentido assim de não terceirizar sabe, essa parte da educação, da relação, da formação, porque eu, o meu irmão, a gente foi terceirizado, a gente ficava numa escola das sete da manhã até as sete da noite." F. (4) - " Nós fazíamos muitas atividades juntos enquanto família, então se tinha um trabalho de escola ou se tinha uma brincadeira ou se tinha uma atividade de final de semana e a gente fazia muitas dessas coisas, era sempre tudo junto.... e isso eu repito com as minhas filhas e faço muita questão de que elas entendam essa dinâmica familiar como algo muito valioso."
	CASTIGO Práticas que praticam	L. (2) - "...já falamos assim, não olha, se você não fizer você vai ficar pela primeira vez de castigo e tal, mas também nunca ficou, nunca precisou na verdade, e também tem aí uma questão de não precisar." F. (4) - "... e uma das coisas que eu tenho aplicado, principalmente com a mais velha né, com a mais nova não porque acho que ela não tem idade nem para entender, é de cortar um pouco os privilégios, então bom, olha, hoje você está indo no mercado comigo, numa situação que a gente sabe que não pode ficar saindo de casa e tudo mais, mas você não pode encostar nas coisas, você não pode sair correndo na frente e a gente precisa tomar um certo cuidado, se ela faz alguma coisa fora daquilo que foi combinado antes, então na hora que a gente volta para casa, da próxima vez você fica em casa porque você não cumpriu com o nosso combinado, e aí numa outra vez a gente explica o porquê que ela não está indo."
	Práticas que receberam	L. (2) - "...as vezes colocava de castigo quando precisava, castigo assim, não vai sair na festinha, não vai jogar bola nesse final de semana." G. (3) - " Mudava o tom, é, mudava o tom, e tipo ela ficava sem falar comigo, minha mãe nunca me bateu. Ela me ignorava ou ela começava tipo, a atacar meu pai, ou falava que a gente não ia para a casa da avó, então ela dificultava, quer ir para a casa da avó, beleza, alguém tem que vir buscar aqui dentro, sabe assim, sou eu que mando, eu que determino, então, ela queria mostrar assim." G. (3) - "Era mais um castigo emocional, olha, para eu te falar que eu nunca apanhei, eu não sei nem se é considerar que foi apanhar, foi uma vez na rua, foi na rua hein, minha mãe era meio esquentada, entendeu, meio esquentada."
	NEGOCIAR Práticas que praticam	L. (2) - "...ele tem o cantinho dos brinquedos dele e ele sabe que se ele tirou, ele tem que guardar, e da bagunça que ele faz também, por exemplo, da sujeira, ah quer comer na sala vendo televisão, pode comer, mas saiba que se você derrubou comida tem que pegar porque não pode deixar comida suja porque vem barata"

		L. (2) - "...ele quer, sei lá, ficar vendo TV até tarde, então a gente acaba fazendo muito acordo aqui em casa." L. (2) - "...neste caso de ah, quero dormir mais tarde, e você vê que ele está sem sono e se você ver que ele quer brincar mais um pouquinho, eu não vou bater o pé e falar vamos agora, não, tá, então brinca mais dez minutinhos, tá, e aí passou os dez minutinhos e ele entender que oh, eu abri mão aqui um pouco, você abre mão um pouco daí e chegamos a uma conclusão e solucionamos o problema."
	DAR EXEMPLO Práticas que praticam	L. (2) - "...o exemplo das coisas que a gente faz, então, por exemplo, vamos lavar uma louça aqui filho, vamos, quer lavar com a gente, olha, lava e tudo, porque que a gente está lavando a louça? Porque está vendo, suja, pode vir mosca, pode vir e tem que deixar sempre limpo." F. (4) - "Eu acho que mais por exemplo e por restrição do que por conversa propriamente dita, então se eu faço um prato colorido, elas estão mais propensas a comer colorido também, mas se um dia eu não quero comer uma determinada salada, elas também ficam propensas a não comer aquela determinada salada, mesmo que eu diga que aquilo é importante, mesmo que eu diga que aquilo faz parte de um cuidado, então elas estão bastante envolvidas no nosso dia a dia aqui, e tudo mais, e o cuidado maior que a gente tem tido em casa é justamente o de dar o exemplo."
	MONITORIA POSITIVA Práticas que praticam	L. (2) - "...ele já estava chutando a bola e quase pegou no carro e eu já "C. tem que tomar cuidado, não pode a bola pegar no carro e tal", essas coisas simples assim de entender que não pode pegar a bola e chutar no carro né, talvez ele nem saiba que a bola vai zuar o carro, e tal, mas de ele entender que já não pode."
	AGRESSÃO FÍSICA / PSICOLÓGICA / VERBAL Práticas que receberam	G. (3) - "É, e isso é até um conflito assim entre eu e meu marido porque, por exemplo, o meu marido é mais esquentado, ele a mãe dele batia nele e ele acha, quer dizer, achava né, ou se ele acha ainda, eu falei para ele que com o F. ele não vai fazer, que um chacoalhão, um beliscão funciona, entendeu, eu já cheguei a intervir assim no meio, de ele perder e eu intervir no meio e falei para, se você não está dando conta, dá licença, sai, vai respirar, aqui não vai rolar, entendeu?" G. (3) - "E ela estava com uma pasta na mão e ela fez assim "cala a boca" e deu com a pasta na minha cara. Foi a única vez. Mas foi marcante pelo jeito né? Foi, foi marcante, eu lembro que eu fiquei assim, que eu não acreditei no que estava acontecendo, sabe quando você fica assim? Falei "caraca, ela me deu com a pasta na minha cara", aí fiquei para trás, eu fiquei parada, e ela falou "você está esperando o que para você andar"

		G. (3) - "...eu achei que ela ia atacar na minha cabeça, ela não atacou, ela atacou os quatro pratos no chão, tipo, estourou todos os pratos no chão, pegou a panela de pressão e jogou no fogão, e tipo, entortou a grelha do fogão e falou "chega, eu não quero ouvir mais nada, não quero que saia mais nada da sua boca" e saiu de casa, saiu, e eu fiquei lá no meio daqueles cacos, tipo em choque, o meu irmão estava jogando vídeo game, já é branco, ficou transparente, e a gente não sabia o que fazia, eu não conseguia sair do lugar e aí eu comecei a chorar, chorar, e chorar, que eu não sabia onde ela tinha ido"
	LEGITIMAR Práticas que praticam	F. (4) - "...hoje eu vejo que assim, se aquela atividade não é uma atividade que as meninas gostam tanto de fazer ou que elas não tem assim uma, como que eu vou colocar isso assim, um talento para aquela atividade específica, elas deram o melhor delas naquela atividade e tem outras atividades que elas vão desenvolver melhor, mas elas se esforçaram para fazer aquele desenho, então eu reconheço o esforço e sempre pergunto para elas, invés de eu dizer para elas nossa, eu estou orgulhosa, ficou muito lindo, eu sempre pergunto o que elas acharam a respeito da atividade, a respeito do resultado da atividade, se elas gostaram, se elas se envolveram bem com aquilo, ou não, poxa, olha que legal que você fez um desenho, não o desenho, o processo de fazer um desenho."
	COBRANÇAS Práticas que receberam	F. (4) - "E isso me impediu de fazer muitas coisas, né, então agora com trinta anos, quase trinta e um é que eu consegui me encontrar profissionalmente, por exemplo, e a base de muitos erros é claro, mas esse arriscar, por exemplo, que eu poderia ter feito muito mais cedo ele demorou muito, eu precisei de ajuda, de terapias e tudo mais para conseguir dar os primeiros passos, errar o que eu precisava errar e conseguir me encontrar num ramo profissional, por exemplo."

10 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como dado relevante para a discussão desta pesquisa, acredito ser de suma importância ressaltar o recorte dentro do qual ela se deu, fato que indiscutivelmente tem efeito sobre os dados e resultados obtidos.

Em sua maioria, como dito na discussão dos resultados quantitativos, participaram da pesquisa mulheres de classe média ou alta. Tal dado faz referência a uma parcela bastante específica, pequena e singular da população o que pode nos levar a inferir que os resultados teriam grandes chances de se apresentar de maneira diferente caso a população do estudo fosse heterogênea em termos sociodemográficos e de gênero.

Um dos objetivos primordiais desta pesquisa foi aferir, segundo a compreensão dos pais, quais são as práticas educativas que eles repetem em função dos padrões e modelos da educação que receberam, e os valores que transmitem. Segundo o formulário do *Google*, mais de 90% dos participantes percebem diferenças entre a forma como foram educados e a forma como educam seus filhos. Considerando e assentindo o que foi dito por Santos (2006) a respeito do tema, pode-se compreender que as práticas educativas parentais são influenciadas em maior ou menor grau pela aquisição, transformação e transmissão dos valores, o que denota o caráter indissociável das duas dimensões ao tratar de repetição de padrões e modelos familiares neste âmbito. Desta forma, compreender as práticas educativas passa por compreender os valores que as norteiam. De maneira geral, as práticas assinaladas como reproduzidas em maior porcentagem são as ditas positivas, sobretudo escutar, conversar e negociar. Como pode ser verificado na Análise de Dados e nos resultados Quantitativos, tanto os entrevistados quanto aqueles que responderam ao questionário consideram o respeito como valor mais importante de ser considerado ao educar um filho, o que corrobora com as práticas positivas citadas acima, já que buscam legitimar o espaço de fala da criança dentro do sistema, colocando-a como alguém que deve aprender a respeitar sendo respeitada em sua forma de ver e viver o mundo desde a tenra infância. Segundo Siegel e Bryson (2018), há de se considerar, inclusive, o desenvolvimento diferenciado do cérebro da criança quando a submetemos a determinadas práticas que julgamos serem educativas, mas que tem pouca chance de serem eficientes a médio/longo prazo. Segundo os autores, os estudos recentes apontam para o desenvolvimento tardio na vida da área do cérebro responsável pela tomada de decisões e controle de emoções (córtex pré-frontal).

Aparentemente, esta área só se desenvolve plenamente após a segunda década de vida e, portanto, pede por práticas educativas que visem estabelecer contexto para o desenvolvimento de autocontrole e consciência a longo prazo. Aqueles que utilizam práticas negativas e/ou punitivas para educar visam ensinar e controlar crianças ainda muito pequenas a se comportarem e se autorregular em como se espera que os adultos façam e, assim, utilizam estratégias que parecem surtir mais efeito no curto prazo ou de imediato, sem considerar o que isso representaria ao longo do tempo. Em vista disso, questiono-me se estas respostas fazem referência à realidade na medida em que se sabe que práticas punitivas têm sido cada vez mais reprimidas e rechaçadas em nossa sociedade, especialmente quando enquadradas tal dado na população predominante no estudo. As práticas percebidas como 'ruins' tais como bater, gritar ou castigar apareceram pouco em relação as outras e foram, inclusive, justificadas em algumas opções marcadas como 'outras', como é o caso da frase a seguir: *"já dei palmada algumas vezes, até que percebi que não deveria fazer isso. Então, decidi não fazer mais."* Diante de tal colocação peculiar, nota-se o quanto as vezes o indivíduo, ao ver-se convocado a falar sobre as partes de si das quais não se orgulha ou tem vergonha, sente-se na posição de precisar justificar. Este dado nos aponta novamente em direção à repressão social, anteriormente citada, das práticas punitivas utilizadas para educar crianças.

O intuito de verificar a expectativa dos pais em relação ao papel parental que estão exercendo se conecta com o conceito de intergeracionalidade na medida em que a expectativa que eles têm sobre si mesmos tendeu a se basear no que eles vivenciaram com seus próprios pais, tanto no que tiveram em abundância quanto no que lhes faltou. Uma expectativa dos entrevistados em relação ao próprio papel parental que foi em comum aos quatro foi a de ser considerado um porto seguro por seus filhos ao longo do desenvolvimento deles e na vida adulta, alguém com quem eles saibam que podem contar a qualquer momento e para todas as situações. Quando questionados a respeito do que esperavam de seus filhos, considerando este pai ou mãe que desejavam ser, de forma geral, apareceram respostas fazendo referência a adultos respeitosos, empáticos e seguros de si. Que saibam se posicionar e respeitar os ambientes sociais e suas regras, bem como os limites relacionais. Tal associação aponta para o entendimento de que tendo pais e mães com os quais se pode contar, ou seja, que lhe propiciem uma vinculação segura, a consequência natural seria criar filhos adultos seguros, exploradores e conscientes de si e dos outros. Tal percepção corrobora com o que se

sabe atualmente sobre os efeitos do apego seguro com as primeiras figuras de referência na infância. Para além disso, a pesquisa denota, na população entrevistada, coerência entre as práticas educativas mais utilizadas, os valores que se deseja transmitir (respeito, autonomia/independência e responsabilidade) e as características que os pais esperam observar nos filhos quando estes se tornarem adultos : ‘respeitosos, empáticos e seguros de si’. Isto porque educar com respeito pressupõe que se ensina, em contrapartida, a respeitar e pode também ensinar a compreender o lugar do outro para além das nossas próprias convicções. Do mesmo modo, pode-se compreender que ser ‘seguro de si’ tem em sua base um certo grau de autonomia e independência, já que a confiança de que se pode fazer algo e consegue se baseia em saber fazer por si e sozinho.

Não houve grandes discrepâncias diante do questionamento a respeito do quanto suas práticas ensinam os valores que desejam passar ou não. Com certa facilidade, os quatro participantes puderam perceber, talvez no momento da entrevista, que utilizam o exemplo, o convívio cotidiano para transmitir valores sem falar sobre eles. Tal dado corrobora com o conceito de valor como sendo algo passado de um indivíduo a outro por meio de ações que, em última instância, carregam significados que não necessitam de explicação racional e lógica. A linguagem falada , na transmissão de valores, parece ficar em segundo plano. Por este viés, pode-se presumir que os exemplos e o convívio possam gerar modelos importantes para as crianças de como ser e agir no mundo, ao passo que podem também gerar exemplos do que não ser e não fazer. Não está dado que o convívio e o cotidiano ensinam e transmitem exatamente aquilo que se deseja passar, visto que muitas famílias se encontram em conflito por questões baseadas em discrepâncias de valores e crenças. Há de se considerar alguns fatores nesta análise, entre eles as divergências conceituais do que é importante ensinar entre os cuidadores e possíveis incoerências entre o que se diz e o que se faz. Existem práticas punitivas que visam ensinar a obediência como se esta fosse um sinônimo de respeito. Quando se cresce sofrendo punições por não obedecer, é possível criar aversão a qualquer prática punitiva (desde a alteração no tom de voz até as violências físicas e psicológicas) ou seguir praticando este modelo por não conseguir se distanciar do mesmo e perceber seus efeitos sobre si, perpetuando a ideia de que punir consistentemente funciona, é efetivo. No extremo oposto, crescer com cuidadores negligentes pode gerar insegurança, falta de fronteiras e limites e , pela ausência destes, produzir o contra-modelo do controle excessivo. Este controle pode aparecer de diversas formas, não só com punições , mas

também com vigilância em excesso e pouco espaço para o desenvolvimento de autonomia.

Ao observar os dados do formulário a respeito dos valores importantes ao educar, nota-se que estes se reproduzem na entrevista com os quatro participantes. Da mesma forma que ‘respeito’ recebeu a maior porcentagem de votos (81,3%), os entrevistados também citaram este como um valor primordial.

O valor do ‘respeito’ parece ocupar diversas esferas no imaginário dos pais, já que aparece na entrevista voltado para dois grandes aspectos: respeito à si e respeito ao outro. Como práticas parentais utilizadas para fomentar o respeito à si, tem-se a escuta, a legitimação dos desejos, a negociação e a conversa, que promovem para a criança a sensação de pertencimento e de voz ativa dentro do sistema e, portanto de ser respeitado em suas escolhas e desejos, mesmo quando estes não podem ser atendidos. Além disso, há também o enfoque nos sentimentos das crianças, sejam quais forem, como algo a ser incentivado, nomeado, acolhido e não repudiado. Portanto, diante de situações frustrantes, parece-me uma atitude respeitosa dos pais reconhecer e legitimar a frustração da criança e colocar-se disponível para ajudá-la a lidar com tal sentimento, caso a criança deseje. Práticas deste tipo foram depreendidas de falas como a seguinte, dita por L. ao longo de sua entrevista:

“É, aí as vezes ele quer ficar, está injuriado, quer ficar sozinho, tá, fica sozinho no seu canto, fica aí, a gente vai ficar aqui, se quiser conversar estamos aqui, sabe, de não ficar também em cima, deixa ele com o tempo dele...” (L. entrevista 2).

Entende-se hoje que as crianças têm um funcionamento neurológico muito diferente dos adultos, e que, ao menos ao longo dos primeiros anos de vida, comportamentos de auto regulação eficientes, tais quais respirar diante da raiva, racionalizar a frustração ao invés de gritar e chorar, se afastar de situações potencialmente conflitivas (entre outros), são raros e incipientes. Isto as deixa mais propensas a serem ‘tomadas’ pela parte mais primitiva do cérebro, gerando o que se chama comumente de ‘birra’ (Siegel e Bryson, 2018). Partindo deste referencial, práticas educativas que respeitem o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, mostrando a ela que é aceita e amada, independentemente de como se comporta, são formas primitivas de ensinar autorrespeito no futuro. Ao ser respeitada desde a tenra infância, encontra valor em si e consegue se posicionar diante de situações que a façam sentir desrespeitada pois este lugar lhe foi garantido desde cedo. Por este viés,

compreende-se por que as três práticas mais marcadas diante da pergunta sobre práticas parentais mais utilizadas foram escutar, negociar e conversar. Tal dado nos mostra coerência entre o valor que se deseja ensinar e as práticas utilizadas para isto, já que utiliza o respeito à criança como uma forma de ensiná-la a importância de respeitar o outro.

Além do respeito consigo, o estudo aponta também para a importância do respeito ao outro, diferenciando este último entre respeito as diferenças e respeito aos limites colocados por outrem. Tal perspectiva fica evidente na fala de C., primeira entrevistada, quando se refere a gritar quando perde a paciência com seu filho:

“...não é uma coisa que eu goste de fazer, mas acontece e para mim está tudo bem quando acontece porque eu entendo que ele vai perceber, de novo, o respeito, que cada um tem o seu limite, as pessoas chegam no seu limite e ele precisa entender qual é esse momento, que isso é normal, as coisas acontecem, ele não é limitado, ele pode fazer o comportamento dele pode ser ok, limitado, que não é, as pessoas tem suas reações.” (C., entrevista 1).

Apesar do reconhecimento de que gritar não é uma prática positiva, há também a compreensão de que é um comportamento, ainda que desajustado, que evidencia um limite do outro. Neste sentido, embora C. não goste de gritar, também tem autocompaixão e compreende que, para seu filho, será importante reconhecer os limites de sua mãe e aprender a conviver com eles.

Diante de tamanha importância do respeito a si e ao outro enquanto valor, reflito a respeito do papel dele, tal qual apareceu na pesquisa, para a diferenciação de um membro em relação à família de origem. Considerando que tal processo acontece ao longo de todo o desenvolvimento, penso no quanto se faz importante reconhecer-se como ser individual, dotado de desejos e particularidades para que se possa pertencer ao sistema e diferenciar-se dele ao mesmo tempo, de maneira saudável. Quando os desejos, necessidades e emoções de uma criança são legitimados (mesmo quando não satisfeitos), há o respeito para com a individualidade da mesma, no sentido de que o cuidador compreende que ela queira, necessite ou sinta algo e valida isso com ela e para ela. Ao longo do tempo, práticas educativas de ouvir, conversar e negociar (conforme já citadas anteriormente) ensinam e valorizam o respeito entre duas pessoas. Por outro lado, práticas tais como gritar em um momento de irritação, ainda que punitivas, denotam com clareza para quem gritou e para quem ouviu, que um limite foi atingido. A

irritabilidade e a insatisfação de um cuidador diante de algo que a criança faz ou fala também diz sobre a diferença entre um e outro. Não é tudo que pode ser feito e falado para com este adulto. Ele é diferente e não uma extensão do corpo e dos desejos da criança e, muitas vezes, terá desejos opostos que haverão de ser negociados. Ambas as situações, considerando o grito como prática eventual e não corriqueira, encaminham um ser em desenvolvimento para se compreender como individual e parte de algo ao mesmo tempo.

Conforme citado anteriormente, o conceito de diferenciação trazido por Bowen torna-se, então, de extrema relevância para compreender a validade de uma perspectiva que não só respeita como também incentiva a diferenciação da criança conforme ela cresce. Neste sentido, respeito como um valor pode ser compreendido como meio para facilitar um processo saudável de diferenciação dos filhos, já que lhes propicia ambiente seguro para posicionarem-se sem correr o risco de causar grandes abalos ao sistema familiar. É certo que tê-lo como valor principal não é garantia de que tal processo aconteça de maneira saudável, mas pode-se dizer que é um pilar relevante para que se possa reconhecer a importância e a legitimidade das individualidades dentro do sistema familiar.

Todavia, ao passo que o respeito como valor primordial parece ser condutor de processos de diferenciação, pode-se pensar que a obediência exerce a força contrária, mantendo o indivíduo fusionado, para o qual obedecer para pertencer torna-se mais importante do que respeitar-se e diferenciar-se. Por suposto que tal escolha não se dá de forma racional e individual, principalmente quando se considera que pertencer e ser amado de alguma forma parece ser um dos maiores objetivos do ser humano. Obedecer é um valor potente diante da visão de que os filhos são propriedade dos pais e lhes devem obediência acima de tudo. Curiosamente, muitas vezes obedecer é visto como uma atitude que demonstra respeito dos filhos para com os pais. No entanto, percebe-se que há apenas uma direção na qual ele importa em sistemas que operam sobre a égide da obediência, e é dos filhos para com os pais. Por outro lado, é possível respeitar e ensinar a importância da obediência ao mesmo tempo. Pensar o conceito de obediência pelo viés acima citado, remete à obediência a qualquer custo, sem possibilidade de raciocínio crítico ou refuta à demanda de outrem. Em contrapartida, aprender a obedecer é também aprender a seguir regras. Regras estas especialmente importantes para formar um bom cidadão que compreende e respeita as leis e o pactos sociais, ainda quando estes lhe

desagradam. Existe, portanto, uma segunda dimensão na compreensão do valor Obediência, que não se contrapõe explicitamente ao respeito mas, ao contrário, se une a ele. Socialmente falando, aquele que respeita as leis e as regras, obedece às mesmas sem buscar subterfúgios que lhe deem privilégios individuais. Afinal de contas, do que se tratam as leis? São regras para que o convívio social seja regulado e, de alguma forma, entre em conformidade. Se o indivíduo aprende que obedecer não é necessário e que respeitar seus desejos é o que sempre importa, dificilmente entrará em conformidade com o que se espera socialmente de um cidadão.

Parece-me, portanto, que existem duas dimensões diferentes do fenômeno da obediência e do respeito: o primeiro refere-se à pequena simulação de sociedade chamada família, na qual obedecer cegamente tende a estar atrelado a querer pertencer e ser amado, à despeito das necessidades individuais. O segundo parece remeter à sociedade como um todo, que necessita obediência às regras para sua continuidade e manutenção. Conviver em sociedade significa abdicar de vontades individuais e considerar, muitas vezes, as necessidades coletivas acima de tudo. Considero, portanto, que há não só possibilidade, mas como necessidade de se ensinar às crianças a importância da obediência e conformidade, ao mesmo tempo que o respeito a si e o raciocínio crítico. Baseando-me nesta reflexão, penso que os conceitos de autonomia e autoridade também seguem a mesma linha de pensamento. É importante que o indivíduo torne-se, ao longo da vida, autônomo em relação à sua família de origem, ao passo que perceba a importância e relevância de se tornar conformado à autoridade das regras sociais e das leis - aqui consideradas aquelas existentes para o bem social e manutenção do que se entende como coletividade e não aquelas estipuladas pela classe dominante para que se perpetuem no poder. Há de se considerar, porém, que existem um jogo complexo de forças imperando nestas aprendizagens todas e que ensinar a respeitar e obedecer ao mesmo tempo não parece ser tão simples como se pode pensar. Tal informação pode ser corroborada pelos dados a seguir.

Considerando esta polaridade/interdependência percebida entre Obediência e Respeito, penso que a pesquisa evidenciou que quando um se faz presente de maneira marcante para a prática educativa de uma família, o outro encontra-se no polo oposto, como menos relevante ou menos praticado. Vê-se, nos resultados quantitativos (figura XIII) que, dentre os valores mais importantes para os pais, a obediência aparece com 22,3% do total de votos, enquanto o respeito representa 81,3% do total. Ainda assim,

diante de todos os valores possíveis, não se caracterizou como menos importante pois recebeu mais votos do que pró atividade e reciprocidade. Tais valores não foram citados nas entrevistas. Faz-se relevante aqui pensarmos no que estes dados refletem. Aparentemente, a população da pesquisa visa ensinar o respeito através de práticas educativas respeitadas, enquanto considera que ensinar a obedecer não parece de suma importância. Não é possível dizer se houve foco, na hora de responder ao questionário e de conversar com a entrevistadora, na ideia de que o raciocínio crítico se constrói apenas em cima do valor do respeito. No entanto, considero que criar um adulto crítico, capaz de refletir sobre seu papel na sociedade e sobre aquilo que acha justo para si e para outro, não escapa de ensinar a importância de saber obedecer. Não para se adequar, não para se submeter, mas para compreender que muitas vezes o que está em jogo não é a necessidade de um, mas sim a necessidade de muitos. Vê-se, com frequência, este jogo na política do nosso país. Nele, existe uma camada privilegiada da sociedade que não se percebe, de maneira geral, como responsável por cuidar e representar os menos favorecidos. Ao contrário, tendem a se preocupar com manter e aumentar seus próprios privilégios, mantendo o status quo. Isso reflete capacidade de pensar em si e se respeitar, mas baixíssima capacidade de olhar para a sociedade como um todo e a si mesmo como parte dela e, por consequência, como responsável pelos rumos que ela toma, inclusive a desigualdade do social, a fome e o preconceito. Acredito, portanto, que as práticas educativas respeitadas também tem como função ensinar a criança a compreender a importância de obedecer. Tal posicionamento aparece na entrevista de C. na seguinte fala: “tem muita coisa que não tem como, são leis, governo manda e tem a hierarquia da sociedade, ok, até aí tudo bem, mas, dentro do que ele pode ter a autonomia dele, ter a independência dele eu gostaria que ele fosse assim (autônomo), sabe.”(C., p.69) .

É possível e desejável que se diga não para as crianças quando seus desejos ferem ou passam por cima dos outros. Este não, este limite, não precisa ser grosseiro ou violento. Pode sinalizar respeito para com o desejo e a intenção da criança, sem que isso signifique ceder ao que ela deseja e que seria contra o que se considera importante coletivamente.

Em seguida, surgem outros dois valores importantes neste mesmo processo e que se correlacionam: autonomia e responsabilidade. Curiosamente, enquanto no formulário a independência teve 29,5% de escolhas e a autonomia 50,9%, nas entrevistas a autonomia aparece consideravelmente menos do que a independência. Tal fato pode

remeter a certa dificuldade de diferenciar os dois conceitos. Para efeitos de compreensão faz-se necessário apontar que as definições utilizadas para as análises no presente estudo foram as seguintes (<https://michaelis.uol.com.br/>., acesso em 12/02/2021)

Autonomia: 'Capacidade de autogovernar-se, de dirigir-se por suas próprias leis ou vontade própria; soberania. Liberdade moral ou intelectual do indivíduo; independência pessoal; direito de tomar decisões livremente.'

Independência: 'Estado, condição ou característica daquele que goza de autonomia ou de liberdade completa em relação a alguém ou algo.'

Ou seja, no contexto da pesquisa, a independência passa a existir quando o indivíduo é autônomo em relação à sua família de origem. Considerando tal definição, talvez faça sentido que boa parte dos entrevistados tenha valorizado a autonomia significativamente mais do que a independência, pensando que se trata de pessoas com filhos majoritariamente na faixa entre 1 e 3 anos, que demandam dos pais muita ajuda para executar as mais variadas tarefas do dia a dia. Para estas famílias, torná-los autônomos faz-se mais urgente do que promover independência, já que é um processo lento até que estejam maduros e prontos para se soltarem da família de origem. Por outro lado, nas entrevistas, a pergunta remetia ao futuro, no qual as crianças já seriam adultas e questionava o que os pais desejavam que seu filho se tornasse e a independência foi mais citada do que a autonomia. Imaginando os filhos adultos, o resultado final que esperam e ousar dizer desejam obter é que estes possam viver de maneira independente. Este dado condiz com a expectativa do ciclo vital de uma família. O conceito de ciclo vital faz referência às fases que se espera que uma família atravesse ao longo do tempo, marcadas por vivências específicas que tendem a ser comuns a todas. Na primeira fase, de aquisição, é onde se encontram os participantes da pesquisa. Uma das características dela é o nascimento dos filhos. Em seguida, viria a fase adolescente, a fase madura e enfim, a fase última. Com isto em vista, considero importante emoldurar os conceitos de independência e autonomia dentro desta perspectiva. Para que as fases possam se dar da forma como se espera, é necessário que haja uma crescente independência dos filhos em relação aos pais, que é possibilitada pelas pequenas lições de autonomia pelas quais vão aprendendo juntos. A adolescência, por exemplo, é uma fase na qual a independência não costuma existir, mas a autonomia pede por um aumento considerável. Na fase madura é esperando que haja independência dos filhos em relação aos pais e que estes já estejam fora de casa ou saindo. Penso que a importância dos valores

trazidos a tona pelos participantes refere-se também em grande parte pelo desejo dos pais de alcançar estas fases, já que elas também significam menos preocupações e o retorno do foco para si mesmo e para a conjugalidade quando da chegada da fase madura, áreas que 'competem' por espaço com a criação dos filhos ao longo de muitos anos.

Há algo curioso a ser mencionado em relação à este tema. Com frequência, na clínica de adultos, me deparo com pessoas que acreditam e se apoiam na ideia de que foram estimulados, desde cedo, a serem independentes e autônomos em relação aos pais. Muitas vezes, ao longo do processo terapêutico, estas pessoas se deparam com o fato de que se sentiram desamparadas, negligenciadas enquanto crianças e que aprenderam a ver estas cenas como positivas para seu próprio desenvolvimento, ignorando como aquilo as fazia sentir. A ideia de 'fazer sozinho' necessita de compreensão mínima a respeito das capacidades cognitivas, motoras e emocionais das crianças em suas diferentes fases do desenvolvimento. Se não há capacidade, há negligência. Não há aprendizagem por competência e sim por necessidade, por urgência. As situações podem parecer semelhantes, mas geram subprodutos bastante distintos. Quando se aprende no momento que se está pronto, há desenvolvimento de autoconfiança, autoestima, aquisição de habilidades. Quando se aprende por necessidade, por urgência, há a construção do sentimento de solidão, de não poder contar com os outros e a falsa percepção de autossuficiência.

A grande maioria dos participantes disse perceber diferenças entre a educação que tiveram e as práticas educativas que utilizam com seus filhos, embora uma porcentagem pequena (7,1%) diga não perceber. Pode ser relevante, em futuras pesquisas, investigar essa não percepção e do que se trata: é uma repetição tal qual o que a pessoa viveu na infância, sem pensar muito a respeito ou é a percepção de que a forma como foi criado era perfeita?

Curiosamente, quando questionados a respeito de quais práticas acreditam estar reproduzindo sem perceber, referem-se principalmente a práticas punitivas. Isto pode fazer referência a um desejo de não se responsabilizar pelas punições que infligem aos filhos, tranquilizando-se de que quando há punição, isso está diretamente relacionado às punições que vivenciaram na infância e não a escolhas conscientes. Pode também dizer a respeito do quanto as práticas punitivas são marcantes. Marcantes não porque

ensinam, mas porque são lembradas por longos períodos a despeito do porquê foram aplicadas. Por estas marcas, passa a ser difícil pensar em reproduzi-las nos próprios filhos e, por isso, quando o fazem, dizem fazer sem perceber, sem escolher. Ao meu ver, para além deste fator, há também de se considerar a força dos modelos parentais que são apreendidos pelo convívio e que carregam valores embutidos que muitas vezes não foram nomeados. Quando se é punido frequentemente por chorar, por exemplo, a criança tende a compreender que chorar é algo que não deve fazer, que é reprovado dentro de sua casa. No entanto, o valor por trás dessa prática nem sempre está evidente e explícito e a criança o carrega da forma como pôde compreendê-lo à época. Quando adulta, talvez puna seus filhos por chorarem por entender que isso é sinal de fraqueza e que fraqueza, por consequência, deve ser evitada. Portanto, talvez haja reprodução de determinadas práticas 'sem perceber' por conta da não compreensão ou da compreensão equivocada dos valores que as baseavam (ousar dizer que quando há reprodução, esta também pode estar pautada numa compreensão equivocada). Além disso, é importante lembrar que o contexto externo à família influencia a disposição entre os membros. Um trabalho estressante, um casamento desgastado, brigas com a família extensa, com amigos, com colegas de trabalho, falta de dinheiro e/ou emprego, doença, etc são estressores que podem repercutir na forma como os pais se relacionam com os filhos, predispondo-os a menor percepção de si e do outro, gerando atitudes que não ocorreriam se a situação externa fosse diferente. Neste caso, não considero que os pais estariam reproduzindo modelos parentais, mas sim reagindo à fatores externos de maneira impensada e, talvez, inadequada, mas a única possível naquele momento.

As entrevistas, em geral, evidenciaram o desejo de reproduzir aquilo que foi prazeroso viver ou o que passou a fazer sentido na vida adulta (como incentivar a educação formal, por exemplo) e o desejo de não reproduzir aquilo que foi maléfico em algum nível.

Foi interessante perceber que, ao fazerem a análise de como se sentiam diante da forma como foram educados, pareceu-me que, em alguns momentos, estavam refletindo sobre aquilo pela primeira vez e assim podendo reavaliar e reorganizar possíveis compreensões que haviam formulado até então. As falas de L. (2) e F. (4), corroboram com esta percepção:

“...então gostei, gostei bastante de falar, acho legal, muita coisa, até muita coisa para mim mesmo, que eu nem sabia e você acaba pensando para responder, as perguntas né, a gente não tem esse tipo de pergunta, quando vem a pergunta você acaba fazendo essas ponderações...” (L.

p.

“É um momento gostoso, um momento de reflexão também, acho que eu nunca tinha parado para pensar tão profundamente, tão especificamente em algumas escolhas, é sempre mais assim, precisa saber, a gente precisa nortear as coisas dentro da nossa experiência, evitar cometer os mesmos erros...” (F. p.

Em suma, pode-se dizer que sim, há percepção acerca da reprodução ou não de práticas educativas por parte dos participantes da pesquisa. A amostra deste estudo parece ter alta coerência entre os pais e mães que desejam ser para seus filhos, o que esperam deles, os valores que desejam transmitir e as práticas educativas que utilizam para tanto. Aquilo que reproduzem, em sua maioria, é de maneira consciente por entenderem que foram práticas positivas para seu próprio desenvolvimento. O que buscam não reproduzir, ainda que isso nem sempre se mostre possível, permeia o campo das práticas que tiveram repercussões negativas em suas visões de si e/ou do mundo e do outro.

Para além dos achados da pesquisa, considero fundamental apontar que, como mãe e psicóloga que atua na área da parentalidade, existem fatores importantes a serem considerados em pesquisas futuras. O estudo de Gheorghiu, Gruson e Vari (2008) trazem apontamentos importantes a respeito do que acontece entre uma geração e outra para que haja mudança de perspectiva em termos educacionais. Para os autores, o acesso a informação é determinante para que um indivíduo tenha maior chance de se relacionar com os filhos de maneira diferente da que se seus pais se relacionavam com ele. Tal dado é importante no atual contexto, já que vivemos imersos em informações constantes e disseminadas, que podem ajudar muita gente e também complexificar coisas que poderiam ser mais simples e intuitivas. Digo isto pois percebo grande influência de teorias que vem se tornando acessíveis ao público (do Apego, Disciplina Positiva, Comunicação não violenta, entre outras) sobre a forma como a maioria dos pais representados por esta amostra vem educando seus filhos. A influência de tais teorias nem sempre tem efeitos positivos nas relações familiares. Ao contrário, encontro famílias tão mergulhadas nas técnicas e dicas que não conseguem perceber a criança e o que ela precisa e deseja. Além disso, há também uma frustração grande por parte daqueles que buscam reproduzir a teoria tal qual ela é descrita e se deparam com dificuldades de educar os filhos e/ou reproduzindo padrões familiares negativos sem perceber. Acredito, portanto, que a influência dos novos achados que tangenciam o tema da parentalidade possa ser significativa na questão da intergeracionalidade das práticas educativas, pois pode funcionar como um guia externo que pode promover autoconsciência. Assim como há

pesquisas que apontam para a psicoterapia como fator preditor de mudanças nos padrões de apego, talvez as teorias recentes também possam corroborar para isto.

O estudo de Bortolini e Piccinini (2015) aponta para a possibilidade de mudar o 'script' de apego e, portanto, a forma de se relacionar e possivelmente de educar através de experiências positivas, seguras e que possibilitem diferenciação e elaboração das vivências infantis, tal como a psicoterapia. O presente estudo não tinha como objetivo aprofundar nas características que corroboram para a mudança de práticas educativas ao longo das gerações e sim verificar a compreensão dos pais acerca deste fenômeno, trazendo luz a ele. No entanto, um estudo com este enfoque lançaria luz nas estratégias e possibilidades existentes na sociedade que ajudam a transformar e elaborar vivências primárias, transformando-as em escolhas conscientes e não repetição mecânica de vivências e padrões familiares. Na Entrevista 1, com C., exemplo, faz-se referência à prática de Yoga e à psicoterapia como ferramentas importantes em seu processo de autoconhecimento, individuação e, por consequência, mudança. Tais ferramentas apresentam-se indisponíveis para uma grande parcela da população, por serem elitizadas. No entanto, famílias menos favorecidas também passam por processos de mudança nas práticas parentais entre as gerações. Santos (2006) faz apreciações importantes a este respeito. Em especial, a mídia surge como um potente fator a influenciar as práticas de uma geração para outra. Novelas, blogs, blogueiras (os), telejornais e todos os veículos de comunicação hoje existentes tem potencial enorme de influenciar a opinião, as crenças e as formas de viver de uma sociedade e, portanto, das famílias que nela se inserem.

Por fim, há concordância entre o que o estudo de Bortolini e Andretta (2017) encontrou e o que a pesquisa pode atestar nas entrevistas. A reprodução de práticas parentais parece ser multifatorial. Há a reprodução daquilo que parece ter surtido um efeito positivo no indivíduo ao passo que se busca não repetir o que causou algum tipo de dano, seja ele físico, emocional ou psicológico. Buscar não repetir não significa não repetir de fato, pois pode-se perceber nas entrevistas que, mesmo quando o fazem conscientemente, os participantes eventualmente punem os filhos como seus pais os puniam, mesmo sabendo que os efeitos desta punição não são os desejados por eles.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os objetivos propostos, nota-se que a percepção da reprodução de práticas e valores parentais parece ter sido, em grande parte, suscitada pela pesquisa, tanto o questionário quanto as entrevistas. Isto significa que, talvez, refletir sobre a educação que recebem e a educação que oferecem talvez não seja algo comum a todos os pais e mães. Ainda assim, os participantes relataram perceber diferenças entre a forma como foram educados e a forma como educam seus filhos, especialmente quando se trata de utilizar práticas educativas punitivas. Os valores familiares que desejam passar adiante e que norteiam as práticas mais utilizadas, no entanto, parecem se manter através das gerações, de acordo com os resultados, o que suscita questionamentos a respeito da forma como os participantes apreenderam os valores familiares e como fazem para ensiná-los através das práticas que utilizam. Aparentemente, apesar de terem aprendido determinados valores com as famílias de origem através de práticas que hoje desaprovam, foram capazes de destacar o ensinamento por trás da prática e valorizá-lo pelo seu significado, dando a ele uma nova forma de existir através de estratégias mais respeitosas e menos punitivas de educar. É de extrema importância considerar a vasta gama de informações sobre parentalidade e criação de filhos que circula na Internet e em literatura sobre o assunto, fator este que contribui grandemente para alterar as práticas, as atitudes. No entanto, os valores parecem não se alterar da mesma forma que as práticas diante das informações disponíveis. É certo que a obediência, como se pode ver, ocupa para estas famílias um lugar bastante diferente daquele que ocupava para as gerações anteriores. Tendo a acreditar que a obediência caiu em 'desuso' por ser um valor comumente atrelado ao autoritarismo. Por outro lado, reflexões a respeito do que significa não acreditar que é importante ensinar obediência as nossas crianças se fazem urgentes e necessárias para compreender o que a geração que estamos criando fará diante do conceito de hierarquia e da coletividade.

A pesquisa aponta para o caráter multifatorial da intergeracionalidade de práticas educativas e valores familiares. Aparentemente, parece ser mais simples reproduzir aquilo que foi positivo, afetivo e eficiente na própria infância. Por outro lado, o que foi difícil, dolorido, violento ou visto como causador de dificuldades maiores (sociais, acadêmicas, etc) parece ser algo evitado pelos participantes da pesquisa. Por este viés, tenderíamos a viver em uma sociedade cada vez mais humana e afetiva, já que reproduzimos somente o que foi bom. Visto que temos vivenciado, muitas vezes, a

deterioração dos afetos, entendo que haja outros mecanismos operando no que o indivíduo incorpora de sua família de origem e aplica com seus filhos. Que existem pessoas utilizando práticas punitivas e/ou reproduzindo o que os fez sofrer na infância sem se dar conta, a experiência clínica já havia me mostrado. O presente estudo não abarcou outras formas de transmissão intergeracional ou a explicação do porquê a transmissão se dá em alguns casos e em outro não. Porém houve um destaque por parte de todos os participantes na aquisição de conhecimento a respeito da infância e criação de filhos como fator importante na escolha de práticas educativas. Parece-me, inclusive, que alguns conflitos entre casais que criam filhos juntos nascem entre um dos parceiros que estuda e o outro que segue o que chama de 'intuição'. Curiosamente, evidencia-se a polarização entre punir (em qualquer que seja o formato) e respeitar que vem sendo alimentada pelas teorias atuais sobre parentalidade. Teorias estas, que desconsideram completamente a complexidade do que reside na base das práticas educativas parentais. Como se pode perceber, há uma gama grande de fatores que parecem influenciar o que um pai ou mãe faz em determinado momento para ensinar seus filhos. Existe o contexto imediato, o contexto histórico e familiar, a afetividade de ambos, as emoções em jogo, a informação adquirida e o auto controle (dentre outras várias coisas). Parece-me que a única coisa estável, embora individual, em todos os contextos são os valores que se deseja passar. Reside aí, talvez, o lugar para desatar o nó das práticas e conectá-las a algo que dê sentido. Mesmo práticas positivas, quando não atreladas a valores, tendem a se tornar permissividade ou qualquer outra coisa que não se pode chamar de ato educativo. Práticas punitivas, quando atreladas a valores, podem estar a favor de ensinar algo de extrema importância em determinada família ou contexto. Embora não legitime nenhum tipo de violência, compreender isto como psicólogo familiar pode ser valioso para auxiliar uma família a reencontrar os valores que desejam transmitir, conectando-os à práticas respeitadas e firmes como alternativas à punição.

Ao longo do trabalho, pude reafirmar a percepção de que o que se diz hoje abertamente sobre parentalidade é extremamente pertinente para trazermos para o lado do respeito e do afeto aqueles que ainda acreditam na violência como prática educativa. Por outro lado, também fica evidente o papel central que a criança volta a ocupar nestas 'teorias', o que preocupa na medida em que se esquece dos outros membros desta família. Membros estes – frequentemente as mães, que normalmente chegam ao consultório exaustas e culpadas por terem gritado, perdido a paciência, desejado um

tempo sozinhas, negado o seio ou o colo, etc. Aqui a informação ocupa, concomitantemente, o lugar de benção e de fardo. Conhecer mais sobre o desenvolvimento de crianças pode ser incrível, desde que se possa localizar a criança dentro de um sistema familiar, com funcionamento próprio e com outras pessoas com necessidades igualmente importantes. Conhecer mais sobre o desenvolvimento de crianças é potente quando o adulto que conhece também se conhece ao ponto de respeitar os próprios limites, entender suas limitações e aprender a manejar os desejos e expectativas da díade adulto-criança de maneira saudável para todo o sistema.

Compreendendo que grande parte dos participantes da pesquisa ocupam uma posição privilegiada em relação ao acesso à informação, imagino que a baixa taxa de votação em práticas punitivas também se dê por saberem, racionalmente, que estas são execradas pelas teorias da parentalidade atuais e que, portanto, assumir que as utilizam seria expor uma 'falha'. No entanto, isto não significa que não as utilizam. Com frequência percebo na clínica os clientes que, por tentar seguir a 'teoria' à risca, se culpam frente a atitudes mais duras ou firmes com os filhos. Há uma discrepância grande entre o que se prega e o que é possível fazer e isto vem gerando desconforto nos jovens casais que acabaram de constituir família. É impossível seguir todas as regras das teorias atuais sobre parentalidade, ao mesmo tempo em que já se sabe que é pouco efetivo utilizar técnicas punitivas. Os pais acabam ocupando um limbo entre saber e fazer que gera muita angústia e, com frequência, afeta a conjugalidade e o relacionamento entre pais e filhos.

Eu mesma, enquanto pesquisadora, mãe e psicóloga, me vi em conflito incontáveis vezes enquanto lia e relia as teorias de apego e a teoria boweniana, pois conseguia encaixar tudo que era dito como 'errado' ou 'disfuncional', nas minhas próprias relações familiares. Foi necessário um tanto de vezes me lembrar que o conceito é apenas um conceito para fins didáticos e que a realidade é complexa e não uma sobreposição de conceitos estáticos. Muitas famílias não conseguem fazer este movimento e perpetuam a angústia de achar que fazem tudo errado o tempo todo.

Uma parte do estudo que poderia ser aprofundada em futuras pesquisas é a que diz respeito a manutenção de valores, a despeito de como são praticados. Práticas aprendidas intergeracionalmente que sejam mais respeitosas e democráticas sustentam os mesmos valores? Se não, como houve a mudança de valores entre uma geração e outra? O assunto pertinente seria compreender o papel da cultura e da informação na

aquisição de novos modelos, com novos valores que norteiam o comportamento humano muitas vezes mais do que a família de origem é capaz de fazer. Será que o modelo familiar se sustentará ao longo dos anos ou será suplantado pela velocidade com a qual consumimos e produzimos informações novas a respeito dos mais variados temas?

Qual passa a ser a função da família e da cultura em meio a tantos 'Educadores de Pais', 'Formadores de pais' e teóricos que discutem a parentalidade? Será que, em determinado momento, haverá 'manuais' sobre parentalidade tais quais hoje ridicularizamos? Ou será que há um elo mais profundo e arraigado entre pais e filhos que sustentam um modelo poderoso e a reprodução de padrões a despeito do que acontece com a cultura e a velocidade com que se produz conhecimento?

Por fim, há de se considerar o aspecto reflexivo da pesquisa, proporcionado em grande parte pela metodologia escolhida. Esta é uma das vantagens de se estabelecer uma pesquisa quali-quantitativa, pois ela tem potencial para gerar insights que irão reverberar para além do encontro com a pesquisadora, podendo ter efeitos terapêuticos por si só, além de coletar dados objetivos importantes para complementar as análises.

Como última questão que fica em aberto, questiono-me quais seriam os resultados de uma pesquisa como esta com uma amostra heterogênea em termos sociodemográficos. Como afirmado anteriormente, o privilégio de classe e o acesso a bons profissionais e informações atualizadas foram diferenciais para as respostas obtidas. Desta forma, imagino que pessoas de diferentes classes sociais e níveis escolares teriam respostas bastante distintas diante do questionamento sobre práticas parentais e valores.

Estes são os questionamentos que ficam, diante da complexidade do tema, para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- BORTOLINI, Marcela; ANDRETTA, Ilana. Práticas parentais coercitivas e as repercussões nos problemas de comportamento dos filhos. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 31, n. 73, nov. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20175>>. Acesso em: 22 ago. 2020.
- BORTOLINI, Marcela; PICCININI, Cesar Augusto. Representação de apego materna, relação mãe-criança e apego inseguro do filho: um estudo qualitativo. **Estud. psicol. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 1101-1121, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812017000300017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 ago. 2020.
- BORTOLINI, M.; PICCININI, C. A. Transmissão Intergeracional do Apego Seguro: Evidências a Partir de Dois Casos. **Psicologia em Estudo**, v. 20, n. 2, p. 247-259, 1 dez. 2015.
- BOWLBY, J. (1990). Apego e perda. Apego: a natureza do vínculo (2a ed). São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1969).
- GOMES, Lauren Beltrão et al. As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 3-16, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 jun. 2021.
- HUÇALO, Ana Paula; IVATIUK, Ana Lucia. A relação entre práticas parentais e o comportamento alimentas em crianças. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 113-128, jan. 2018. ISSN 2447-1798. Disponível em: <<https://psico.fae.emnuvens.com.br/psico/article/view/141>>. Acesso em: 22 ago. 2020.
- MACARINI, Samira Mafioletti et al. Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 119-134, abr. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 ago. 2020.
- MARIN, Angela Helena et al. Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 123-132, June 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722013000200001&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200001>.
- MARTINS, Elizabeth Medeiros de Almeida, RABINOVICH, Elaine Pedreira e SILVA, Célia Nunes. Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. **Psicologia USP [online]**. 2008, v. 19, n. 2 [Acessado 12 Junho 2021], pp. 181-197. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000200005>>. Epub 30 Set 2010. ISSN 1678-5177.

<https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000200005>.

MICHAELIS, Dicionário brasileiro de língua portuguesa. [acessado em 12 fevereiro 2021] Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/>>.

MONDIN, Elza Maria Canhetti. Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 26, n. 54, p. 233-244, nov. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19885>>. Acesso em: 22 ago. 2020.

OTTO, Ana Flávia Nascimento; RIBEIRO, Maria Alexina. Contribuições de Murray Bowen à terapia familiar sistêmica. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 79-95, jun. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 jun. 2021.

PRADO MARTINS, Ricardo Prado Martins et al. Práticas parentais : associações com desempenho escolar e habilidades sociais. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 32, n. 78, nov. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20469/19727>>. Acesso em: 22 ago. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.32.078.AO04>.

SANTOS, João Laurentino. “Transformando” – “Nós” em “Laços”: um estudo compreensivo dos valores parentais nas práticas educativas em famílias de baixa renda. 2006. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em : < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15518>> . Acesso em 24 mar. 2021.

THE BOWEN CENTER, Learn about Bowen theory. [Acessado em 15 março 2021] Disponível em: < <https://www.thebowencenter.org/core-concepts-diagrams>>.

WENDT, Naiane Carvalho; CREPALDI, Maria Aparecida. A Utilização do Genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 302-310, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000200016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000200016>.

ANEXO I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar de uma entrevista semi-estruturada que busca compreender quais valores os pais de filhos pequenos consideram importantes na criação dos mesmos e como estes valores e as práticas através das quais eles são passados, atravessam gerações dentro da mesma família.

Esta pesquisa será realizada pela psicóloga e pesquisadora PAULA MENDES VERAS FIRME, CRP: 06/141356, sob a orientação do Prof Dr. JOÃO LAURENTINO SANTOS, CRP: 06/500740 e é objeto da monografia de conclusão do Curso de Especialização em Psicoterapia Familiar e de Casal do NUFAC da PUC-SP da pesquisadora. Sua participação consistirá relatar suas experiências e percepções acerca do tema acima com base nas perguntas feitas pela pesquisadora, via plataforma ZOOM (ferramenta gratuita da Microsoft) em um encontro de aproximadamente 1h de duração. Solicito que sua entrevista seja gravada para garantir um melhor registro das informações. Seu nome será preservado e permanecerá em sigilo absoluto nos documentos escritos com base nesta entrevista.

Sua participação é voluntária, ou seja, você tem direito a não participar desta pesquisa e, caso aceite participar, fica assegurada a sua liberdade de não responder às perguntas que considerar inoportunas. Também fica garantido seu direito de desistir em qualquer momento de participar da pesquisa sem qualquer penalização. Caso haja alguma situação de que necessite de apoio psicológico, a pesquisadora se colocará à disposição para atendê-la. Ao final da entrevista, essa será transcrita e você poderá optar por receber uma cópia integral dela em seu e-mail. Maiores esclarecimentos ou dúvidas sobre essa pesquisa, fale diretamente com a pesquisadora responsável.

Coloco-me à sua disposição para maiores informações ou orientação, mesmo depois da entrevista, tel.: (11) 974406978 ou pelo e-mail: paulamdpspi@gmail.com
Paula Mendes Veras Firme – pesquisadora.

Você está de acordo com os termos acima? *

Resposta: sim / não

2. Nome Completo

Resposta: aberta

3. Número do RG

Resposta: aberta

ANEXO II – Questionário

1. Aceite do Termo

Li e aceito os termos acima

Li e não aceito os termos acima

2. Nome

3 . Gênero

Feminino

Masculino

Pesquisa sobre Parentalidade e Valores

Olá! Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa que busca compreender quais valores os pais de filhos pequenos (até os 6 anos) consideram importantes na criação dos mesmos e como estes valores e as práticas através das quais eles são passados, atravessam gerações dentro da mesma família.

Suas respostas serão de grande importância para a pesquisadora.

Obrigada!

*Obrigatório

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido *

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa que busca compreender quais valores os pais de filhos pequenos consideram importantes na criação dos mesmos e como estes valores e as práticas através das quais eles são passados, atravessam gerações dentro da mesma família. Esta pesquisa será realizada pela psicóloga e pesquisadora PAULA MENDES VERAS FIRME, CRP: 06/141356, sob a orientação do Prof Dr. JOÃO LAURENTINO SANTOS, CRP: 06/500740 e é objeto da monografia de conclusão do Curso de Especialização em Psicoterapia Familiar e de Casal do NUFAC da PUC-SP da pesquisadora. Sua participação consistirá em responder as perguntas a seguir , via Google Forms. Seu nome será preservado e permanecerá em sigilo absoluto

nos documentos escritos com base neste formulário. Sua participação é voluntária, ou seja, você tem direito a não participar desta pesquisa. Também fica garantido seu direito de desistir em qualquer momento de participar da pesquisa sem qualquer penalização. Após a coleta de dados, estes serão tabulados e você poderá optar por receber uma cópia integral deles em seu e-mail. Maiores esclarecimentos ou dúvidas sobre essa pesquisa, fale diretamente com a pesquisadora responsável. Coloco-me à sua disposição para maiores informações

tel.: (11) 974406978 ou pelo e-mail: paulamdpsi@gmail.com

Paula Mendes Veras Firme – pesquisadora.

Você está de acordo com os termos acima? *

Nome

Sexo: *

4. Idade

20 anos ou menos

Entre 21 e 30 anos

Entre 31 e 40 anos

Entre 41 e 50 anos

Acima de 50 anos

5. Profissão

6. Cidade e Estado onde mora

7. Estado Civil

Solteira (o)

Casada (o)

Divorciada (o)

Amasiada (o)

União Estável

8. Qual sua renda familiar atualmente? * Renda composta pela soma da renda de todos os indivíduos da casa : salário da mãe + salário do pai, por exemplo

Até 2 salários mínimos (até R\$2.090,00)

De 2 a 4 salários mínimos (de R\$2.090,01 a R\$4.180,00)

De 4 a 10 salários mínimos (de R\$4.180,01 a R\$10.450,00)

De 10 a 20 salários mínimos (de R\$10.450,01 a R\$20.900,00)

Acima de 20 salários mínimos (acima de R\$20.900,01)

Seus filhos e você

9. Quantos filhos você tem?

1

2

3 ou mais

10. Qual a faixa etária do seu filho(a)? (marque quantas precisar)

Até 1 ano

De 1 a 3 anos

De 3 a 5 anos

De 5 a 6 anos e 11 meses

11. Você percebe diferenças entre a educação que recebeu e a educação que pratica com seus filhos?

Sim

Não

12. Considerando momentos nos quais se vê requisitada(o) a educar seu(s) filho(s), quais praticas abaixo você acha que utiliza porque aprendeu com seus pais que são as formas mais eficientes de educar :

Gritar

Negociar (fazer combinados e cumpri-los, considerando as necessidades da criança e as suas. Ex: Sair para passear depois que arrumarem o quarto ou Tomar um sorvete e depois voltarem para casa para que você trabalhe.)

Bater

Castigar (ex: perder tempo de Tv quando não come ou ficar trancado no quarto por determinado tempo quando não segue a regra)

Ceder (ex: em um acesso de raiva da criança dar à ela que ela quer para que a situação chegue ao fim)

Conversar

Escutar (Quando a criança reivindica algo, você escuta e considera o que ela está pedindo?)

Legitimar (seu filho costuma saber de você que seus desejos são válidos, inclusive àqueles que não poderão ser atendidos ?)

Chantagear (ex: se não fizer isto, a mamãe ficará muito triste ou ' se não comer tudo, não tem chocolate depois')

Outro:

13. Você se percebe repetindo o que foi feito com você, mesmo sem querer?

Sim

Não

Talvez

14. Se marcou 'Sim' ou 'Talvez' na anterior, diga quais:

Gritar

Negociar (fazer combinados e cumpri-los, considerando as necessidades da criança e as suas. Ex: Sair para passear depois que arrumarem o quarto ou Tomar um sorvete e depois voltarem para casa para que você trabalhe.)

Bater

Castigar (ex: perder tempo de Tv quando não come ou ficar trancado no quarto por determinado tempo quando não segue a regra)

Ceder (ex: em um acesso de raiva da criança dar à ela que ela quer para que a situação chegue ao fim)

Conversar

Escutar (Quando a criança reivindica algo, você escuta e considera o que ela está pedindo?)

Legitimar (seu filho costuma saber de você que seus desejos são válidos, inclusive àqueles que não poderão ser atendidos ?)

Chantagear (ex: se não fizer isto, a mamãe ficará muito triste ou ' se não comer tudo, não tem chocolate depois')

Outro:

15. Considerando os 10 últimos episódios em que você se viu solicitado à educar seu filho (a), quais são as práticas que você mais utilizou(marque as 3 mais recorrentes):

Gritar

Negociar (fazer combinados e cumpri-los, considerando as necessidades da criança e as suas. Ex: Sair para passear depois que arrumarem o quarto ou Tomar um sorvete e depois voltarem para casa para que você trabalhe.)

Bater

Castigar (ex: perder tempo de Tv quando não come ou ficar trancado no quarto por determinado tempo quando não segue a regra)

Ceder (ex: em um acesso de raiva da criança dar à ela que ela quer para que a

situação chegue ao fim)

Conversar

Escutar (Quando a criança reivindica algo, você escuta e considera o que ela está pedindo?)

Legitimar (seu filho costuma saber de você que seus desejos são válidos, inclusive àqueles que não poderão ser atendidos ?)

Chantagear (ex: se não fizer isto, a mamãe ficará muito triste ou ' se não comer tudo, não tem chocolate depois')

Outro:

16. Quais dos valores abaixo você considera mais importantes ao educar seu filho (marque até 3) :

Obediência

Pró-atividade

Independência

Reciprocidade

Auto- estima

Respeito

Autonomia

Responsabilidade

Cooperação

Outro:

Continuidade da pesquisa

Para aprofundar este estudo, a pesquisadora está buscando participantes que queiram ser entrevistados para falar sobre este tema. Perguntas sobre a família de origem, atual e as práticas parentais serão o foco da entrevista. Sua participação é extremamente importante!

17. Você teria interesse e estaria disponível para aprofundar este tema em uma entrevista online (aproximadamente 1h -1h30) com a pesquisadora? *

Sim

Não

Talvez

18. Se marcou 'sim' ou 'talvez', por favor, deixe seu e-mail e/ou telefone para que eu possa entrar em contato :

19. Existe alguma consideração que gostaria de fazer à respeito das perguntas acima? Deixe abaixo seus comentários :

ANEXO III – Roteiro de Entrevista

Roteiro de perguntas semi-estruturadas para a entrevista com a pesquisadora:

1. Como e quando você percebe as diferenças entre a educação que recebeu e a educação que pratica?
2. O que você espera de você mesmo enquanto pai?
3. Considerando estas expectativas, quem você espera que seu filho se torne em função do pai que você quer ser?
4. Que pai e mãe você teve? Conte-me sobre a criação que recebeu de seus pais
5. Considerando as práticas educativas que seus pais utilizavam com você, consegue me dizer o que gostaria de repetir com seus filhos e o que não gostaria, e o porquê?
6. daquelas que você acaba repetindo mesmo sem querer, porque acha que isso acontece?
7. Como você se sente ao pensar sobre isso?
8. Quais valores lhe foram passados pela forma como seus pais te educaram?
9. Continuam sendo valores importantes pra você até o dia de hoje?
10. Quais valores você acredita estar ensinando a seus filhos através destas práticas que você sinalizou na pesquisa?
11. Como você acredita que estas práticas estão te ajudando a transmitir estes valores?

ANEXO IV – Transcrição de Entrevistas

Entrevista 1

Nome: C.

Idade: 35 anos

Filhos: 1 menino de 1 ano e oito meses.

Gênero : Feminino

Tudo bem se a gente gravar a conversa?

Tudo bem.

Eu vou fazer algumas perguntas e aí você pode me responder do jeito que você achar que deve, tá, e aí eu vou seguindo um roteirinho de perguntas e você vai respondendo livremente.

Certo.

Você lembra do formulário, quer que te lembre alguma coisa?

Eu lembro mais ou menos.

Que era sobre o que você...

Era sobre educação né.

Isso, e sobre a forma como você foi educada, os seus pais te educaram e a forma como você educa o O. que agora está com um ano e oito né.

É.

Em que situação ou situações você percebe as diferenças entre a educação que você recebeu e a educação que pratica?

Principalmente na manifestação de vontade, de emoções.

Como?

Quando ele manifesta as emoções dele ou as vontades, eu acho que abro mais a escuta para ele, não sinto, não senti isso da minha mãe, dos meus pais.

Como que era para você C., quando você queria alguma coisa?

Ah, sempre foi muito impositivo, se eu queria, assim, não tinha muito espaço para o que eu queria, os meus pais era o que eles queriam né, eles queriam controlar e enfim, acho que ela, os meus pais levaram muito pela educação e pela obediência e eu sou contra, não concordo com essa forma e tento fazer diferente.

Você acha que a forma como você foi educada gerou algo em você hoje, como adulta?

Acho que a forma como eu fui educada me fez depender da aceitação alheia. E hoje é uma luta para não, para não ter mais essa dependência, sabe?

Quem você espera ser como mãe para o O.?

Quem?

É, que tipo de mãe, que referência você espera ser para ele?

Ah, eu espero ser o porto segura, sabe, que ele tenha confiança de contar comigo para o que ele precisar, acho que é isso.

E considerando essa expectativa, quem você espera que o O. se torne em função dessa mãe que você quer ser?

Quem ou como? Porque assim, eu espero que ele seja...

Que características você espera que ele desenvolva considerando essa mãe que você quer ser para ele, essa mãe que acolhe, esse porto seguro?

Eu quero que ele seja seguro de si e ele seja, tenha a individualidade dele, que ele não dependa dos outros, mas que ele tenha os valores de viver em sociedade, sabe, não ser uma pessoa individualizada, mas a pessoa que ele seja, que ele tenha noção de que ele é uma pessoa separada das outras, entendeu? Que claro que ele precisa viver em sociedade, que ele precisa depender de outras pessoas e nós somos uma rede e que ele tenha consciência disso. Então eu acho que ele ter essa independência emocional dele, ter essa, estar certo do que ele é, sabe, se conhecer e levar a vida por ele, entendeu, pelas decisões dele e não pelas decisões que os outros tomarem por ele, dentro do possível né, tem muita coisa que não tem como, são leis, governo manda e tem a hierarquia da sociedade, ok, até aí tudo bem, mas, dentro do que ele pode ter a autonomia dele, ter a independência dele eu gostaria que ele fosse assim, sabe.

E como você acha que sendo porto seguro você ajuda o O. a ser

independente?

Pela confiança em si, sabe, porque sendo porto seguro, ele consegue ter confiança em si, é o que eu acredito.

Então, você entende que ele podendo recorrer a você e se sentir seguro com você, ele vai poder construir a própria confiança, é isso?

Isso, isso.

Que pai e mãe você teve, me conta um pouco da criação que você recebeu assim, um pouco mais do que você falou agora pouco?

Meu pai é muito diferente da minha mãe, embora o meu pai sempre respeitou o jeito da minha mãe, minha mãe já não concorda muito com o meu pai, então existe essa divergência. O meu pai sempre foi assim, priorizou que eu fizesse as coisas por mim mesma, que mesmo que eu tentasse várias vezes, a autonomia era minha, sempre, aquela coisa de andar de bicicleta né, “eu tô aqui, vai, vai sozinha que você está conseguindo”, sabe, meu pai sempre foi assim, sempre gostou muito de me ensinar, me ensinava coisas antes de eu aprender na escola, quando eu era criança ele não conversava tanto, mas quando eu fui adolescente a gente conversava muito, ele expunha muito a opinião dele, me perguntava como foi meu dia, meu pai sempre foi muito respeitoso sabe, por exemplo, enquanto eu era criança, se eu queria ficar quieta ele respeitava, ele respeitava que eu quisesse conversar depois, incentivava, por exemplo, não conseguia dormir a noite, era ele que ia lá, sabe, ver se estava tudo bem, toda noite ele ia ver se estava tudo bem, era tudo muito amoroso, e assim, a gente não teve muitas discussões, ele não teve muitas brigas comigo e nem nada.

A minha mãe, minha mãe ela... deixa ver, acho que minha mãe eu acho que ela é um pouco carente, sabe, aí ela exigia um pouco de atenção minha, queria me controlar o tempo inteiro, o que eu pensava, o que eu fazia, com quem eu me relacionava.

Como ela exercia esse controle C., como você sentia esse controle?

Ah, sentia, porque assim, eu acho que ela usava muito o meu medo para fazer todo o controle, entendeu, então, por exemplo, ah isso é feio, se você fizer isso eu não gosto, ah eu não te amo, sabe? Essas condicionais, então eu acho que hoje até entrei um pouco, toda vez que ela entra em conflito comigo, eu fico com medo da rejeição, e é até hoje. Então, por menor que seja ou que eu fale até hoje, ela fala que eu desrespeitei

e que fiz tudo errado e que ela não quer nem vir mais na minha casa, entendeu? Ou seja, ela sempre põe uma rejeição e eu ainda acredito até hoje.

Ela condiciona o amor, o afeto à obediência, é isso?

Isso.

Então se você obedece, ela te ama senão, não te ama.

É, é isso que eu sinto.

Se você enfrenta, você é desrespeitosa, é isso?

Isso, mesmo que eu use, que eu seja, use um tom de voz normal, é assim, o fato de eu discordar já é desrespeitoso, entendeu?

Considerando essas práticas que os seus pais utilizavam com você, então vamos tentar definir como, o seu pai acho que ele usou bastante o diálogo né, a conversa, e talvez até uma prática mais pedagógica, de te ensinar coisas e tudo, é isso?

Sim.

E sua mãe talvez mais um pouco, talvez a chantagem?

Sim.

Considerando essas práticas que eles utilizavam com você, você consegue me dizer o que você gostaria de repetir com o O. e o que não gostaria e porquê?

Olha, eu sigo muito, eu acho que sigo o meu pai mesmo sem perceber, porque concordo com ele e as vezes quando ele vem aqui em casa e que ele sugere algo para o O., assim, que ele faria, acaba que eu já fiz, aí que eu percebo e falo “nossa”, aí começo a lembrar o que ele fez comigo né. então eu penso “nossa, estou fazendo como o meu pai fazia” e isso me agrada, está ok para mim. Eu não percebia, achava que, faz pouco tempo até, eu achava que eu estava tendo uma forma minha de passar para frente, mas esses dias eu tenho refletido um pouco, e não, estou passando muito do meu pai mesmo.

E como você teve essa percepção de que era uma reprodução e não uma criação, uma reprodução em partes né?

Refletindo mesmo, lembrando de algumas coisas que ele fazia sabe? Porque agora o meu marido está ajudando mais, e ele falou ah é super legal, que eu estou fazendo uma prece antes de ele dormir, e meu pai me ensinou a fazer uma prece, sabe,

uma brincadeira assim, por exemplo, do carrinho, outro dia estava brincando de carrinho com o O. e aí meu pai veio e fez igual, e falei “hum..”, algumas coisas, sabe, eu fui percebendo e eu comecei a lembrar de mim né, pensei, poxa, estou fazendo muito parecido com o meu pai, por mais que eu esteja lendo, esteja tendo minha opinião muito de mim está vindo do meu pai mesmo, sabe. E meu pai, minha mãe sempre fala que o meu pai foi ausente, e o meu pai pede desculpas pra mim direto por ter sido ausente, mas eu não vejo ele como ausente, eu falo para ele “pai você esteve presente, quando você estava presente, você esteve presente, eu lembro de muitas coisas da gente junto, de verdade não acho que você foi ausente”. Aliás, a minha mãe passava o dia inteiro comigo e eu acho que ela foi mais ausente do que ele porque ela passava comigo, ela estava cozinhando, estava limpando, ela estava recebendo uma visita, ela estava limpando a calçada, então eu não estava com a minha mãe, ah, mas os cuidados que ela teve, ela teve os cuidados, acho que isso não me faz sentir abandonada, me sinto cuidada, mas eu não sinto envolvimento com ela tanto quanto eu tive com o meu pai, pode ser por uma afinidade? Talvez, mas eu senti, se eu perguntar se eu acho que o meu pai me ama mais que a minha mãe, eu acho que meu pai me ama mais que a minha mãe.

Como que é essa percepção?

Pela expressão do afeto, mas não por, eu não tenho certeza sobre isso, não é um fato.

É uma sensação.

É uma sensação por conta de como cada um expressa, para mim interpreto o amor do meu pai diferente do da minha mãe, não sei o quanto isso é verdade, até porque minha mãe não expressa o que ela sente, então não tem como saber.

Tá, então não tem expressão de afeto da parte da sua mãe para você? Eu te amo, estou com saudades?

Zero é muito pouco, mas o jeito dela, por exemplo, assim, de dizer que está com saudade, ah” você não me liga, você não quer saber de mim”.

É uma cobrança?

É, vem numa cobrança ou numa crítica, e isso é difícil de interpretar, entendeu? Eu me esforço muito, hoje que eu sou adulta, mas quando eu era criança sempre foi ao

pé da letra, sempre foi.

E com o seu pai, como que é a percepção do afeto?

Olha, por exemplo, o meu pai ele já é mais carinhoso, ele me manda uma mensagem, quero saber como você está, você está bem? Estou preocupado, ele fala “eu te amo”, como que está indo, está tudo certo? Como que está o curso, quando eu trabalhava ele me perguntava como está o trabalho, como você está vivendo, você está precisando de alguma coisa? Sabe, a minha mãe não, sempre foi voltado para ela, ela me liga para contar coisas que ela viu, ela me liga, quando eu conto algo que aconteceu comigo, que eu preciso de ajuda, de um colo, ela não está disposta a ouvir, fala é, é assim mesmo, ou então, você tinha que ter pensado nisso antes, sabe, aí gera um desconforto, eu nem quero mais contar as coisas para ela, só conto depois que passou, entendeu? E os meus irmãos fazem a mesma coisa, é o jeitinho dela, sabe.

Vocês sentem, é curioso porque você falando eu fiquei com a sensação de que é justamente isso que você não quer reproduzir com o O. né, essa sensação de que ela não é o seu porto seguro porque quando você recorre a ela, ela não...

Ela esquiva.

Ela não te legitima, não te acolhe, ela devolve para você o problema para você resolver?

É, uma coisa bem banal, mas que ilustra muito isso, é quando eu era criança, se eu pedisse um abraço para o meu pai, ele não pensava duas vezes, ele cedia, se eu pedisse um abraço para a minha mãe era ah, sai de cima de mim, entendeu? E assim, acho que é o jeito dela até hoje, entendeu? Quando eu abraço ela, ela não abraça de volta, sabe? Acho que é um pouco da criança dela, do jeito dela, mas é difícil de sentir, o humano é difícil de sentir, acho.

Então eu entendi que essa, a prática dela, eu entendi duas coisas então que talvez antes não estivessem tão claras, tem a questão da chantagem, mas tem também essa, a não expressão do afeto como coisas que você não gostaria de reproduzir com o O., é isso?

Sim.

E porque você acha, porque você não quer reproduzir?

Acho que justamente pelo desconforto, não quero que ele, eu quero sempre o

melhor para ele, então esse desconforto eu não gostaria que ele sentisse, porque existem momentos na vida que a gente precisa do porto seguro, já precisei várias vezes, e graças a Deus eu encontrei no meu pai, mas eu não encontrei na minha mãe e isso me faz falta, eu sinto falta.

Faz falta até hoje, você diz?

Faz, faz falta até hoje.

E como que você se sente C. em pensar sobre essas coisas? Sobre o seu pai, a sua mãe, as diferenças?

Ah não sei, não sei como eu me sinto.

O que você pensa, não sobre eles, mas agora que eu te fiz a pergunta, o que você pensou?

Ah, que eu me sinto ok assim, que eles fizeram o papel deles, entendeu, acho que eu me sinto respeitando o caminho que eles escolheram, sabe? Não os julgo por nada, acho que eles fizeram o melhor que eles puderam, dentro das limitações deles, mas não sinto, não sei, eu sinto amor por eles, mesmo do jeito que eles fizeram, entendeu? Acho que é isso.

E quais valores eles te passaram pela forma como eles te educaram?

Valores de, acho que independência né, isso foi bem forte, o respeito, também acho que foi uma coisa que foi bem forte, de respeitar o outro, cada um com as suas coisas né, respeitar o espaço do outro, não invadir o espaço de outra pessoa, acho que isso. Integridade né, ser integra, de ter, de fazer as coisas corretas, sempre pensar se não vai prejudicar ninguém, então que são os principais valores.

E esses valores continuam fazendo sentido para você até hoje?

Sim.

Sim, são valores que você segue ainda?

Sim.

Tem alguma coisa que você aprendeu, porque quando a gente fala de valores, a gente fala de nortes né, são guias, e as vezes a gente tem alguns que a gente não se dá conta, a gente age em função deles, mas a gente não percebe que eles estão guiando as nossas ações, você acha que tem algum desses que te guia

ou que já te guiou, que não era tão bom assim para você, mas que você aprendeu com eles?

Acho que a independência acho que foi intenso demais, porque aceitar que você precisa de outra pessoa é uma coisa importante, sabe, então não, eu estou doente e não quero ajuda porque eu tenho que fazer sozinha, eu vou, por exemplo, um exemplo mais, eu parar de trabalhar para cuidar do O., me faz depende do meu marido financeiramente e foi um pouco difícil de aceitar no começo, porque, por causa da independência, e na verdade está tudo certo, nós somos uma família, nós somos um grupo que cada um está fazendo a sua parte, ele está na parte do financeiro e eu estou na parte do cuidado e a gente se completa e está tudo bem, mas para chegar nesse raciocínio eu levei um bom esforço, um bom trabalho para chegar lá por conta desse valor.

Então esse valor hoje ele tenha adquirido uma outra forma? Ele ainda é um valor importante, mas é de uma outra forma, não da forma exatamente como foi passado para você?

Isso.

E quais valores você acredita estar ensinando para o O. através das práticas que você sinalizou na pesquisa?

O respeito, lógico que chantagear eu não estou educando, isso sai sem querer, alias eu me polio, eu me preocupo bastante em não fazer isso, as vezes acontece, mas eu percebo na hora e eu tento não fazer, mas eu acho que respeito é o principal porque escutar o outro é uma parte de respeitar o que o outro sente, o espaço do outro né. gritar meu, acho que faz com que eu mostre para ele, não é uma coisa que eu goste de fazer, mas acontece e para mim está tudo bem quando acontece porque eu entendo que ele vai perceber, de novo, o respeito, que cada um tem o seu limite, as pessoas chegam no seu limite e ele precisa entender qual é esse momento, que isso é normal, as coisas acontecem, ele não é limitado, ele pode fazer o comportamento dele pode ser ok, limitado, que não é, as pessoas tem suas reações.

É interessante que parece que de fato o respeito a individualidade do outro, ao espaço do outro é uma coisa bem importante para você né?

É.

De entender até onde eu posso ir, o que é desrespeito, o que é invasão, o

que o outro fez em função do meu comportamento, né, essa percepção mais 360 graus assim da nossa relação com o mundo.

Sim.

Você diria que isso é o mais importante? Qual você diria que é o mais importante para você, o valor mais importante que você gostaria de passar para ele?

Acho que é esse mesmo, acho que é isso que eu tento fazer todos os dias, é o que mais está presente no meu dia a dia mesmo, porque eu tenho dois cachorros e ele quer fazer o que ele quer com os cachorros e eu tenho que ficar todos os dias falando “ele não quer, você precisa respeitar o espaço dele”, ou até quando eu preciso tomar banho, preciso mostrar para ele que eu preciso tomar banho, que ele não pode ficar comigo todas as vezes que ele quer, entendeu, e assim por diante, acho que é uma coisa que está muito mais presente do que qualquer outro valor.

Aham, e aí pensando em todas as práticas educativas que você usa com o O. e nesses valores importantes né, como que você acha que essa gama que deve ser grande, de práticas educativas, te ajuda a passar esses valores para ele?

Das coisas que eu tenho lido, pesquisado e as orientações que eu tenho recebido, é isso?

É, das coisas que você usa para educar o O., desde a escuta até, sei lá, vamos usar o que não é extremo, mas da outra ponta, até o gritar né, entre a escuta e o gritar a gente tem muitas práticas que a gente utiliza no dia a dia, você sinalizou algumas, mas eu tenho certeza que você usa várias, como você acha que essas práticas te ajudam a passar valores, a ensinar valores?

Porque eu acho que o valor é construído através, justamente, das ações, a gente só sente um valor depois que a gente praticou o valor, eu imagino isso, então se ele vai praticando durante o dia e eu vou tendo essa, dando essa orientação durante o dia, ele vai construindo um valor. Então acho que é isso que eu quero passar para ele, pela sequência mesmo do aprendizado.

E a ultima pergunta, dentre os valores que você conhece, os valores que você imagina, quais seriam os menos importantes que você gostaria de passar para o O.?

Menos importante?

Eu posso ler a lista da pesquisa se te ajuda.

Tá.

Eu tinha colocado obediência, proatividade, independência, reciprocidade, autoestima, respeito e foi uma que você marcou importante, autonomia, responsabilidade foi outra que você marcou, e cooperação foi outra que você marcou, ou outros se você lembrar de mais algum. Qual seria o menos relevante?

Enviesado né, mas obediência.

Obediência seria o menos importante?

Sim.

Tá, mais algum?

Os outros estão um pouco relacionados, reciprocidade talvez.

Tá, está bom, você quer fazer mais alguma consideração C. sobre a sua família de origem e sua família atual, a forma como você conduz a educação do O. e como isso te remete a forma como você foi criada?

Acho que até a pesquisa me fez refletir muito sobre essa questão do respeito, realmente o respeito é uma coisa que é muito importante, porque ter o respeito pela pessoa como ela é, acho que até contribui para um mundo melhor, entendeu, porque acho que sabe, você previne o preconceito, previne agressão, previne acho que a maioria dos crimes, enfim, acho que realmente é muito importante, permitir que o outro seja como ele é e se permitir porque não é só o respeito com o outro, é o respeito consigo próprio, ele também ter respeito com ele, acho que é importante. E isso eu não aprendi com os meus pais assim, eles sempre falaram como eu deveria ser, como eu deveria tratar as outras pessoas e como eu deveria aceitar que os outros deveriam me tratar, mas esse controle não está comigo. Não está na minha mão e isso me dificultou bastante alguns relacionamentos.

E como que você acha que você aprendeu, hoje você considera que você aprendeu a se respeitar e respeitar o outro como ele é?

Sim, acho que eu aprendi, foi respeitando e foi, assim, me interiorizando que eu fui me respeitando, aliás acho que foi primeiro assim, primeiro olhando para mim, me

respeitando e eu aprendi a respeitar os outros dessa forma. E assim, o nível de não julgamento dos outros diminuiu absurdamente, de julgamento dos outros diminuiu absurdamente a partir do momento que eu comecei a me respeitar.

Você parou de sentir que os outros te julgavam, é isso?

Não, eu parei de julgar os outros, a partir do momento que eu me respeitei, aí passei a respeitar os outros e não julgar como eu julgava antes, não preciso ter opinião formada sobre todo mundo, uma coisa que eu tinha aprendido que eu deveria ter, isso eu tenho que ter cuidado, isso eu não posso, isso não posso falar, isso minha mãe me ensinou, e não, cada um tem o seu jeito, sua história, sua experiência que não me diz respeito, entendeu? E que eu não conheço também e não tem porque eu ficar julgando, conheço a minha história e conheço o que eu sinto, então é sobre mim, eu posso dizer, ou me julgar ou fazer uma revisão sobre as minhas ações, mas sobre os outros não, entendeu? E isso me tirou uma carga enorme das costas, e aí foi com terapia, foi com ioga, que me facilitaram a interiorização para perceber isso.

E você diria que neste processo de aceitação de si, dos outros, inclusive dos pais que você teve né, porque quando você relatou eu entendi uma aceitação de quem eles foram e do que eles puderam fazer por você, você acha que alguma coisa te ajudou ao longo da vida? Agora você citou a terapia, a ioga, essas coisas também te ajudaram nesse processo de aceitação dos pais que você teve, de quem você é, dos outros?

Sim, sim, com certeza.

Mais alguma coisa te ajudou nisso, você acha?

Acho que foram as principais né, e a meditação, meditação no sentido não de meditação de budista, sei lá, meditação de pensar mesmo nesse assunto, deixar o pensamento fluir, e deixando o pensamento fluir eu comecei a ver que os meus pensamentos eram muito mais de aceitação do que essas censuras que eu mesma colocava, entendeu, então eu simplesmente comecei a deixar ir e não censurar nenhum pensamento, e quando eles começaram a passar eu percebi que a maioria deles era de uma aceitação, de entender que está tudo bem, não precisei fazer nenhum esforço, sabe, só não precisei deixar ir e o esforço da censura, de meus pais fizeram errado, isso não está certo, era um esforço trabalhoso que me dava uma sensação desagradável, a partir do momento que eu parei simplesmente e deixei fluir, venho a perceber que a frequência

dos pensamentos melhores sobre os meus pais eram muito maiores. Então foi o que facilitou bastante, basicamente foram mesmo a ioga e a terapia.

Legal C., bom, muito obrigada.

Eu que agradeço.

Entrevista 2

Nome: L. D.

Idade: 32 anos

Filhos: 1 menino de 4 anos

Gênero : Masculino

Bom, vou te avisar, pedir para você autorizar a gravação de novo né por favor, agora que está gravando, tudo bem se a gente gravar?

Sem problema nenhum, pode gravar.

Bom, eu vou fazer algumas perguntas para você, você me responde livre, a gente vai bater um papo sobre criação, a sua criação, a criação do seu filho e tudo mais, tá bom?

Ok.

Me conta um pouquinho do seu pai e da sua mãe, que criação você teve, quem eles eram como pais, enfim, que criação você recebeu?

Eu fui basicamente criado pela minha mãe, meus pais se separaram muito cedo, o meu pai era aquele cara que trabalhava muito, minha mãe também sempre trabalhou, mas acaba ficando, ela ficava com as crianças, e aí com três anos os meus pais se separaram, fiquei morando com a minha mãe e com doze anos meu pai faleceu também, então quem sempre me criou para valer assim foi a minha mãe né, quem sempre sofreu ali para, acabei escola particular, ela que pagava e tudo mais, cursinho a gente se conheceu também, ela que bancava, então ela que levou até entrar na faculdade, então tive essa criação com a minha mãe, eu tive contato com o meu pai, também não foi uma

relação sem contato, tive contato sim, mas foi menos exatamente por isso, e aí quando estava com uns, aliás, pouco tempo antes de ele morrer mesmo que a gente começou a ter mais contato, que ele levava para o futebol, estava sempre, era muito amigo dos parentes da minha mãe, então acabava sempre frequentando o mesmo ambiente, mesmo separado frequentava o ambiente da família da minha mãe e então a gente sempre teve contato, mas assim, de criação mesmo foi minha mãe, basicamente minha mãe, foi minha criação e da minha irmã.

E que criação foi essa, como ela te criou?

Olha eu, assim, acho, inclusive estava pensando nisso hoje antes de começar aqui que era, ao mesmo tempo, tem muita coisa semelhante e tem muita coisa diferente né, minha mãe, por exemplo, minha mãe trabalhava muito, minha mãe é advogada criminal numa época que tinha que penar ali, sabe, então ela sempre trabalhou muito e aí acabava que era aquela coisa, de noite as vezes ela, eu ia dormir sem minha mãe ter chegado do trabalho, muitas vezes isso aconteceu e acordava as vezes e ela já tinha saído para o trabalho, fora as vezes que ela passava as madrugadas fora e tudo mais, mas sempre foi presente assim, e ela sempre prezou muito o negócio educação, ela sempre assim, a gente morava lá na periferia de São Paulo, em Arthur Alvim, então a turminha da rua sempre foi aquela turminha não muito interessada em estudos e coisas do tipo e tal, e isso ela sempre pesou muito na minha, então a questão de estudo ela sempre foi em cima, e foi uma relação também muito próxima assim, sempre achei de ser aberto, sabe, nisso, obviamente não tudo né, até pelo fato de ela ser mulher e eu homem, acho que nessa questão haviam essas diferenças, mas sempre, principalmente da parte dela comigo né, sempre foi uma coisa muito aberta, então sobre bebida, sobre drogas, sobre sexualidade assim ela sempre falou abertamente e sempre de puxando a orelha ali, olha como você está fazendo, olha o jeito correto, então nisso ela também sempre, eu tive um papel muito atuante da minha mãe. Do meu pai já era, quando teve contato já era aquela coisa mais, e aí, e as namoradinhas, né, já é uma coisa um pouco mais diferente, e dela já não, já alertando sobre nossa responsabilidade com essas coisas mesmo.

E teve alguma coisa que você acha que veio da sua criação que veio do seu pai ou veio tudo da sua mãe mesmo?

Não, não, acho que, bem, tirando a fisionomia física né que até hoje tem amigos do meu pai que me veem na rua e eles até se emocionam porque eu sou igualzinho o meu pai.

É mesmo?

De me abraçar e “ai, seu pai”, me abraçar e começar a chorar, e teve, acho que teve sim, assim, minha mãe fala que meu pai era uma pessoa muito educada, todo mundo fala assim, de conversar com todo mundo, sempre, nunca aumentar muito o tom, sempre ter aquela conversa, sabe, e de conversar com todo mundo, minha mãe sempre já esteve lá meio ali, uma briguinha aqui e outra ali, sabe, de bater de frente, e o meu pai já era aquela coisa, o boa praça, sabe, sempre muito político com tudo, tanto que quando se separou da minha mãe a família da minha mãe tipo, o meu avô tratava meu pai como um filho assim, então sempre teve muito essa questão de educação, de ser boa praça eu acho. Então eu acho que isso veio muito dele, e assim, acho que não foi só da minha mãe não, teve umas coisas dele assim de ver isso e tentar, tentar não né, porque isso acaba ficando com a gente, a gente pratica sem saber mesmo.

Em que situação você diria que você percebe a diferença entre a educação que você recebeu e a educação que você pratica com o C.? Ele está com quantos anos agora?

Ele está com quatro anos, ele vai fazer cinco em agosto. Bem, a diferença acho que são devido alguns fatores né, primeiro acho que até é um pouco disso mesmo, se você cresce um pouco sem essa referência paterna em determinados pontos, de você querer fazer isso acontecer, acho que tem muito disso, do fato de eu ter adorado ser pai também que acho que mudou muito para o lado positivo a minha vida, apesar tipo, das dificuldades, de só ficar pensando em questões financeiras e tudo mais por causa da criança, muda né, mas acho que isso mostrou um lado muito positivo, até para mim mesmo, de ter aprendido isso, e assim, a gente aqui em casa a minha mulher é professora de educação infantil, então isso estimula muito mais também, me estimula muito mais também a ter esse tipo de contato, tem até alguns amigos meus são contatos que eles não têm, a gente mudou agora para uma vila aqui, uma rua fechada, então a criança pode brincar na rua, fica meio livre para brincar e eu estou de home office, então quase todo dia eu estou indo brincar com ele na rua, e aqui na rua, por exemplo, não vejo nenhum pai, até mesmo mãe fazendo isso, minha mulher faz muito e tal, mas agora ela voltou a trabalhar, eu estou ficando direto com ele, então isso eu acho de estar nesse lado assim, esse tipo de acompanhamento eu acho que fico muito mais em cima de ver ele crescer do que a minha mãe ficou de mim, mas aí foi exatamente porque eu te falei, minha mãe chegava as vezes a noite, eu ia dormir e ela não tinha chegado, eu saía para

escola e ela já tinha saído também. Então eu acho que ainda bem, eu tenho um tempo mais disponível de vê-lo crescer, então, por exemplo, a gente nas férias passadas, antes da pandemia, a minha mulher sempre levou ele muito para parque né, e eu quando tirei férias junto com as férias escolares, e ela é professora também, então nós três de férias e aí eu fui para um parque, algumas vezes para o parque com ela, de ser o único pai mesmo, de você ver que não tem por N motivos né, desde o trabalho né, e até mesmo de não estar acompanhando mesmo, então eu vejo isso, esse ponto diferente, por exemplo, a gente aqui, ele sempre vai dormir, normalmente ele dorme com a minha mulher que ele sempre prefere né, mas de eu fazer ele dormir, uma coisa que pelo menos não me lembro, não tenho esse registro na memória da minha mãe e do meu pai fazendo isso.

Ele acabou de chegar aqui, dá um beijinho rapidinho. Acabou de chegar da escola.

Fofinho.

Então tem essas diferenças assim.

Diferença, só para ver se eu entendi, a diferença para você mais marcante é de presença mesmo, então da sua mãe que ela trabalhava muito e hoje você busca estar presente para ele mesmo tentando conciliar trabalho e tudo?

Sim, exatamente, é que assim, é difícil também falar que minha mãe não estava presente porque ela sempre esteve, mas hoje, de ver certos momentos da criação que talvez ela não estivesse por estar trabalhando e eu estou podendo, principalmente agora por causa da pandemia né, se somar o tempo que nós estamos em casa, estamos há quase um ano em casa, eu acabei voltando a trabalhar presencial e voltei, mas nesses dias, de estar junto todo dia, fazendo tudo ali, sabe, também isso eu acho muito legal.

Pensando um pouquinho nas práticas educativas que eu não sei se fica claro para você esse termo, fica?

Fica, de modo geral assim, tudo né?

É, práticas educativas assim, como que você de fato educa o C. quando é necessário, que recursos você utiliza para educar? Pensando nas práticas que os seus pais usavam com você ou sua mãe majoritariamente, você consegue me dizer o que você gostaria ou o que você já repete com o C.?

Acho que a primeira coisa é o diálogo, a base do diálogo assim, né, tanto que o

C., hoje em dia ele brinca “você estão com cara de bravo”, então acho que as vezes só na fisionomia ele já sabe como que é, e de conversar, sabe, de mostrar as vezes o que está errado, eu era um menino muito arteiro quando era mais criança, eu causava mesmo, sabe, e eu lembro da minha mãe ficar maluca, sabe, comigo, mas tudo assim sempre muito na base do diálogo, as vezes colocava de castigo quando precisava, castigo assim, não vai sair na festinha, não vai jogar bola nesse final de semana, para, mas de mostrar olha onde você errou, olha onde você está acertando, então acho que isso a gente faz muito com o C., tanto que, sei lá, ele, eu falo C. não vai tomar suco no sofá, ele vai tomar suco no sofá e derruba lá, a gente tenta, “oh, está vendo porque que a gente falou que você não pode tomar”, só um exemplo, tá vendo, de ir mais para esse lado do que ir para o lado de “está vendo, falei para não...”, então de mostrar, de ele entender o porque que a gente as vezes fica ali até sendo um pouco chato de ficar repetindo um monte de coisa, mas ele entendeu o motivo, a gente acho que leva, isso acho uma coisa meio parecida de fazer despertar, o porque que eu estou ouvindo essa bronca, ou o porquê que eles estão falando nisso, isso é de estímulo da própria criança e acho que isso também vem muito da M. de mostrar, do desenvolvimento próprio da criança, eu acho que isso é um ponto dentre os dois assim, pelo menos com a minha mãe de ter isso aí, minha mãe era, é, uma questão de independência também assim, por mais que a minha mãe estivesse sempre em cima, eu acho que eu cresci uma criança até independente, sabendo fazer bastante coisa, era sempre também de, oh, você tirou do lugar você põe, e aí conforme você vai crescendo, até chegar o ponto de você ser adolescente e “oh, você precisa saber fazer comida, você precisa saber se virar”, que ela brincava, a gente falava, “mãe, eu tô com fome”, ela falava, “pô, eu não trouxe as panelas no meio das pernas né, se vira”, então de estimular essa independência, então aqui a gente também, o C., por exemplo, ele tem o cantinho dos brinquedos dele e ele sabe que se ele tirou, ele tem que guardar, e da bagunça que ele faz também, por exemplo, da sujeira, ah quer comer na sala vendo televisão, pode comer, mas saiba que se você derrubou comida tem que pegar porque não pode deixar comida suja porque vem barata, então estimular isso daí, hoje em dia a gente não precisa, em algumas coisas né, claro, não precisa nem falar muito e ele mesmo já vai fazendo as coisinhas, então acho que esse estímulo também é uma coisa incomum, acho que isso acabo reproduzindo.

Eu fiquei ouvindo você e fiquei pensando na diferença entre independência, autonomia e responsabilidade, você faz diferença entre essas três palavras? Você

usou independência, mas conforme você foi falando eu ouvi essas três coisas, faz diferença para você?

É, eu posso ter usado como sinônimo, mas acho que se for parar para ver, imaginar uma questão, eu acho que tem diferença sim, seria deixa pensar o que eu veria, principalmente independência e autonomia assim, de independência da questão, não sei, de criar, de ele mesmo descobrir, de ele mesmo poder fazer tudo sozinho, de partir dele as ideias e de autonomia, talvez uma questão de a gente passar para ele e ele poder fazer aquilo sozinho, por exemplo, o que eu falei do copo, tomou água e então você sabe que tem que levar o copo, isso, certas coisas a gente tem que passar, não vai ter, como foi passado para a gente e já acho que de outras coisas ele vai acabar descobrindo sozinho, então, por exemplo, do que ele vai gostar né, obvio, a gente as vezes tipo, São Paulo, ele é são-paulino, uma pressãozinha do pai ali né mas, outras coisas, por exemplo, ele vai descobrir que ele gosta sozinho mesmo e não adianta o que pai e mãe fale, então eu acho que talvez possa residir aí a diferença entre independência e autonomia, mas eu vejo, talvez eu possa ter usado como um sinônimo, mas eu acho que alguma diferença tem ali.

E tem alguma coisa que você, que a sua mãe fazia com você que você não gostaria de repetir e porquê?

Olha, é que aí que tá, eu penso na minha questão que eu estudei em escola adventista, e eu pensei nessa questão agora, principalmente religiosa, minha mãe nunca foi religiosa, mas ela meio que prezava por esse lado, o lado, não sei se por uma questão moral, então eu fiz catequese, crisma, estudei em escola de freira até, acho que até a primeira série, depois fui para o colégio adventista e aí ela falava, e eu entendo o lado dela, e ela falava que eu era muito arteiro e que eu precisava de freios mais fortes assim, que ela tinha medo mesmo assim de eu virar, não para, não ter responsabilidade e tal, e então acho que esse ponto assim principalmente de educação, ela achava muito positivo a educação religiosa, eu já, se fosse uma coisa que eu jamais colocaria o meu filho seria numa escola religiosa, nada contra assim né, aprendi muita coisa lá, mas é algo que eu, se eu posso fazer, eu não faria então né, a minha sobrinha atualmente está nessa mesma escola que eu estudei, lá no bairro que a gente mora, e está adorando a escola, sabe, e ela também é novinha ela tem seis anos, ela está adorando a escola, e eu gostava também da escola, mas se tem uma coisa que eu não faria, então acho que tem uma linha nessa direção dessa educação moral assim que a minha mãe prezava muito, talvez

até da própria criação dela que eu prezo, mas de um modo diferente já assim né. talvez, não vou dizer mais flexível porque não é, é diferente mesmo.

Como, me conta um pouco como é que você interpreta a questão moral da sua mãe, como é que era a visão dela sobre moralidade e a sua hoje?

Ah, a visão da minha mãe é aquela mais clássica assim, então, antidrogas, por mais que a família bebia, era aquela coisa muito na família né, então tinha essa questão do trabalho sabe, tipo, minha mãe começou a trabalhar muito cedo também, tipo, começou com 15 anos, meu avô sempre muito troncão, pôs os filhos tudo para trabalhar cedo, então aquela coisa do trabalho, se você trabalha você já é uma pessoa mais correta né, e não é uma verdade. Então se você trabalha, se você já mantém uma família, essa linha mais tradicional, vamos dizer assim né. Então acho que você, ela via muito valor, não que não tenha né, mas acho que ela via muito mais valores positivos nessas coisas do que eu vejo, e assim, hoje em dia, por exemplo, meus amigos brincam que eu sou o casado, com filho, que trabalho, sabe, então você acaba se moldando exatamente nessa coisa de antes, mesmo vendo diferente. Então essa questão dessa moral acho que faz, e eu digo que acho que uma coisa que mudou muito o cursinho e a faculdade eu acho que muda muito a gente de ter uma visão bem mais aberta em relação a isso aí, então esse tipo de coisa minha mãe ainda, não vou dizer que ela é retrograda porque ela não é, mas é diferente, então esse é um ponto que eu vejo diferente dessa moral assim.

Mas você pensa em moral quando a gente está falando da educação do C., é uma questão para você, valores morais?

É que eu acho que quando a gente está exercendo isso aí, a gente não fica pensando né em formar um filho moralista né, mas está recheado né, o negócio está todo, tudo o que a gente aprendeu ali é o que a gente está passando, nossos valores, então vai ser isso mesmo e querendo ou não está né, então assim, respeite os outros, cumprimente quando for necessário, sabe, uma coisa meio de diálogo, eu acho que sim, então eu acho que sim por mais que a gente fale “não apoio esse tipo de moral”, a gente está, está na gente já, a gente cresceu com isso e a gente vai passar para os nossos filhos aquilo que a gente acha positivo né. Talvez o que é negativo vai passar meio sem a gente querer, mas aquilo que a gente entende assim, aquilo que a gente quer eu acho que vai, então assim.

Bom, aproveitando que a gente começou a falar de valor, que valores você

aprendeu com os seus pais?

Olha eu acho que o principal assim é uma, respeitar as pessoas, acho que conviver harmonicamente, acho que sempre foi isso, sabe, uma questão de respeitar os outros, de modo geral, de tudo assim, desde familiares e tal. Porque eu acho que isso é decorrência de evitar conflitos, você evitar problemas para você, para os outros, para aqueles que estão perto. Então acho que um valor essencial assim que eu acho que veio muito do meu pai e da minha mãe foi isso assim, de respeitar, tanto que o pessoal, quando eu era criança falava para minha mãe “adoro o L. porque ele cumprimenta todo mundo e não sei o que”, então eu chegava e já cumprimentava a família inteira, chegava na festa, desde criança de cumprimentar todo mundo, e eu via isso muito relacionado com o respeito também né e isso acabou ficando comigo, então na verdade eu até brinco, as vezes chego na festa e até parar para cumprimentar todo mundo que eu conheço demora, então eu vejo isso como uma coisa que ficou mesmo assim.

Tem mais algum, algum que seja marcante assim que você aprendeu?

Marcante, vamos lá... acho que uma questão família também assim, de estar sempre perto da família e acho que até nisso, talvez por isso seja tão, aqui em casa seja uma coisa até bem, sabe, a gente sempre faz coisa junto e tal, que por mais que cresceu eu, minha mãe e minha irmã, ela sempre que possível, por exemplo, vamos jantar, vamos jantar aqui nós três na mesa, a minha mãe, por exemplo, é a única filha que até hoje vai duas vezes por semana ver meus avós, meus avós moram num sitiozinho aqui na grande São Paulo e minha mãe é a única filha, isso já há vinte anos, desde que eles mudaram para lá, minha mãe é a única filha que mesmo com os problemas com o meu avô ela sempre está lá, então, de estar presente, sabe, é família e tem que estar assim, né, obvio, de quem ela gosta, porque tem parte da família que ela não gosta e também não faz a menor questão de ter contato, mas já quem tem, quem se mantém eu acho que tem essa questão da família assim.

Bom, a pergunta seria se eles continuam sendo valores importantes para você, entendendo que sim né?

Sim.

E porque que eles continuam sendo valores para você, acho que valor importante é quase redundante, mas porque eles continuam sendo importantes para você, você acha?

Primeiro aquela coisa que eu te falei, acho que ser pai virou uma chavinha assim em relação a isso, que você imagina, tal, erro ter filho, quero levar o meu filho no estádio e tal, mas quando você está vivendo isso vira a chavinha, e outra, você vê tanta gente, tenho amigos que não convivem com o filho, esse tipo de coisa, então eu já vejo por um lado exatamente o contrário, e penso exatamente o que eu não quero é isso, então né, todo tempo possível que eu puder ficar junto eu vou ficar junto e passa tão rápido assim, principalmente, você também tem filho, você vê, você passa e de repente já está grande já. Então hoje eu vejo que tipo, valeu a pena, pelo menos nessa questão de ser tão família, ficar presente assim e eu acho que valeu muito a pena, até porque a gente sempre aproveitou muito junto, igual eu comentei, então final de semana vamos no parque, vamos no parque nós três, vamos fazer um churrasquinho, vamos fazer um churrasquinho nós três, a gente acaba fazendo muito isso mesmo e de aproveitar só a gente, aí a educação acho que de um modo geral né, ainda mais hoje em dia no nosso país aí, sabe, a gente dá uma direção daquilo que a gente imagina também né, dá uma direção correta para o nosso filho e é essencial, sabe, por exemplo, em tempos de pandemia, vou dar um exemplo aqui da rua, as crianças coitadas, não é nem pelas crianças, as crianças tem quinze crianças aqui correndo para cima e para baixo correndo tudo sem máscara, aí você vai ver os pais das crianças estão tipo nos bares, também sem máscara, então já vem lá de cima, já vai para o filho, que vai se manter esse certo tipo de coisa né, então o C. já para ele já é uma outra coisa, não sai na rua sem máscara, sabe, ele já inclusive se a gente sai ele fica brincando com a gente, põe a máscara e não sei o que, fica em cima. Então você já vê como certas coisas de responsabilidade, entrando na questão da responsabilidade, e eu acho que isso vem dessa educação, daquilo que a gente entende como ser o correto nesse momento e é um tipo de valor que a gente tem, imagino eu, de a gente entender aquilo como correto nesse momento e de fazer né, dando o exemplo da questão da pandemia. Mas, então eu vejo que sim, são importantes ainda e eu imagino que pratico bastante ainda.

Eu fiquei pensando enquanto você estava falando e queria confirmar com você se é por aí, você falou família como um valor e eu entendi, mas fiquei com a sensação de que paternar tornou-se um valor para você também né, exercer a sua paternidade e aí fiquei pensando na sua história, o fato de você não ter tido esse valor, não veio do seu pai, né, esse valor é seu, porque o seu pai não exerceu a paternidade dele né, queria saber se é isso, se junto em prezar pela família, tem

também o valor de exercer a paternidade ativamente?

Tem, ah tem, porque é bom, primeiro porque é maravilhoso né, primeiro isso acho, vale a pena, é recompensante, não me arrependo de nada e segundo porque também você, aí entra uma questão, primeiro porque eu gosto mesmo, e acho que também tem uma questão secundária que é da responsabilidade de você, você pôs uma criança no mundo, assim, estou falando, agora falando de mim mesmo, uma coisa bem subjetiva minha, você pôs uma pessoa no mundo é assim, você precisa fazer isso, sabe, você não pode abrir mão disso, você está ali, sua vida agora está ali, caminha junto, não tem como viver diferente disso. Então sim, ser pai foi uma coisa meio e também acho que virou uma questão de responsabilidade também de, não adianta, é uma coisa, e eu vejo que aí vai de pessoa para pessoa mesmo, aqui em casa a minha mulher até brinca, quando eu faço alguma coisa, ah demora para chegar, não aviso e ela me chama do nome de um amigo nosso que é um tranqueirão assim e tal, e é pai também, então tenho alguns conhecidos que são pais e não, sabe, amam o filho muito, mas não virou assim essa questão tão, muitos as vezes mantém a vida que mantinham antes de ser pai, para mim já não tem, impossível, é impossível por questão de tempo mesmo, a questão vai demandar mais tempo, você vai precisar deixar de fazer outras coisas que você fazia para estar ali, então já começa por uma questão de assim, que não tem para onde fugir, então sim, acho que é para além da questão da família mesmo, ser pai eu acho uma coisa muito legal, gostei sim, gosto de exercer, me vejo sempre brincando com ele, sempre junto com ele, e eu acho bem legal isso daí.

Você acha, você vê alguma correlação entre o fato de o seu pai não ter sido tão presente no começo aí, nos seus primeiros anos, você vê alguma correlação com o fato de hoje você querer e exercer a paternidade ativamente?

Acho que sim, acho que fica uma coisa legal da, assim, a gente tem essas memórias de criança, aquelas memórias que a gente nunca sabe do tempo, mas ficam sempre na cabeça né, e as vezes eu prezo muito por isso assim, do C. lembrar, de ele estar escovando o dente comigo, de ele estar tomando água comigo, de ele ir dormir comigo, sabe, então eu prezo muito por isso dessa questão, então eu acho que isso é algo que eu não tive, não tenho muito assim dessas referências na memória, então acho que sim, acho que para ficar uma marca, vamos dizer assim, o que eu não tive, talvez eu queira deixar para ele, vejo que acontece assim.

Legal, e pensando nas práticas que você utiliza, você falou do diálogo né,

tem mais alguma, você falou do diálogo e você falou da moralidade né, que é, estou pensando aqui numa prática que possa condizer com a moralidade, se você pensar em alguma, pode me dizer, mas o que mais você utiliza de prática educativa com ele?

Ah, que a gente, olha, bastante coisa que a gente faz ele também faz assim, então a gente mostra que ele pode desde criança exercer essas coisas, então a gente tenta sempre mostrar, isso vai desde tudo, desde a alimentação, olha as coisas que o seu pai e sua mãe comem, que faz bem né, salada, tudo isso, mesmo, experimenta, não gostou não precisa comer, gostou, come e tal, então acho que tem muito disso das coisas que a gente pratica também.

O exemplo, seria?

Isso, exatamente, o exemplo das coisas que a gente faz, então, por exemplo, vamos lavar uma louça aqui filho, vamos, quer lavar com a gente, olha, lava e tudo, porque que a gente está lavando a louça? Porque está vendo, suja, pode vir mosca, pode vir e tem que deixar sempre limpo, ok. É... acho que veio meio por esse lado dos exemplos, uma outra coisa muito presente aqui em casa, sabe?

E quando ele não pode fazer alguma coisa ou quando ele faz alguma coisa errada é uma palavra difícil, mas quando ele faz alguma coisa que não deveria?

Por exemplo, aconteceu essa semana, ele tinha feito uma baguncinha então na cozinha, tinha feito uma comida, semana retrasada eu acho, e minha sobrinha, aí ele tipo, ela foi embora e ele falou “foi a Lorena que fez a sujeira” e eu sabia que tinha sido ele porque eu mesmo que tinha dado as coisas para ele né, a gente conversou né, primeira coisa foi “oh, o papai sabe que não foi a Lorena, foi você, e você não precisa falar”, e aí já faz aquela cara de choro né, só de você mudar o tom da conversa e ele já dá aquela murchadinha, aí a gente, oh, não é bem por aí e tal porque a gente viu que foi você e tudo mais. Mas, acaba ficando nisso assim pelo menos com ele, a gente nunca, já falamos assim, não olha, se você não fizer você vai ficar pela primeira vez de castigo e tal, mas também nunca ficou, nunca precisou na verdade, e também tem aí uma questão de não precisar, e obvio né, tem vez que precisa falar uma, duas, três vezes para a criança e ela vai querer ficar ali insistindo naquela coisa, então igual você disse né, a gente tenta mostrar que não está errado ainda porque ele não sabia daquilo, principalmente uma coisa que ele não sabe, de entender que, do que precisa, mas acaba

ficando meio nisso mesmo assim.

No diálogo.

É, aí as vezes ele quer ficar, está injuriado, quer ficar sozinho, tá, fica sozinho no seu canto, fica aí, a gente vai ficar aqui, se quiser conversar estamos aqui, sabe, de não ficar também em cima, deixa ele com o tempo dele, quando ele quiser, então tem muito disso, de deixar ele, a gente falou, se incomodou, está bom, fica pensando aí a respeito, sempre volta já mais, ah papai, e sempre entende assim, pelo menos com ele a gente não tem esse tipo de problema.

Que valores você acha que está passando com essas práticas?

O primeiro aquilo que eu já falei, de entender, de ele entender que as coisas podem se resolver conversando e as coisas podem se resolver né, primeiro de tudo que as coisas se resolvem, não vai ser, não vai ficar, não vai ser o fim do mundo, que não precisa sofrer por determinada situação, que ela vai se resolver e como que ela vai se resolver, então nesse caso seria esse do diálogo mesmo. Então é isso, acho que de entender como, de entender que a situação se resolve e de como ela se resolve, das melhores maneiras que ela vai se resolver.

Mas pensando em conjunto de valores, pensando em valores como um conjunto de regrinhas assim, regrinhas que a gente aprende de várias formas, inclusive na família, quais são esses que você gostaria de passar para o C.?

Bem, a primeira coisa acho que essa, educação com as pessoas assim é uma coisa que a gente acha, e ele já tem e então a gente já acha isso muito maravilhoso, dele, de ele ser uma criança muito respeitosa com todo mundo, acho que isso é algo que sabe, faz todo mundo gostar dele, é uma coisa muito boa que ele tem, e eu acho que isso sim é muito fruto da criação que ele tem em casa, se fosse algo mais, uma coisa muito ríspida, não, acho que ele acaba refletindo isso sim, essa questão desse afeto que ele é cuidado aqui em casa, então esse ponto afetivo, acho que eu achei a palavra que eu estava pensando, essa questão do afeto dele eu acho uma coisa muito boa, com os parentes e assim, por exemplo, com os avós, ele adora, o avô e tal, e ele também sabe, sempre querendo ficar com os avós, tipo, ele já, ah eu já estou com saudade da vovó, saudade do vovô, quero ver o biso, quero ver a bisa, ele tem muito disso dele também, então acho que essa parte de afeto vem muito dessa criação. Bem, fazer o certo né, mas é uma coisa muito difícil de explicar o que é o certo ou não, mas fazer o certo. Então, voltando ao

assunto das crianças aqui na rua, as crianças aqui fervem e é coisa de criança mesmo, mas, por exemplo, eu já fico mais, ele já estava chutando a bola e quase pegou no carro e eu já “C. tem que tomar cuidado, não pode a bola pegar no carro e tal”, essas coisas simples assim de entender que não pode pegar a bola e chutar no carro né, talvez ele nem saiba que a bola vai zuar o carro, e tal, mas de ele entender que já não pode, então você falou das regrinhas mesmo, eu vejo que a gente fica meio nessa assim, sabe, vai, tem uma escada aqui, vai subir, descer “cuidado, segura no corrimão”, sabe, essa preocupação que acaba vindo em forma de ensinamento assim, que querendo ou não é né, vejo muito desse lado assim também. Mas, valores específicos assim eu não consigo pensar muito além dessa questão do afeto mesmo.

Você falou da afetividade como algo importante, acho que você falou do respeito também, a educação, educação no sentido não da educação formal, mas da educação para com o outro.

É, de entender que tem que respeitar outras pessoas, de, uma coisa, por exemplo, que a gente sempre fala para ele, da questão do corpo dos outros, sabe, respeita o corpo dos outros de todas as maneiras, você não precisa falar, você não precisa tocar se a pessoa não permitir, não precisa agredir, então de ter essa noção tanto da individualidade dele, mas entender que o outro também tem a dele, da mesma maneira que ele quer respeitar a própria, o outro também vai querer.

Aquilo que você estava dizendo mais atrás entra como um valor? A autonomia, a independência, responsabilidade, são valores que vocês buscam passar para ele ativamente através das práticas educativas?

Sim, sim porque além de tudo, acho que uma criança, faz parte do nosso papel assim mesmo, estimular isso, o C. é filho único, além de tudo né, acho que já tem uma questão de a gente ficar muito em cima dele sem perceber e então acho que até tem por esse lado mesmo né, de a gente deixar ele fazer as coisas né. Então do desenho, de ele ter o tempo dele, de ele decidir quando, as coisas possíveis de decidir, ele decidir se ele vai querer desenhar, se vai querer brincar agora, por exemplo, nesse tempo de pandemia voltaram as aulas agora, ele pediu para voltar para a escola e tipo a gente “você quer?” e ele falou “quero, quero brincar com meus amigos”, também de entender isso daí, seria muito fácil assim a gente falar “não, está em pandemia, e eu estou em casa, você vai ficar com o seu pai e ponto”, de entender também o lado dele e até para buscar isso aí né, muito mais, ele convivendo na escola com os amiguinhos dele é perder né, perder

isso aí durante esse tempo que está acontecendo isso, é muito ruim sabe, então de ouvir, ouvir, acho que sim, acho que a gente busca muito isso e eu acho que faz bem até para a gente mesmo assim, de entender certas coisas, de achar também, de limitar até o nosso também, o nosso exercício né, de ele falar eu não quero tal coisa, quero tal coisa, de ele limitar o que a gente está fazendo também dentro sempre daquela, da margem do possível, de ele limitar o que a gente faz também ou deixa de fazer.

Legal, bom, como que você, essa pergunta ela é mais chatinha, se você não entender a gente pensa de uma outra forma. Como você acha que essas práticas educativas que você utiliza com ele, então, pelo que você falou, principalmente o diálogo, ensina esses valores para ele?

Eu acho que voltando aquele assunto do resolver o problema, eu acho que é um, de mostrar que você conseguindo construir isso, você vai chegar a uma solução, então eu acho que assim, é um caminho de mostrar a solução de tudo, né, seja de uma dúvida, seja de um, ele quer, sei lá, ficar vendo TV até tarde, então a gente acaba fazendo muito acordo aqui em casa, né, eu acho que a gente, mais dez minutinhos, pode ser mais cinco? Tá, cinco, e aí quando dá os cinco, normalmente ele respeita, ele já não, ele não questiona, então de ter essa questão de entender que oh, está bom para os dois lados.

Então negociação é uma prática utilizada?

É.

Uma prática educativa, negociar com ele é uma prática?

É, eu acho que é porque, sempre falando, dentro da margem do possível, por exemplo neste caso de ah, quero dormir mais tarde, e você vê que ele está sem sono e se você ver que ele quer brincar mais um pouquinho, eu não vou bater o pé e falar vamos agora, não, tá, então brinca mais dez minutinhos, tá, e aí passou os dez minutinhos e ele entender que oh, eu abri mão aqui um pouco, você abre mão um pouco daí e chegamos a uma conclusão e solucionamos o problema, você brincou um pouquinho e você está indo dormir logo depois né. então, sim, eu acho que vai, acho que é isso né, a pergunta foi mais ou menos essa?

Sim. Quem que você espera ser como pai para ele?

Aquela coisa que eu te falei das memórias né, acho que quando ele tiver as memórias, que seja o melhor possível, então acho que eu penso muito no que ele vai

pensar, principalmente, que eu gosto muito, mas acho que eu penso muito mais no que ele vai achar de eu como pai, então eu faço sempre pensando nele, quase sempre né, vamos dizer. Vou falar quase sempre, mas não vou pensar outra coisa que seja o quase né, mas eu acho que sempre em qual referência ele vai ter de mim, é sempre nisso.

E qual é?

Olha, esses dias ele falou “papai você é um ótimo pai”, eu adorei, falei chorar aqui no quintal, isso porque eu estava enchendo o balde para ele brincar de água né, então eu acho que fica, esse tipo de referência, aí você fala opa, acho que eu estou no caminho certo em relação, pelo menos.

Como você se descreveria como pai?

Olha, eu acho que sou atencioso, as vezes eu gosto de ficar, por exemplo, conversar, as vezes você está cansado, as vezes sabe, você se sente até culpado depois, mas eu me vejo um pai atencioso com ele, preocupado, nossa, preocupado demais até, eu acho aqui em casa eu que sou o preocupado, não é a mãe, então se vai virar cambalhota sou eu que vou falar “C. o seu pescoço”, se ele vai sair correndo eu que vou falar, C. vai tropeçar, então sou eu que faço esse papel, as vezes até acho o chato até a mais, mas eu vejo muito isso eu acho, de ele ter esse tipo de coisa. Pensando aqui agora em outras coisas, mas é isso mesmo.

E considerando esse pai que você é e deseja ser né, quem você espera que ele se torne, em função do pai que você é?

Bem, a melhor pessoa possível, quero que seja uma pessoa correta, uma pessoa, difícil isso, falar o que a gente quer né porque a gente sempre vai projetar aquilo que a gente imagina né, e aquilo que a gente imagina vai ser aquilo que a gente cresceu na nossa cabeça, então você vai pensar em questão de emprego, você vai pensar em, aquelas coisas que a minha mãe pensava mais ou menos você acaba projetando, mas eu penso antes de tudo de ser uma pessoa correta, acho que independente de escolhas, caminhos, você sendo correto eu acho que já é um passo que muda, muda muita coisa. Então eu penso nisso assim, não consigo imaginar em questões específicas de emprego e de tudo mais, mas eu penso muito nisso sim, de ser uma pessoa correta e de entender essas coisas assim.

E como que você se vê ensinando para ele a diferenciar o certo do errado, não o que é certo e o que é errado, mas a fazer essa análise do mundo, tudo bem,

ele é pequeno, eu sei, mas você se percebe ensinando para ele fazer essa análise do que é certo e o que é ser errado, você foi falando de ser correto e eu fiquei pensando que para a gente ser correto a gente precisa saber fazer uma boa análise do mundo entre o que, naquele contexto, é certo ou errado, porque o certo e errado ele pode ser bastante subjetivo, nem sempre, mas pode ser, e aí como que você tenta ensinar para o C. a distinção entre o certo e o errado?

Acho que vem muito do estilo também da mãe e o que, você perguntou do meu caso, mas eu acho que eu tive um estímulo muito forte pelo fato da mãe ser professora, né, que eu, por mais que, professora infantil não é aquela coisa, aquele ar professoral de querer ensinar, sabe, de querer dizer o certo e o errado, mas eu acho muito de mostrar exatamente como acontece assim, principalmente, de mostrar os exemplos né, vamos voltar lá aos exemplos, então se a gente está vendo alguma coisa, se acontece alguma situação de mostrar, por exemplo, do respeito ao corpo, brigou, ou até mesmo de resolver problema sozinho, pô, está o C. e minha sobrinha brigando, de mostrar, vocês não conseguem resolver vocês dois sozinhos isso daí? Sabe, você tem dois brinquedos, sabe, divide e não sei o que, fica um pouco, faz tal coisa, vocês conseguem resolver sozinhos. Então eu acho que tem muito disso de mostrar para ele entender sozinho, o que pode ou não, dentro daquela margem também. Mas, eu acho que vem muito disso, de exemplos de ver e demonstrar acho, o que pode ou não nessas coisas do dia a dia, do caso do respeito ao corpo, de falar do corpo dos outros, que é uma coisa que eles aprendem muito na escola que ele estuda e que eu acho super legal, interessante que a criança já vai crescer com outro pensamento, sabe, de não achar aquilo natural. Então eu vejo muito por esse lado, e que aí acho que sempre vai esbarrar nessa questão do respeito, acho que sempre vai acabar resvalando por ali, sabe, de entender, se pôr no lugar do outro, acho que isso, de achar que não é o centro do universo, já é um bom momento sabe, de achar, de ver esse tipo de coisa. Mas acho que os exemplos acabam sendo para mim uma das melhores saídas para mostrar.

E como é que foi para você, como você se sentiu ao pensar e falar sobre tudo isso?

Ah eu fiquei feliz quando você comentou, eu já tinha, lembrei do assunto e falei nossa, eu vou gostar, eu até comentei com a M. aqui, eu gosto, nunca tinha conversado com ninguém, assim, dessa maneira, mas achei muito interessante sim, gostei, gosto de falar, porque assim, os amigos que eu converso de paternidade não tem essa questão

muito assim afluída, desde vivência, não que eles também não tenham as responsabilidades deles, mas não é, normalmente a gente quando vai bater papo disso, bate o papo sobre mais as responsabilidades que o pai tem, de modo geral, de falar “estou ferrado financeiramente, tenho que fazer isso, tenho que fazer aquilo” do que de criação mesmo assim, sabe, criação acaba sendo mais secundário as vezes no papo, não paro para conversar com os meus amigos para falar olha só, o que eu fiz isso ou aquilo com o C. assim, acho que é algo meio, você cita, mas isso não é um assunto assim da turma, vamos dizer, então gostei, gostei bastante de falar, acho legal, muita coisa, até muita coisa para mim mesmo, que eu nem sabia e você acaba pensando para responder, as perguntas né, a gente não tem esse tipo de pergunta, quando vem a pergunta você acaba fazendo essas ponderações, então quando você falou o tema, eu já viro e falei nossa, certas coisas né, que você pensa e é natural, mas na sua cabeça é um negócio que está ali dentro e você nunca pensa com um lado meio crítico de ver essas diferenças, o porque que talvez eu faça isso, porque eu deixo de fazer aquilo. Então eu gostei bastante assim, achei bem legal o assunto, o tema, e fiquei feliz.

Que bom, era isso, eu vou parar de gravar.

Entrevista 3

Nome: G.

Idade: 38 anos

Filhos: 1 menino de 4 anos

Gênero : Feminino

Bom G., me conta um pouquinho que pai e mãe você teve, a criação que você recebeu?

Bom, na verdade eu sou fruto de, eu tenho irmão, eu vou fazer 39 anos, meu irmão tem 37, e nossos pais são separados desde os meus três anos, então a nossa criação mesmo foi com a minha mãe, porque o meu pai sempre, na verdade ele sempre foi bem ausente assim, a gente não tinha contato de criação com ele assim, sabe, falar que ele

participou da minha criação não, não participou. Quem teve uma participação bem ativa então foi a minha mãe, e os avós, meus avós, a minha avó principalmente por parte de pai, a mãe do meu pai.

Tá.

Que meio que assumiu o papel dele, vamos falar assim, entre aspas.

Tinha bastante contato com ela então?

Isso, tinha, tinha com ela, não, quase nada com ele porque ele morava em outra cidade e tal, vinha ver a gente as vezes e tal, mas era uma relação meio assim, sabe, não era uma coisa fluida assim, ele com a minha mãe, enfim. Então, basicamente com ele eu não tenho essa referência assim de criação, entendeu, mas com a minha mãe sim, a minha mãe foi a pessoa que foi para a luta, para dar tudo o que a gente teve, nossos estudos, enfim. A minha avó sempre dando, a minha mãe foi para a luta e a minha avó dava aquele apoio emocional mesmo assim, sabe, de cuidado, de carinho, minha mãe é aquela pessoa mais seca, mais dura, sabe, até por conta, ela tinha que, foi o jeito que ela arrumou de se virar né, porque ela não tinha nenhum subsidio sabe, nem financeiro, nem na parte da minha avó que minha avó também não tinha né para dar assim, então foi minha mãe mesmo sozinha com o trabalho dela, com o esforço dela, enfim, com a luta dela. E basicamente isso assim, não sei se consegui responder sua pergunta.

Me conta um pouquinho mais de como foi assim, como você foi criada, o que era importante para a sua mãe, hoje olhando né, para trás?

Aham, a minha mãe assim, ela era, ela é uma pessoa, ela está viva ainda graças a Deus, uma pessoa bem dura assim sabe, ela não era aquela mãe de carinho, de colo, eu não tenho essa memória com ela, então o que era certo, era certo, tem que fazer, tem que levantar cedo, a gente a vida inteira levantou cinco horas da manhã, sabe assim, eu lembro que a gente ia de férias para a casa da minha avó e daí tinha dia para ir e dia para voltar, e a regra era vai para as férias e tinha que voltar uma semana antes, porque uma semana antes tinha que voltar no ritmo, então uma semana antes a gente começava a levantar as cinco da manhã mesmo estando de férias, sabe assim.

Sim, entendi.

Então a minha mãe é professora também, deu aula para mim e para o meu irmão de primeira série e ela era muito rígida, ela é né, muito, uma pessoa muito rígida, tanto

que na minha época escolar eu sofri um pouco assim porque eu me cobrava muito assim, porque eu era a filha da professora, então eu tinha que tirar 10, 10, eu tinha, assim, eu sempre gostei de estudar, não era uma coisa que era uma tortura para mim, mas eu me cobrava muito assim.

Tá.

Porque eu me sentia, não, eu preciso tipo corresponder a esse, essa cobrança, entendeu, mas foi, era uma relação assim dura assim, sabe, acho que conforme eu fui crescendo, fui me tornando adulta, fui conquistando as minhas coisas, aí começam a se inverter um pouco as coisas né Paula, a gente meio que precisa cuidar dos pais né, daí ela também ficou doente, logo depois que eu casei ela teve um câncer, bem importante, no pescoço, e eu sou enfermeira ainda para ajudar, aí ela veio morar na minha casa um tempo, fez o tratamento aqui na minha cidade, enfim, morou um ano na minha casa logo que eu casei. E daí a gente se aproximou assim, mas ela tem, a gente tem umas diferenças assim, muitas coisas que eu lembro assim, principalmente com relação a essa questão do tato, do cuidado, do carinho, sabe? De coisas que eu me sentia agredida, eu pensava assim, porque era muito nítido assim, quando eu tiver meu filho eu não vou fazer assim, sabe?

Sim, e que coisas, você lembra de algumas assim?

Ah eu lembro assim de coisas assim mais relacionadas a apoio, a carinho, porque tinha uma coisa assim, como o meu pai nunca ajudou a gente, e as vezes ele queria ver a gente, daí ela, para machucar, não sei se era para machucar, não sei qual era o intuito, enfim, ela agredia o meu pai e daí com isso ela agredia a gente também, entendeu, não agredir de bater.

Sei, verbalmente?

É, de ah, porque ele é um bosta, desculpa a palavra, ele nunca fez nada, nunca deu um par de meia, e não sei o que, e falava que ia processar, que ia botar na cadeia, e aí isso mexia muito comigo principalmente, porque eu tinha uma, assim, independente do contexto né, era o meu pai, eu tinha uma admiração por ele, entendeu, e eu não conseguia entender que ah, ele não me deu nada, então eu tenho que odiar ele, eu não conseguia ter essa relação, eu não tenho na verdade, até hoje com ele, ele é vivo né. então tinham algumas coisas, eu lembro que, tipo, vamos supor, a minha mãe ela tem dificuldades, até hoje tá, tipo de dar um abraço, sabe, eu vejo hoje na própria relação

com o meu filho, ela tem essa dificuldade assim, sabe, de se aproximar, então em que momento que a gente se abraçava, no dia do aniversário, tipo ah, parabéns viu. Sabe assim?

Aham.

E as vezes quando estava doente, que eu também ficava muito doente e aí tinha um pouco mais de colo, mas fora isso, no dia do ano novo, quando a gente passava junto, no dia do natal, era mais naqueles dias que eram meio que obrigatório assim.

Protocolar assim.

É, tipo, vem aqui e me dá um abraço, vai. Sabe assim?

Aham.

Então sempre foi muito rígida, e tinha a minha avó na época como um contraponto assim, sabe.

Essa avó é a sua avó próxima, por parte de pai?

Essa avó próxima, é, de amor, de carinho, de não, vem cá, vamos junto. E eu lembro que ela falava muito assim, porque eu chorava muito, eu não queria que a minha mãe fosse assim, e ela falava olha, a sua mãe já pensa desse jeito há não sei quantos anos, né, você que é jovem, você tem que entender que ela não vai mudar, então você tem que se adaptar, você tem que respeitar o jeito dela, ela nunca me colocou contra, sabe.

Que legal.

Muito pelo contrário assim, ela sempre tentava remediar sabe, “não, você precisa entender que é o jeito dela, ela acha que está fazendo o melhor, mesmo que talvez esse melhor não seja o melhor que você acha que é, é o que ela sabe fazer”, sabe assim?

Aham.

Então tinha esse contraponto assim, sabe, então acho que a coisa foi fluindo, enfim né, tanto que quando a minha avó morreu a minha mãe ficou muito mal, porque a minha mãe também, a minha avó também era esse porto para ela, sabe, porque eu acho também, eu não sei muito da historia dela, da vida da minha mãe assim, com a mãe e com o pai dela, mas acho que ela também teve uma criança meio dura, sabe?

Aham.

Então ela também tinha na minha avó esse porto de carinho assim, de acalento, de olhar para o outro lado das coisas, sabe, não, espera aí, vamos pesar, talvez, sabe, não é o fazer, mas é o como fazer, não é falar, mas é como falar, mas como que a gente pode falar isso da melhor forma, sabe essas coisas assim?

Sim, sim.

Enfim, e isso é uma coisa que eu carrego assim, sabe, porque eu sei que tenho muito dela com o meu filho, mas eu tenho muito da minha avó também com o meu filho assim.

Então hoje você considera que você trouxe de práticas com ele, você trouxe coisas das duas?

É, acho que eu trouxe coisa das duas, mas acho que bem mais da minha avó, tanto que, olha só que loucura, o F. está na idade de querer saber o que aconteceu na nossa vida né, ele adora historia e ele quer saber as histórias, o que aconteceu quando a gente era pequeno, e não sei o que, não sei o que lá, e eu conto muita coisa para ele que são as memórias que eu tenho, de onde? As da minha avó, com a minha avó, e ele fala quando você nasceu, ele várias vezes já falou, olha só, “quando você nasceu da barriga da sua avó”, e eu falo “não F., eu não nasci da barriga da minha avó”, porque ele está relacionando o nascimento, mãe...

Suas memórias, suas memórias são todas lá.

É, entendeu, então ele fala, ah quando você era bem pequenininha que a sua avó te dava tal coisa, ou que fazia tal coisa com você, ele quase que exclui minha mãe assim da história, entendeu, porque de fato quando eu vou contar as coisas para ele, tipo, eu não tenho muitas memorias assim, sabe, de infância assim com a minha mãe, não tenho, tipo, eu tenho algumas bem poucas assim. Muito louco, mas, basicamente foi isso, e com o meu pai assim, o relacionamento nesse tempo todo foi muito distante assim, sabe, teve uma fase que eu fiquei com raiva, e aí fiquei com raiva mesmo, falava, pô meu, a pessoa não faz por onde, porque aí também até então assim, sempre, e outro ponto também, sempre a vida inteira problema grave com bebida, grave mesmo assim, daí casou umas seis, sete vezes, tal, e aí até que chegou, depois que a minha avó faleceu, aí desandou. Desandou assim de ter que parar na rua, sabe, de não ter onde morar, foi bem sério. Aí eu e o meu irmão falamos “não, a gente tem que fazer alguma coisa”, aí ele na verdade tomou a iniciativa, a gente foi várias vezes lá, ele morava em Atibaia nessa época, agora

ele mora em Piracaia, isso já fazem uns 14 anos mais ou menos, 14, 15 anos, quando ele estava bem mal assim, sabe, trabalhava num bar, trabalhava para beber, bebia para trabalhar, ficava na rua porque não tinha, enfim, lugar para voltar, tinha separado da mulher e não sei o que, e aí eu e meu irmão a gente entreviu assim no sentido de conversar com ele porque a vida inteira era a minha avó que fazia esse, olha, você precisa se cuidar, você tem dois filhos que querendo ou não são seus filhos, que podem te ajudar, que podem te apoiar, mas ele nunca entendia isso como um problema. Aí um belo dia não sei como que ele conheceu um pessoal dos alcoólicos anônimos lá em Atibaia e ele começou a frequentar, e aí eu e meu irmãos fomos uns dias para lá para poder ajudar, sabe, participamos de algumas reuniões, e daí assim, isso depois de uns dois anos mais ou menos, que a minha avó morreu, ele conseguiu entender que ele tinha um problema, sabe, lá ele conheceu uma pessoa que trabalhava no Bourbon, não sei se você conhece aquele hotel de Atibaia?

Não, acho que não.

É um hotel bem grande, um resort que tem lá em Atibaia bem na Fernão Dias e essa pessoa convidou ele para fazer tipo um bico lá no Bourbon, ah vamos lá para carregar mala, bom, resumo da opera Paula, para não estender tanto esse assunto, ele está lá até hoje.

É mesmo, que interessante!

Como funcionário, aposentou agora, vai fazer três meses, aposentou por idade né, e se recuperou da bebida, então assim, acho que a partir desse tempo mudou a nossa relação com ele também, sabe. Porque, não que ele começou a dar as coisas para a gente não, porque também nem é esse o ponto para mim, especificamente, sabe? Mas a relação assim, de superação de ser uma pessoa que me inspira, de ser uma pessoa que pô, conseguiu vencer uma coisa bacana assim, sabe, conseguiu reconstruir a vida dele, resgatar a dignidade, enfim. Isso é historia né, para contar para o F. mais tarde, as vezes ele começa a perguntar, mas aonde estava o seu pai, porque eu expliquei para ele, porque a família do meu marido é toda certinha, pai, mãe, moram juntos e tal, e ele não conseguia entender muito bem que tipo, o meu pai não morava comigo, minha mãe brigava, para ele é meio confuso assim, enfim, então mais para frente eu vou ter uma historia bonita para contar para ele do avô dele, sabe.

Que bom.

É, foi um desfecho legal assim.

Bom, em que situação se você percebe né, em que situação ou situações você percebe as diferenças entre a educação que você recebeu e aí acho que vale a gente considerar as pessoas que foram importantes para a sua criação, então pode pensar na sua avó também e a educação que você pratica com o F.?

Que situações que eu considero como, fala de novo a pergunta.

Que você percebe as diferenças entre a educação que você recebeu e a educação que você pratica?

Assim, o que eu percebi assim, tipo, a minha opinião né, enquanto pessoa, vamos falar assim, ela não era muito levada em consideração, tinha o que tinha que ser feito e acabou. Entendeu? Acho que basicamente assim, falando especificamente da minha mãe, que é a pessoa que tocou na nossa vida aí né, vamos embora, a vida era assim, quem determinava as regras era ela e acabou, não importa se eu estava gostando ou se eu não estava, aquela frase clássica, você está embaixo do meu teto, sou eu quem mando e acabou, você não tem o que querer, e era isso, não existia opinião, né, o que você acha, imagina, mas o que você acha, não, não tinha esse nível de conversa, entendeu? Então, e isso é uma coisa que assim, depois que eu, era uma das coisas que vinha aquela coisa na cabeça, tipo, poxa, isso eu tenho que fazer diferente. E é uma coisa que eu pratico diferente com o F. assim desde sempre, sabe? No sentido de, né, fui estudar, porque a gente tem que se preparar para esse momento assim, é um momento muito particular, porque claro que a gente traz a maneira como a gente foi criado né, como base, mas eu fui estudar né, acho que a gente precisa se preparar assim.

E aí estudando o que você viu?

Estudando eu comecei a ver a importância disso assim, de que a pessoa ela é uma outra pessoa, ela precisa ser respeitada como tal, entendeu? Claro, e tem que ter um fio condutor mínimo ali? Obvio, porque senão né, se perde, e tem que entender que tem o fio condutor, mas assim, ela também tem opinião, e isso eu estou falando desde a alimentação, do gostar ou não gostar de alguma coisa, eu estou falando assim desde os primórdios até o que eu pude viver hoje assim, hoje já é uma mini pessoa mesmo né, a gente vê que a gente fazer curso de argumentação com traficante porque assim, mas então, quando ele vem no então, ele fala assim “calma, então, deixa eu te falar” e ele faz assim para falar, é porque lá vai vir as fases da negociação.

Então a negociação é uma coisa que você percebe diferente né, então que você faz e a sua mãe não fazia?

É, não, não, e o respeito assim, o respeito e a individualidade no sentido de não só de autonomia, mas assim, de individualidade mesmo, de como aquela pessoa pensa, de como a pessoa é, que ela tem o direito, vamos supor, de ter medo, de ela ter o direito de querer chorar, ela ter o direito, entendeu?

Afetividade talvez G., a gente está falando assim?

O que?

Talvez a gente esteja falando um pouco do campo afetivo, porque eu fiquei imaginando e quero entender se é isso, você falou que tem direito de ter medo, que era uma coisa que acontecia com frequência, ah para com isso, que frescura, não precisa ter medo.

Isso, é.

Mas é afeto né, a gente acolher afetivamente.

Sim, permitir, permitir entendeu, permitir e ajudar, e não só isso, permitir, mas dar subsídios para ajudar a entender, ah, mas está com medo, tudo bem, eu também estou com medo de uma coisa, é normal, mas porque que a gente está com medo, vamos entender? Fazer esse meio de campo, entendeu o que eu quero dizer?

Sim.

Sabe? Acho que esse é um ponto importante, e uma outra coisa importante que eu acho é que também aí, não sei se é uma questão de circunstancia, mas foi uma coisa que eu quis muito fazer diferente assim, foi no sentido assim de não terceirizar sabe, essa parte da educação, da relação, da formação, porque eu, o meu irmão, a gente foi terceirizado, a gente ficava numa escola das sete da manhã até as sete da noite.

Porque sua mãe trabalhava o dia inteiro.

Trabalhava o dia inteiro, então toda a construção disso foi feita por outras pessoas e não com ela, entende o que eu quero dizer?

Aham.

Então, por exemplo, aqui a gente se organizou para ter o F. e eu saí do meu trabalho, na verdade eu ia sair até um pouco depois, ia esperar um pouquinho, mas

quando eu voltei na verdade eu acabei sendo desligada, mas já era o plano de sair porque a gente queria ficar com ele realmente até um ano em casa, estou até hoje em casa pra você ter uma ideia. Quer dizer, foi para a escola né, com três anos e com esse objetivo assim, para esses primeiros momentos terem essa base, sabe, eu não queria terceirizar porque eu me senti muito terceirizada, entendeu. Eu estava sempre na casa de um ou na casa do outro, que aí chegava o final de semana também e a minha mãe queria descansar e então ela mandava a gente para a casa de um, para a casa de outro, ia para a casa da minha avó, entendeu.

Tá.

E voltava com ela quando tinha a recolhida, e eu falava assim, chamava ela de mãe, oh mãe, e ela não me chame de mamãe, é mamãe, tem que chamar de mamãe, e começou a encrencar com ele porque começou a chamar ela de vó, não é vó, é vovó. Quase que eu falei, não adianta tentar ser fofa, você não vai conseguir.

É pela afetividade da palavra, mas não do gesto né, curioso.

É.

E considerando as práticas educativas que ela usou, eu acho, principalmente com você né, você consegue me dizer o que você gostaria de repetir ou o que você já repete, mas porque você quer, assim, repete querendo com o F.?

Olha, uma das coisas que eu acho que foram primordiais foi, até por conta da própria profissão dela né, foi de entender o papel, o papel do aprender dentro da vida assim, sabe, de buscar o aprendizado, de valorizar quem ensina, tanto que eu dou um puta valor para a escola assim, e buscar, tanto que muitas coisas hoje o F. me pergunta e eu falo aí filho isso eu não sei, preciso estudar para te falar, e eu falo muito essa palavra para ele. E ele fala mãe, vamos estudar qualquer coisa no Google porque, e eu falo vamos, vamos estudar, eu falo, tudo o que a gente não sabe, a gente vai procurar saber, que nem outro dia ele me perguntou “de onde saiu o vidro” e eu “falei putz cara, não sei”, ou se não, ele pergunta algumas coisas de astronomia e eu falo ah isso aí você pergunta para o seu pai para ver se o pai sabe, se ele não souber a gente estuda no Google e vê porque eu também preciso aprender. Então, a minha mãe ela, ela bateu muito nessa tecla assim, sabe, de que eu estudasse, essa coisa de aprender, a gente não ia para a frente, entendeu, isso é uma coisa que desde sempre eu bato de frente assim, sabe. Ela acha...

Você repete querendo né, não é uma...

É, eu repito querendo, na cabeça dela ela fala que eu pego pesado com o F. e que eu não deixo ele, porque ele está lendo, ele está lendo porque ele está lendo, eu não fiquei na lousa, foi um estímulo meio que normal assim, sabe, ano passado, no meio da pandemia, do nada ele pegou “bola, bola”, bola, quando ele entendeu que as palavras se juntavam e formavam coisas que ele conhecia, e ele ficava maluco com isso assim, com a junção das letras e que isso cria coisas, que os números são infinitos, mas existe número cinqüenta mil, sessenta mil não sei do que, e eu falo F., deve existir, lá para frente existe. Mas foram coisas que foram fluindo assim, e ela fala “ai, você precisa deixar ele livre” e eu falei “mas ele fica livre no quintal brincando lá”, que ela acha que as vezes eu pego pesado e tal, que toda hora quero fazer uma atividade, toda hora quero levar ele para a cozinha para cozinhar. Eu falo mãe, tudo isso é aprendizado, ele está na cozinha e ele está brincando também, não estou colocando ele numa carteira. Então assim, a rigidez dela ela não quer para ele, sabe, é engraçado.

É curioso, essas coisas são curiosas.

É curioso, muito curioso, e até engraçado, essa semana ela falou assim para mim, que está tendo aula online, mas é uma horinha e agora deram férias para a escola aqui na verdade, para os professores né, mas ele estava tendo uma horinha de aula online, e ele se adaptou muito bem a aula e tal, bem tranquilo assim, e ela G., pelo amor de Deus, eu vi uma reportagem, quantas horas o F. fica na aula? E eu falei não mãe, é uma hora, uma hora e quinze, ela não, porque passou disso já não faz bem para a cabeça da criança, porque você também fica dando aula quando você fica brincando, você pensa que eu não vejo, você fica falando das letras, você fica falando dos números para caramba, e eu falei mas é normal.

Você segue o interesse dele então?

É, eu vou no interesse dele, e cada hora a gente vai trabalhando uma coisa, enfim, é bem, não tem um planejamento, nada assim, entendeu, eu deixo fluir e na hora do ócio eu deixo, que nem nessa época agora está assistindo mais televisão, coisa que não fazia muito, agora está fazendo, a gente acabou liberando alguns joguinhos de tablet, mas tudo com combinado, essa questão de respeito de individualidade, imagina, combinado, combinar o que com uma criança?

Com você não tinha combinado?

Não, não sabia nem o que era, não tem essa de combinado, o que é, é, e o que

não é, não é.

E como você era educada G., quando você fazia coisas que não podia ou que eram consideradas erradas, como que sua mãe, vou usar a palavra disciplinava, porque não encontrei outra melhor.

Olha, eu lembro que assim, ela, tipo ela ficava mais ríspida do que ela já era.

Mudava o tom de voz?

Mudava o tom, é, mudava o tom, e tipo ela ficava sem falar comigo, minha mãe nunca me bateu.

Ela te ignorava?

Ela me ignorava ou ela começava tipo, a atacar meu pai, ou falava que a gente não ia para a casa da avó, então ela dificultava, quer ir para a casa da avó, beleza, alguém tem que vir buscar aqui dentro, sabe assim, sou eu que mando, eu que determino, então, ela queria mostrar assim.

Uma forma de castigo assim?

É, ela queria mandar, mas não tinha, até porque não tinha nada assim, tipo, ah você vai ficar sem assistir televisão, eu não assistia muito TV, você não vai sair, não tinha, a gente era muito dependente na nossa época, pelo menos na nossa época, eu era muito dependente da minha mãe assim para fazer as coisas, depois que começou a fluir de sair sozinha de ônibus, de metrô e tudo mais né.

Bom, aí eu perguntaria o que você não gostaria de repetir, mas eu acho que você falou ali na outra pergunta, que são essas coisas que justamente você não repete porque você sofreu com essas práticas da sua mãe?

É, e isso é até um conflito assim entre eu e meu marido porque, por exemplo, o meu marido é mais esquentado, ele a mãe dele batia nele e ele acha, quer dizer, achava né, ou se ele acha ainda, eu falei para ele que com o F. ele não vai fazer, que um chacoalhão, um beliscão funciona, entendeu, eu já cheguei a intervir assim no meio, de ele perder e eu intervir no meio e falei para, se você não está dando conta, dá licença, sai, vai respirar, aqui não vai rolar, entendeu? Já cheguei a intervir algumas vezes assim porque na cabeça dele é assim que funciona, quer dizer, foi desse jeito que ele foi criado, e a mãe dele fala claramente, eu acho que criança tem que apanhar sim, esse final de semana passado a gente estava até conversando assim, teve aquele assunto do menino,

do Henry e ela estava, eu nem vi isso direito porque eu fiquei, eu falei gente, eu não quero nem ver, eu vou rezar por aquela criança, por aquela família, mas assim, eu não consigo ver um negócio desse.

É uma história horrível.

E foi um negócio muito louco, mas enfim, foi engraçado porque ela fez um comentário que ela estava estarecida com esse assunto e eu falei eu estou meio por fora, eu não vi e não quero ver, tipo, não quero. E ela ainda falou assim, eu sou a favor sim de umas palmadas, mas não de espancar, e aí eu fui falar mas qual a diferença? Entendeu? Falei qual a diferença? Mas assim, não falei anda, falei bom, enfim... e é uma luta, ele começou a querer entrar naquela fase de birra, que quer desafiar a gente e tal, não sei o que, depois a gente foi aprendendo e tal, por isso tem que se preparar na minha opinião, tem que estudar, se preparar, e entender até que ponto é normal, não é, a gente também se trabalhar né.

Aham.

E daí, teve umas fases aí que o meu marido estava perdendo um pouco a paciência com ele, e ele falava assim “não me belisca, mas você vai me beliscar pai?”, aí que eu comecei a ver que estava, opa, estamos passando do limite, entendeu, e um dia eu tive que intervir mesmo porque ele deu uma apertada, e eu falei que isso não se repita mais, aqui não quero isso.

Mas você não apanhava né?

Não.

Era mais um castigo.

Era mais um castigo emocional, olha, para eu te falar que eu nunca apanhei, eu não sei nem se é considerar que foi apanhar, foi uma vez na rua, foi na rua hein, minha mãe era meio esquentada, entendeu, meio esquentada.

Ela gritava G.?

Ela gritava, ela gritava, e ela era uma pessoa assim, não, tem que fazer o certo, porque o certo, é o certo, e daí, eu lembro que a gente descia no Parque Dom Pedro em São Paulo e atravessava, tinha a Avenida do Estado e atravessa para pegar o ônibus do outro lado e tinha uma faixa de pedestre que você tinha que andar um tanto a mais para chegar até a faixa de pedestre, e eu lembro que a gente desceu e aquele ônibus

demorava e tal, lembro que a hora que a gente desceu, na hora que a gente desceu na guia no metrô ela viu que o ônibus estava saindo do terminal, e aí ela falou “vamos atravessar aqui mesmo fora da faixa”, aí eu estava atacada também acho que aquele dia, eu tinha uns doze anos e eu falei “não, mas a gente não vai atravessar fora da faixa, nós vamos atravessar na faixa, porque aqui é perigoso”, e ela “eu estou mandando, vamos atravessar aqui” e eu falei “não, você está errada”, e ela me catou, eu e meu irmão, cada um de um lado e atravessamos ali e eu comecei a falar “porque você está errada, porque você fala uma coisa e você faz outra, que não sei o que” e comecei a falar na cabeça dela. E ela estava com uma pasta na mão e ela fez assim “cala a boca” e deu com a pasta na minha cara. Foi a única vez.

Mas foi marcante pelo jeito né?

Foi, foi marcante, eu lembro que eu fiquei assim, que eu não acreditei no que estava acontecendo, sabe quando você fica assim? Falei “caraca, ela me deu com a pasta na minha cara”, aí fiquei para trás, eu fiquei parada, e ela falou “você está esperando o que para você andar”, tipo, vamos, e aí eu fui andando, mas não conseguia porque eu não conseguia pensar, fiquei meio atordoada, sabe, porque eu não sabia nem explicar para ela porque ela estava falando para a gente fazer uma coisa que estava errado, e estava mesmo errada.

Estava de alguma forma seguindo o padrão de regra dela né.

É, exatamente, enfim, mas foi a única vez assim que eu lembro que ela me agrediu, e teve uma outra vez também que não foi uma agressão física, foi por conta também por questionamento de regra porque na minha casa, o meu irmão é um pouquinho mais novo, e ela sempre deu uma protegidinha no meu irmão, e tinha as divisões de tarefas domésticas, e eu fiz uma escalinha, segunda, terça, quarta, quinta, sexta, beleza, para dividir, vamos dividir. E dividi e coloquei lá na geladeira, e aí estava lá, lavar, secar louça, quem lava, seca, e o meu irmão esperto que era, ele lavava e deixava lá, e sempre quando eu ia falar no dia seguinte, a louça que era para estar guardada e o escorredor era minúsculo, estava lá toda empilhada a louça do dia seguinte, e aí tinha quatro pratos e uma panela de pressão, e eu lembro que “Daniel, enquanto você não guardar a louça, eu não vou lavar a outra” porque o que é certo, é certo, cada um tem que fazer a sua parte, vai lá e guardar e ele “eu não vou, não vou e não vou”, minha mãe não estava, minha mãe chegou e eu falei mãe oh, e expliquei a situação para ela, “qual que é a regra?” A regra é essa, então, ele não guardou a louça, então enquanto

ele não guardar eu não vou, e ela falou “para, lava a louça” e eu “mas, mãe você entendeu?” E ela “eu estou falando para você parar”, falei “mas mãe você entendeu o que eu estou querendo dizer, ele não fez a parte dele”, eu não sei o que tinha acontecido, se ela estava com a cabeça quente, só sei que ela olhou para mim assim com ódio, ela pegou os quatro pratos, olhou, na verdade eu achei que ela ia atacar na minha cabeça, ela não atacou, ela atacou os quatro pratos no chão, tipo, estourou todos os pratos no chão, pegou a panela de pressão e jogou no fogão, e tipo, entortou a grelha do fogão e falou “chega, eu não quero ouvir mais nada, não quero que saia mais nada da sua boca” e saiu de casa, saiu, e eu fiquei lá no meio daqueles cacos, tipo em choque, o meu irmão estava jogando vídeo game, já é branco, ficou transparente, e a gente não sabia o que fazia, eu não conseguia sair do lugar e aí eu comecei a chorar, chorar, e chorar, que eu não sabia onde ela tinha ido, eu não podia sair dali, e eu lembro que eu peguei e liguei para a minha avó e falei “vó, aconteceu uma coisa, minha mãe tá louca, ela ficou louca, ela quase quebrou quatro pratos na minha cabeça, não sei o que aconteceu, ela saiu, e não sei o que”, bom, resumo, depois ela voltou como se nada tivesse acontecido, nada, nunca. Tipo, hoje, uma vez não sei o que a gente lembrou disso e ela deu risada, deu gargalhada, mas assim, depois de velha agora, e ela fala até assim “imagina que eu ia dar com os pratos na sua cabeça” e ela “ah, aquele dia você me tirou do sério mesmo”, tipo...

Normal.

Normal, entendeu? Então essa coisa é um negócio que eu não consigo imaginar, entendeu, eu fazendo isso com o meu filho.

É uma escolha então não reproduzir esse padrão.

É, se eu estou nervosa eu saio da frente, entendeu.

Você se afasta.

Eu me afasto, senão eu também falo deu, eu preciso dar uma respirada.

Quem que você espera, desejar ser como mãe para o F.?

Ah, eu quero ser aquela pessoa que ele sabe que ele pode contar, entendeu? Independente do que aconteça, das escolhas dele, quero que ele seja, que eu seja aquela pessoa que ele fale pô meu, eu posso contar com essa pessoa, sabe, aquela pessoa para se divertir, para criar memórias boas, acho que ficou um vácuo na minha infância, e

eu quero que esse vácuo não fique vácuo para ele, quero preencher isso, sabe, com bastante coisa boa, entendeu, é isso o que eu penso assim né, mais para a frente quando ele cresceu eu quero que ele tenha histórias legais para contar, claro, cada um tem, acho que a gente ainda, se Deus quiser a gente não vai passar por momentos ruins, mas se a gente passar, que seja momento de superação né. enfim, que seja, que tragam coisas, que tragam coisas edificantes assim, acho que ser esse porto assim, mas sem essa coisa da rusga, ah porque a minha mãe, e eu tenho que. Não.

Que ele não se sinta amedrontado, é isso, por você?

É, não se sinta, porque eu sinto que as vezes, por exemplo, eu vejo meu marido as vezes, tem uma relação meio que de, a palavra não é cumplicidade, é de dívida, eu preciso porque assim, é minha mãe cara, e ele mesmo fala meu, é teu pai. Tipo assim né, então, mas cada um tem sua forma assim né, por exemplo, não é porque é o meu pai que eu me sinto obrigada, a minha relação com a minha mãe e com meu pai não é uma relação de grude assim, sabe, quando a gente, o que eu tenho hoje de certeza, quando eles têm problema, eles vão me procurar. Entendeu? Que eles acham que eu posso resolver e a gente vai junto resolver, minha mãe com todo esse contexto dela, foi para dentro da minha casa que ela veio, entendeu, e ela ficou, se ela já era uma pessoa difícil, doente ela ficou mais difícil ainda, e tal, não sei o que, enfim, então a gente tem essa relação. Aí ele tem o contrário, não, porque precisa estar perto, precisa porque é mãe, porque é avó, não que isso seja tão bom, entendeu o que eu quero dizer?

Sim, sim, entendi, que ele não tenha então, que o F. não tenha essa relação de obrigação.

Obrigação, é, eu acho que tem que fluir, entendeu, tanto que ele até brinca, ele fala isso hoje, e eu falo aí, sua mãe está adorando ouvir isso, não gente, que ele fala assim, mãe, ele aí, não sei o que eu falo as vezes, “quando você crescer e tiver sua família”, e ele fala “não, mas quando eu crescer e tiver minha família eu vou estar aqui junto com vocês”. Então ele não se vê, eu vou ter que ir, nós vamos estar aqui juntos.

Como assim eu vou morar fora, né?

Entendeu, e ele fala “olha a cara da sua mãe de felicidade”, mas não é nisso que eu estou pensando assim, eu não quero fazer um puxadinho para ele ficar aqui, quero que ele tenha a vida dele, eu estou falando da relação mesmo assim.

É curioso você falar disso porque a próxima pergunta ela vai um pouco por

aí, que é, considerando essa expectativa que você tem da mãe que você quer ser, que você deseja ser para ele, quem você espera que ele se torne em função dessa mãe que você quer ser?

Eu quero que ele seja uma pessoa independente, segura, né, acho que é isso assim, esses primeiros anos de vida eles são primordiais para isso né, que tudo bem ter medo, para entender o limite do outro, isso tudo é treino, treino de relação, você tem que, a gente não se expõe a isso você nunca vai saber, ou você vai saber a duras penas. Então é isso, quero que ele seja uma pessoa segura, que ele saiba para onde voltar quando tiver problema, entendeu, e que meu, que voe, que voe, que seja uma pessoa do bem, a gente fala muito isso, que a gente precisa ser certo, o que é certo é certo, que o outro também sente, como a gente gostaria de fazer, o que a gente faz como será que o outro se sente, isso com relação aos bichos, isso com relação a outras pessoas, então é isso.

Tá...

Na hora que ele falar “vou sair” eu não sei como vai ser né, na hora que ele falar “tchau, eu tô indo”.

É, a gente passa pelas fases necessárias para isso né G., se fosse agora, talvez fosse muito impactante, mas ainda bem que passa pela adolescência, que é para ser gradual. Quais valores lhe foram passados pela forma como a sua mãe te educou?

Eu acho que primeiro a questão da integridade assim, sabe, de você fazer sempre o certo, o que é seu, é seu, o que não é, não é. Lá, pelo fato de ser uma fundação assim, a gente lidava com pessoas de muitos tipos assim, então essa questão de respeitar as diferenças, sabe, do outro. E uma outra coisa que daí é dos dois lados assim, que independente do contexto duro da minha mãe, ela sempre estava ajudando alguém, e ela tinha essa coisa de ajudar o outro, então ela sempre estava fazendo alguma coisa para alguém, sempre, cresci vendo isso, tanto ela quanto a minha avó, que também tinha um centro espírita que fazia atendimento gratuito, então eu cresci nesse meio assim, sabe. Isso é um valor importante assim que eu acho que a gente não pode só ficar pensando ali no nosso microcosmos, sabe. Isso é uma coisa que eu estou exercitando com o F., que ele tem essa fase de apego com as coisas deles, e eu estou exercitando com ele, filho, olha, o que hoje não serve mais para você pode servir para outra criança,

por exemplo, que nunca teve um brinquedo, quando ela ver esse brinquedo que hoje para você não é mais tão legal ela vai achar aquilo maravilhoso, entendeu, e estou trabalhando essas coisas com ele, porque são coisas que eu também aprendi, e a gente vai exercitando.

Sim, era isso que eu ia até te perguntar, se são valores que continuam fazendo sentido para você?

Sim, total.

E quais, pensando nas práticas educacionais, antes disso queria te perguntar, como é que você faz quando o F. faz alguma coisa que não podia, que é errada, inadequada, enfim?

É, vamos supor, tem acontecido muito essa questão de lavar a mão né, a gente não está saindo de casa e tal, mas já encheu o saco de lavar a mão e eu sei quando ele não lava, falo F., ele, eu vou fazer xixi, vai lá, deu descarga? Dei, lavou a mão? Lavei, aí eu falo filho, você tem certeza que você lavou? Eu lavei, claro que eu lavei e eu falo, se você não lava a sua mão, você não está enganando a mamãe, eu já falei isso várias vezes para ele, você não está enganando a mamãe, você vai ficar com a sua mãozinha suja e o bichinho vai para o seu corpinho, não vai para o meu. Então quero que você pense que a mentira não é para mim, é uma mentira para você, antes eu falava para ele que eu sabia de tudo, que eu tinha uma bola de cristal e que eu sabia de tudo, e eu falava não lavou, ele, não, eu lavei, e eu falava não, eu sou sua mãe e eu sei de tudo que acontece, eu tenho uma bola de cristal, que eu sabia de tudo que acontece. E hoje eu já mudo, entendeu, o discurso. A mesma coisa a inalação, ele falava, o inalador fica na sala, eu saía, virava as costas, o que ele fazia, tirava, e várias vezes eu falei para ele, filho e aí, o que você acha disso? Eu perguntava pra ele, o que você acha? E ele falava eu sei que não é certo. Então, primeiro que o nome disso é confiança, se eu estou saindo daqui e deixando você fazendo inalação, eu estou entendendo que você está pronto para isso, você quer que eu fique aqui do seu lado, mãe, não precisa, pode ir, e ele ainda fala “confia”.

Que fofo.

Não mãe, pode ir, confia.

Então o que você faz quando ele faz coisas, quando você precisa educar ele é muito do diálogo, da explicação.

Sim, tento fazer isso, a responsabilidade para o lado dele também né, ele entender que assim, tudo o que ele faz vai ter uma consequência normal, assim, que não necessariamente está relacionado a outro, entendeu, pode estar relacionado a ele mesmo, por exemplo, não lavar a mão, se ele não lavar a mão dele, é ele que vai ficar doente, entendeu? A gente fala muito aqui dessa questão da confiança né, a gente fala muito que a gente precisa confiar um no outro aqui, nós três, independente do que aconteça a gente sempre vai precisar conversar, né, e essa questão da inalação mesmo, quantas vezes a gente já falou isso é confiança, a gente está falando que está confiando em você que você vai fazer, e quando você não faz, e aí? Né? então a gente divide essa responsabilidade, entre aspas, das ações com ele assim, eu particularmente, tento ir muito nessa linha assim, porque, primeiro que eu acho que com ele pelo menos tem funcionado bem, sabe, fazer ele refletir, sabe? E dá para ver que tipo, das próximas vezes tem outro comportamento, entendeu, mas não tem jeito né, assim, tem coisas que você vai ter que repetir algumas milhões de vezes, faz parte.

Sim, está bom. E quais valores você acredita que você está ensinando para ele com essas práticas, quando você precisa ensinar para ele como fazer, ou o que não fazer, quais valores você acha que está ensinando para ele?

Acho que é um pouco do que a gente falou no começo assim, do respeito ao indivíduo, de que ele é o ser pensante, eu acho que eu estou ensinando isso para ele, oh, você tem condição dentro dos seus quatro anos, de refletir e de pensar sobre isso, você acha que está preparado para isso? Se você acha que você não está, então vamos sentar juntos e vamos ver, entendeu, então acho que é o respeito a ele como indivíduo, né, no sentido também de fortalecer a busca dele por ser melhor, porque é uma busca. Então de sempre tentar ser melhor e de fazer melhor, nem estou falando de certo e errado tá, estou falando de ser melhor, né, e é isso, acho que é principalmente isso, em torno da questão do respeito, sabe.

Então se você precisasse me dizer os valores que você acha importantes na criação dele, então teria o respeito, o que mais?

Aham, acho que essa questão da integridade também é importante, sabe, o que é meu é meu, o que é seu, é seu, né, várias vezes a gente teve conversas aí, conversa de ladrão e ele queria entender o que era o ladrão, mas porque ele faz isso, porque que ele não faz, o que acontece com ele, e aí teve um dia logo no comecinho quando ele foi para a escola, que ele chegou com a bolsa com dois carrinhos aqui e que não eram dele, aí

peguei, e foi a... aí eu falei nossa, de quem é esse carrinho? Ah é do fulano, e eu falei que legal, ele te emprestou? E ele falou não, não? Ele não te emprestou? Não, ele nem viu que eu peguei, eu peguei sem ele ver, aí falei e o que você acha disso, você acha que seria legal alguém pegar uma coisa sua, e você nem saber que está com ela? Não, não acharia legal. E eu falei então, mas porque você não pediu para ele que você queria ver? E ele falou, porque eu achei que ele não ia me emprestar. Aí começa né, e eu falei então filho, olha, sempre quando a gente quer ver ou brincar com alguma coisa do outro, isso e com tudo, com relação ao corpo, a gente sempre conversa muito isso, a gente precisa pedir permissão porque o que é seu, é seu, e o que é do outro, é do outro, não é? Eu falei, então se você queria, devia falar “fulano, posso ver, posso levar para a minha casa?”, amanhã você vai pegar e você vai entregar na mão dele, e falar para ele, olha, eu peguei sem você ver, você precisa falar isso para ele, talvez ele nem tenha percebido, e você vai falar, olha, eu sei que isso não foi legal, pode ser que ele te fale pega para você, ou pode ser que ele fale, ah, eu fiquei muito bravo com isso. Seja o que for, você precisa fazer a sua parte, e aí escrevi um bilhetinho na agendinha, pedi para a professora mediar e ela falou que foi lindo o que aconteceu, porque ele chegou e falou, olha fulano eu peguei sem você ver porque eu queria ver, e ele ah tudo bem, pode ficar com você essa semana, mas que nem veio para casa mais, ficou brincando lá na escola mesmo com os carrinhos. Então é esse tipo de coisa, sabe, que a gente está exercitando.

Um tanto de responsabilidade também, você acha?

Sim, sim, com certeza.

E você vê então as suas práticas, a forma como você educa e o valor que você quer ensinar, você vê como coisas que são coerentes, você educa de acordo com o valor que você quer passar, para você elas são coerentes?

Sim, eu vejo, eu acho que se conversam.

Está bom, bom, queria saber como é que foi para você, saber como você se sentiu em contar sobre a sua família, sobre a criação do seu filho?

Ah foi super legal, super legal, é sempre um aprendizado né Paula assim, a gente está num momento muito particular da vida de todo mundo, falando da pandemia e tudo, mas eu sempre falo assim, é um aprendizado maluco e eles também ensinam muito para a gente, de mostrar para a gente o outro lado das coisas, foi até engraçado, aqui a escola parou no comecinho de março e ele estava, tinha acabado de voltar, e enfim, estava todo

feliz em ir para a escola e foi de um dia para o outro que parou aqui, tipo depois de amanhã não vai mais. E eu fui lá com todo o cuidado, então F., sabe, lembra do Corona, ele voltou a ficar forte, está andando muito na rua, e o prefeito achou melhor, sabe o prefeito igual da Patrulha, ele achou melhor todo mundo ficar em casa mais um pouco, que daí o corona vai ver que não tem ninguém na rua e oh, ele vai ficar morrendo de fome e ele vai para outro lugar, e ele vai morrer, então a gente vai precisar ficar em casa de novo, e aí ele ficou me olhando assim e eu falei ah meu Deus, senhor. E ele, então não vai ter escola? E eu falei não filho, nem para você e nem para ninguém, não é só para você, a escola vai estar fechada. E ele me olhou assim, ai, mas ninguém vai, nem a tia Rita que é a dona da escola, nem a tia Rita? E eu falei nem a tia Rita. E ele, então eu vou ficar aqui? Falei é filho, vai ficar eu, o papai já está trabalhando em casa e você vai ficar com a mamãe igual a gente fez no ano passado, aí ele abriu um sorriso assim e me deu um abraço e falou “eba, eu adoro ficar com vocês”, ai eu assim, tipo, me deu um alívio sabe, porque eu achei que ele fosse sofrer por causa da escola e eu falei é isso né, cara, é essa sensação de porto que eu te falei, sabe, de falar não, quero ir para a escola, socorro. Eu ia ficar feliz também porque eu quero que ele se dê bem na escola né, mas é legal também, foi um retorno que ele deu para a gente, tipo, eu amo a minha casa, eu gosto de ficar aqui, entendeu?

Que bom, que bom.

É, eu também achei bom.

Bom, eu vou parar aqui a gravação.

Está bom.

Entrevista 4

Nome: F.

Idade: 32 anos

Filhos: 2 meninas (4 e 2 anos)

Gênero : Feminino

Tudo bem se a gente gravar então F.?

Tudo bem.

Bom, não sei se você lembra, o formulário sobre o que era, você lembra?

Eu não lembro de tudo não, eu respondi o formulário, lembro que tinha alguma coisa a ver com a maternidade.

Isso, era sobre parentalidade, valores, acho que agora você está ao contrário para mim, a câmera acho que virou. Agora voltou, isso. Você está me vendo?

Estou, tô te vendo.

É, sobre parentalidade, valores, práticas educativas, enfim. Aí eu queria que, vou te perguntar se você tem um filho ou dois, ou mais?

Eu tenho duas filhas.

Duas meninas, tá bom. Quantos anos?

Isso, a L. que é a mais velha tem quatro anos e a A. tem dois anos.

Tá, eu vou fazer as perguntas para você, e você pode me responder do jeito que você quiser, a gente vai bater um papo, a ideia é conversar um pouquinho sobre as práticas educativas, valores, enfim, está bom?

Certo.

Então tá. Me conta um pouquinho que pai e mãe você teve? Como é que foi a sua criação?

Eu tive um lar muito amoroso, muito unido, então a minha família sempre foi muito unida, muito carinhosa, eu não tenho assim, nenhuma lembrança de agressões ou de sensação de que não estava sendo bem atendida, né, são memórias felizes e acho que é isso, tive uma infância muito amorosa, muito, brincava muito, tinha muito espaço para ser criança, eu acho que em resumo é isso.

Você cresceu aqui?

Sim, eu nasci e cresci em São Paulo, em Osasco né, e ainda moro na mesma cidade, no mesmo bairro onde eu nasci.

Está bom, seus pais moram perto?

Eu moro com a minha mãe atualmente e o meu pai é falecido há três anos.

Tá, sinto muito.

É...são coisas da vida, é o ciclo.

É, bom, em que situação você percebe a diferença entre a educação que você recebeu e a educação que você pratica com as meninas?

Deixa ver... eu acho que a maior diferença, deixa pensar, talvez as cobranças por resultado.

Tá, você não as cobra, é isso?

É, eu tive pais que eram rígidos no sentido de cobrar, por exemplo, notas na escola ou relacionar estudo com uma vida plena e bem sucedida, relacionando o sucesso financeiro com uma vida feliz.

Tá.

E eu processei isso de uma forma diferente agora depois de adulta e eu tento passar esses valores para as minhas filhas de uma outra forma.

Então o que vinha para você em forma de cobrança, então a forma como eles passavam isso para você era te cobrando com notas, e fazendo essa correlação entre estudar mais, ganhar mais e por isso ser mais feliz, e aí qual é a sua visão em relação a isso e que você passa para as meninas hoje?

É, hoje, por exemplo, eu entendo da forma como eu vivenciei né, que não existe mais essa relação de diploma versus sucesso, e já não cobro as meninas, por exemplo, de bom, o estudo é a fonte do sucesso, né, o diploma, quem não tem diploma não tem nada na vida e assim por diante, então eu procuro validar aquilo que elas fazem, então se eu fizesse um desenho que não estava perfeitamente bem pintado eu era corrigida, então de uma forma, não tinha nenhum tipo de, não era uma cobrança assim agressiva ou que eu tivesse medo de apanhar, mas eu tinha aquela sensação de falha.

Aham, era uma cobrança verbal.

É, poxa, você podia ter feito melhor, eu sei que você tem potencial para fazer melhor esse desenho, poxa, olha, não está bem pintado, você podia ter feito melhor e hoje eu vejo que assim, se aquela atividade não é uma atividade que as meninas gostam tanto de fazer ou que elas não tem assim uma, como que eu vou colocar isso assim, um talento para aquela atividade específica, elas deram o melhor delas naquela atividade e tem outras atividades que elas vão desenvolver melhor, mas elas se esforçaram para fazer aquele desenho, então eu reconheço o esforço e sempre pergunto para elas, invés

de eu dizer para elas nossa, eu estou orgulhosa, ficou muito lindo, eu sempre pergunto o que elas acharam a respeito da atividade, a respeito do resultado da atividade, se elas gostaram, se elas se envolveram bem com aquilo, ou não, poxa, olha que legal que você fez um desenho, não o desenho, o processo de fazer um desenho.

Tá então você valoriza o processo e não o resultado final.

Isso, isso.

Tá.

E aí procuro incentivar elas exatamente a isso, o interesse no processo sem se apegar demais no resultado final, eu acho que a maior diferença seria essa.

Tá, e considerando então as práticas educativas que os seus pais utilizavam com você, você consegue me dizer o que você gostaria de repetir ou já repete com as meninas?

Nós fazíamos muitas atividades juntos enquanto família, então se tinha um trabalho de escola ou se tinha uma brincadeira ou se tinha uma atividade de final de semana e a gente fazia muitas dessas coisas, era sempre tudo junto.

Você é filha única F.?

Não, não, eu tenho uma irmã mais nova.

Então era você, seu pai, sua mãe e sua irmã?

Isso. Então a gente sempre parava, desenvolvia tudo junto, estávamos sempre muito juntos, ainda somos muito próximos, e isso eu repito com as minhas filhas e faço muita questão de que elas entendam essa dinâmica familiar como algo muito valioso.

Tá, o estar junto então.

Isso.

E do que você, mais alguma que você repete ou gostaria de repetir, pensando até no futuro, coisas que talvez hoje ainda não caibam porque elas são pequenas?

Eu acho que essa, de uma forma geral essa parceria de estar junto, de confiar, de ser o porto seguro, de olhar a família como algo, como alguém que incentiva, como um núcleo que incentiva, que protege, que está disponível, eu acho que isso engloba de variadas formas o que eu gostaria de repetir aquilo que eu recebi.

Tá, e o que você não gostaria então eu acho que abarca essa questão da cobrança, talvez, ou tem mais alguma coisa?

Eu acho que é mais isso, é que, é um pouco generalista eu entendo, mas, por exemplo, essa cobrança ela gerou em mim uma dificuldade muito grande de dar pequenos passos, porque eu sempre tinha muito medo de falhar no resultado final e decepcionar os meus pais porque como eu era muito bem tratada, muito bem recebida e o meu lar era muito amoroso, então eu tinha muito medo de decepcionar os meus pais. E isso me impediu de fazer muitas coisas, né, então agora com trinta anos, quase trinta e um é que eu consegui me encontrar profissionalmente, por exemplo, e a base de muitos erros é claro, mas esse arriscar, por exemplo, que eu poderia ter feito muito mais cedo ele demorou muito, eu precisei de ajuda, de terapias e tudo mais para conseguir dar os primeiros passos, errar o que eu precisava errar e conseguir me encontrar num ramo profissional, por exemplo.

O que você faz hoje?

Hoje eu sou confeitadeira, eu trabalho fazendo doces e bolos para bebezinhos.

Ah que legal, então com as restrições todas, é isso?

Isso, tudo vegano, sem açúcar, essas coisas todas.

Bacana, que bom, muito legal. Quem que você espera ser ou tenta ser, deseja ser como mãe para as meninas?

Eu espero ser a pessoa com quem elas contam quando elas tiverem uma dificuldade porque elas já são seres humanos incríveis, as duas, cada uma do seu jeitinho, cada uma com suas particularidades, mas elas são muito incríveis, e eu espero que eu seja sempre assim uma incentivadora desse desenvolvimento delas. Alguém com quem elas possam contar quando as coisas ficarem difíceis ou quando elas tiverem dúvidas. Eu acho, acredito que a maternidade seja isso.

Tá, suporte, pode-se dizer?

Isso, no início eu pensava assim queria ser um espelho para elas, e hoje eu quero que elas sejam, elas são tão incríveis e de formas tão diferentes, que eu não quero que elas olhem para mim e falem “eu quero ser como a minha mãe”, eu quero que elas sejam elas, e eu quero ajudar no processo dessa descoberta, quero ajudar no processo dessa construção da forma como eu puder.

O que mudou F., entre você querer ser um espelho e hoje você querer ser o suporte?

Eu tive que entender durante todo esse processo de descoberta minha de, de corte de cordão umbilical, de entender esse processo todo de não decepcionar o outro, tudo, que eu me espelhava na minha família.

Tá.

Então eu queria ter o sucesso, eu queria ser gentil como, eu queria ser inteligente como e precisei entender que eu era, eu me bastava e esse processo foi muito difícil, foi muito longo, bastante complicado, doloroso, e eu não quero passar isso para as minhas filhas.

Tá. Então a terapia foi um suporte para você fazer essa transição?

Foi, foi com certeza.

Tá bom, e considerando essa mãe então que você deseja ser, o que você espera que as meninas se tornem em função dessa mãe?

Eu acho que elas, eu espero que elas continuem amorosas, que elas continuem criativas, que elas continuem explorando sempre, que elas continuem fazendo as coisas sem medo de errar, que elas continuem descobrindo quem elas são, que elas continuem acolhendo e sendo gentis com as pessoas porque elas já são seres humanos incríveis hoje, então que elas continuem sendo respeitosas, que elas continuem defendendo aquilo que elas acreditam.

Tá, que valores você recebeu dos seus pais pela forma que eles te educaram?

Que difícil. É, eu acho que o maior presente que eles me deram foi o de olhar para o outro, esse valor de ser empático, de ser aberto a olhar para as outras pessoas, de ser respeitosa com a situação do outro e de conseguir enxergar o todo, de conseguir enxergar que eu faço parte do todo e que eu preciso fazer a minha parte para esse todo funcionar.

Aham, tá, então acho que respeito talvez né, entre aí, empatia?

Respeito, empatia, responsabilidade.

Responsabilidade dessa parte de que você precisa fazer essa parte. E esses

valores continuam fazendo sentido para você até hoje?

Sim, eles fazem muito sentido e eu tento passar isso para as minhas filhas também.

Tem algum que você, acho que conectado com essa prática que você não acredita, né, talvez a prática de cobrança excessiva, tem um valor embutido nessa prática que talvez seja, não sei, me diga se é para você, perfeição, sucesso talvez?

Sim.

Esses valores eles não fazem mais sentido ou eles ainda fazem de alguma forma, ainda estão presentes?

Não, não, para mim eles não fazem mais sentido.

Tá, como que você educa as meninas em situações em que elas fazem coisas que são consideradas inadequadas, ou coisas que não podem ser feitas?

Eu ainda tenho muita dificuldade com isso, porque apesar de entender que aquela agressividade física, ela, existe essa barreira, tudo, eu ainda não consigo controlar essa coisa do grito, essa coisa do perder a paciência, de, nem sempre consigo me colocar no lugar de ser a criança, e entender que aquele momento, por mais errado que seja ele não é necessariamente uma provocação, então quando eu consigo processar isso antes, ou tenho suporte de outra pessoa para me ajudar a conter, para me ajudar as meninas, para me ajudar a administrar o problema, as coisas são bastante tranquilas, a gente conversa, a gente explica o porque que aquilo é errado e tudo mais. Em algumas outras situações, algumas outras tantas situações, eu ainda não consigo administrar essa questão do grito, essa questão de perder muito a paciência, e uma das coisas que eu tenho aplicado, principalmente com a mais velha né, com a mais nova não porque acho que ela não tem idade nem para entender, é de cortar um pouco os privilégios, então bom, olha, hoje você está indo no mercado comigo, numa situação que a gente sabe que não pode ficar saindo de casa e tudo mais, mas você não pode encostar nas coisas, você não pode sair correndo na frente e a gente precisa tomar um certo cuidado, se ela faz alguma coisa fora daquilo que foi combinado antes, então na hora que a gente volta para casa, da próxima vez você fica em casa porque você não cumpriu com o nosso combinado, e aí numa outra vez a gente explica o porquê que ela não está indo.

Tá, é o privilégio no sentido de perder aquilo que ela tinha mesmo porque

naquele momento ela não soube...

Cumprir com o combinado.

Tá.

Eu acho que esse é um dos recursos que eu tenho usado com mais frequência, mesmo quando são coisas dentro de casa assim, olha, você quer muito comer um chocolate, é depois do almoço, se ela for até o armário e pegar o chocolate, mesmo depois do almoço ela não ganha, ela perde o acesso ao chocolate naquele dia.

Tá, se ela for sem você deixar, é isso?

É, se ela já foi lá pegar e eu falei para ela que naquele momento ela não pode, que ela precisa esperar até outro momento e ela vai lá e insiste, ela perde o acesso aquela, isso pode ser tela, pode ser televisão, pode ser o que quer que seja né.

Tá bom, quais valores você acredita que você ensina para as meninas com essas práticas que você acabou de me contar?

Eu espero estar porque assim, é difícil de saber se realmente está fazendo efeito né, mas eu espero estar ensinando para elas algum limite.

Tá, e porque você acha que é importante ensinar limite, eu estou tentando aqui entender o valor por trás. Qual que é o valor importante para a gente ensinar limite para uma criança, para você né, para você F.?

No meu entendimento, a pessoa que não tem limite, seja ela na idade que for, é uma pessoa que não entende qual o limite do outro também né, então se a criança entende que ela pode a qualquer momento pular uma refeição, ou comer uma besteira, uma criança que depois mais para frente pode ter uma inclinação a obesidade, ou uma criança que pode ter problemas de saúde decorrentes disso, ou, ah, eu vou no mercado, eu vou abrir um pacote antes de passar ele no caixa e pagar. Então, também tem aqueles valores assim, hoje eu abri o pacote antes, depois é esconder o pacotinho porque afinal de contas eu já consumi aqui mesmo e não tem problema, enfim, todas essas questões que podem levar depois a algum desvio de saúde, de moral.

Tá, então são esses, fora os valores que você recebeu dos seus pais, você diria que esses valores são importantes que você como mãe, busca passar para elas?

Isso.

A saúde né, parece que aparece aí como um valor importante né, cuidar da saúde.

Sim.

Você falou moral, o que, porque valor moral é uma coisa bem ampla, o que dentro da moral você acha que é mais importante para você F.? Ensinar para elas né.

Aquelas coisas mais, até as maiores né, de bom, eu não posso levar uma coisa se ela não é minha, eu não posso fazer algo escondido, eu não posso ter um grande segredo, ou não numa questão de privacidade, mas naquelas questões mais importantes, ah eu vou fazer aqui escondidinho porque é uma coisa que não é tão certa, porque é uma coisa que meus pais acham que não é certo e então vou fazer escondido, que possa coloca-las numa situação de risco, físico ou psicológico mais para a frente.

Aham, então, a honestidade?

Honestidade.

Transparência talvez?

Sim.

Tá, o que vem para você quando você pensa a saúde como um valor, para você F., quando você pensa que isso é um valor que você gostaria de passar para as suas filhas?

Tá, nós temos históricos de doenças na família, então, por exemplo, problema de pressão alta, de diabetes e tudo mais, então são coisas que as meninas, asma, alergias, são todas coisas que as meninas já estão propensas a ter, já tem uma predisposição e que se elas não cuidarem agora, mais para frente elas podem desenvolver aí esses problemas, já tem essa, essa possibilidade, e esse cuidado diário apesar de ser bastante maçante, ele é muito necessário dentro dessa predisposição que a gente já tem, dentro dessa realidade que a gente vive aqui né, como família, essas questões elas são questões importantes, então assim, ter acesso a tudo, mas com a limitação de saber que se passar daquela quantidade ou não tiver o mínimo de controle, existe a possibilidade depois de ter que cortar aquilo no zero, então, ah o doce, hoje você pode comer um pouco porque o doce é gostoso, mas se você insistir em comer demais, mais para frente você

vai ter que cortar isso no zero porque você já tem uma predisposição então a diabetes, por exemplo, então acho que os nossos cuidados maiores são por conta disso, a gente já vê vó, já vê pai, mãe, sofrendo com esses sintomas, com essas doenças e são coisas que a gente já tenta proteger as meninas de desenvolver mais para frente.

Foi um valor passado para você esse?

Sim, eu tenho asma desde os três anos de idade, por exemplo, e sou alérgica a várias coisas, então é um cuidado que está presente e uma insistência a respeito desses limites que vem desde berço quase.

Tá, e que faz sentido pra você, do jeitinho que foi passado continua fazendo sentido?

Sim, continua fazendo sentido.

Tá, e aí pensando nesses valores e nas práticas que você usa, você acha que você tem, eu sei que elas são pequenas, mas do que você vê como mãe, você acha que tem conseguido passar esses valores?

Eu acho que mais por exemplo e por restrição do que por conversa propriamente dita, então se eu faço um prato colorido, elas estão mais propensas a comer colorido também, mas se um dia eu não quero comer uma determinada salada, elas também ficam propensas a não comer aquela determinada salada, mesmo que eu diga que aquilo é importante, mesmo que eu diga que aquilo faz parte de um cuidado, então elas estão bastante envolvidas no nosso dia a dia aqui, e tudo mais, e o cuidado maior que a gente tem tido em casa é justamente o de dar o exemplo, e de não ter uma vitrine de proibição dentro de casa para que elas se sintam assim sempre, proibidas de comer algo, de consumir algo, ou de ter algo que está as mãos.

Tá, então você não tem em casa um monte de coisas que elas possam querer comer para que elas não fiquem tentadas, e você tenha que dizer não.

Isso, ou sei lá, de repente, a gente tem uma série de alergias, então se a gente, a gente toma cuidado, por exemplo, pra não ter bichinho de pelúcia, quando elas pedem uma pelúcia a gente tenta comprar daqueles tecidos antialérgicos ou de outro tipo, manda fazer ou, procura uma alternativa né, nós estamos mais propensos a fazer dessa forma, então bom, nós vamos comparar uma caixinha de bombons, e aí elas tendem sempre “ah nossa, bombons”, é uma coisa que, elas gostam bastante de chocolate, e aí come o

primeiro, come o segundo e depois olha, agora chega, e aí invés de deixar numa bomboniere ali a mão delas, a gente esconde num armário mais alto, e tudo mais, aí de vez em quando acontece, elas vão lá, pegam a cadeira e vão tentar mexer para pegar sozinhas e tudo mais, e aí tem que chegar nesse momento de falar, olha, agora não, se você quiser comer mais um é só amanhã, ou só depois, e se a gente pega ela repetindo essa questão de ah quero, eu vou lá pegar mesmo sem você deixar, aí pronto, acabou, por hoje, você ia ganhar e agora você não vai mais.

Tá.

Então, são essas questões de cuidado, se a gente acha que está muito frio, ao invés de a gente falar para elas veste uma blusa, é, vou vestir uma blusa, vem você também porque hoje está frio. Todas essas questões de saúde a gente procura vir primeiro pelo exemplo, mesmo que elas não tenham ainda uma, um ímpeto de tomar essas decisões mais assertivas sozinhas, a gente vê que elas não apresentam tanta resistência quando a gente faz primeiro.

Tá, tá. Qual valor desses que você me contou você diria que é o mais importante talvez, ou o que permeia mais práticas hoje?

Não sei se eu consigo elencar um.

Se você quiser falar um que vem a sua cabeça, dois, três, de mais importantes assim?

Dos mais importantes a gente preza muito pelo respeito porque são, é um valor que vai para além do círculo familiar que pode ser estendido para o lado de fora e honestidade, até por uma questão de segurança, acho que a gente tem prezado muito por honestidade.

Em que sentido F., por uma questão de segurança?

No sentido que se a gente não pratica com elas a honestidade dentro de casa, e a serem honestas conosco, pode chegar um momento, por exemplo, em que a vovó fala assim, toma aqui um pirulito e esse é um segredinho só nosso e isso pode evoluir depois para um abuso que fica só no segredinho entre a gente, ou num consumo de drogas que fica só num segredinho entre a gente e assim por diante. São preocupações bastante presentes para nós, principalmente com a L. que está dentro do espectro autista.

Tá.

E como ela é de alto rendimento, então ela muito funcional e a gente tem bastante receio de, de repente mais para frente ela, por exemplo, a gente vê que qualquer coisa que vire uma pequena rotina como, sei lá, por exemplo, dar tchau para o pai de manhã antes de ele sair para trabalhar, se ela acorda e o pai já saiu pra trabalhar, aquilo vira um transtorno. Então a gente tem muito receio, por exemplo, de que na adolescência ela experimente um cigarro porque é uma coisa que ela não vai conseguir largar com tanta dificuldade depois, que para ela vai ser uma questão...

Então você entende que ela é mais suscetível a criar hábitos, a criar hábitos mais facilmente.

Exatamente, então para nós essa questão da honestidade ela é muito importante, principalmente para garantir que a L. tenha uma vida adulta funcional e autônoma.

Aham, tá. Então é uma coisa que norteia as práticas inclusive pensando a longo prazo, não é no agora só né?

Exatamente.

Tá, bom, as perguntas eram essas, antes de fazer a ultima queria saber se tem mais alguma coisa que você queira contar em relação a esse tema de práticas, valores, como foi a sua criação, a criação que você dá, e aí eu faço a ultima que é mais, mais pessoal.

Não, eu acho que já resumi bem o que acontece aqui.

Tá, e como é que foi então para você contar, compartilhar, enfim, como é que foi falar sobre essas coisas todas?

É um momento gostoso, um momento de reflexão também, acho que eu nunca tinha parado para pensar tão profundamente, tão especificamente em algumas escolhas, é sempre mais assim, precisa saber, a gente precisa nortear as coisas dentro da nossa experiencia, evitar cometer os mesmos erros ou fazer as coisas dentro daquilo que os especialistas dizem que é mais assertivo, né, e tudo mais, principalmente no caso da L. e por isso que é assistida por TO, por fono, por psicólogos, por neurologistas e etc., então são muitas pessoas falando, sempre direcionando as nossas escolhas, mas mais pessoalmente eu acho que foi interessante pensar oi porque dessas decisões e de como isso está, tem sido aqui, foi bem legal.

Bacana, eu vou parar a gravação e aí a gente se despede.

Tá certo.